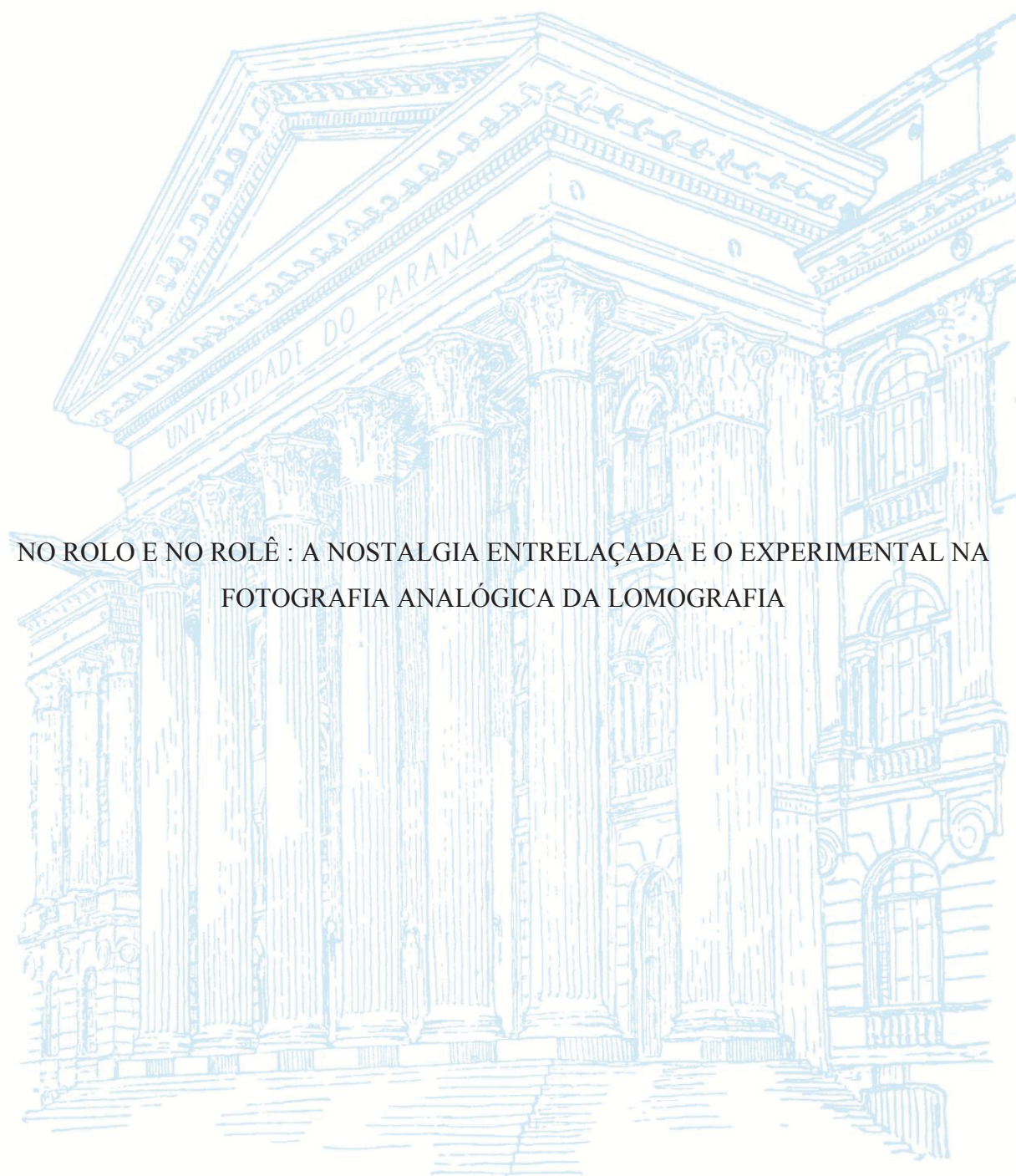


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

AMANDA ELISSA IARGAS



NO ROLO E NO ROLÊ : A NOSTALGIA ENTRELAÇADA E O EXPERIMENTAL NA
FOTOGRAFIA ANALÓGICA DA LOMOGRRAFIA

CURITIBA

2018

AMANDA ELISSA IARGAS

NO ROLO E NO ROLÊ: A NOSTALGIA ENTRELAÇADA E O EXPERIMENTAL NA
FOTOGRAFIA ANALÓGICA DA LOMOGRAFIA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção
do grau de Mestre em Sociologia, no Curso de Pós-
Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Dra. Ana Luisa Fayet Sallas

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

largas, Amanda Elissa

No rolo e no rolê : a nostalgia entrelaçada e o experimental na fotografia
analógica da Lomografia / Amanda Elissa largas. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas
da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profª. Drª. Ana Luisa Fayet Sallas

1. Fotografias - Sociologia. 2. Lomografia. 3. Nostalgia. 4. Tempo
(Sociologia). I. Título.

CDD – 771



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **AMANDA ELISSA IARGAS** intitulada: **No rolo e no rolê: A nostalgia entrelaçada e o experimental na fotografia analógica da Lemografia.**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 30 de Maio de 2018.

ANA LUISA FAYET SALLAS

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

ANUSCHKA REICHMANN LEMOS

Avaliador Externo (UFPR)

ANGELO JOSE DA SILVA

Avaliador Externo (UFPR)

AGRADECIMENTOS

Se estou aqui escrevendo estes agradecimentos é porque uma série de pessoas me possibilitou que eu chegasse até aqui (que é o final de tudo que escrevi, apesar de aparecer antes). Academicamente, gostaria de agradecer primeiro a minha orientadora, Ana Luisa Fayet Sallas. Tendo vindo de outra área, já que sou graduada em jornalismo, ela soube compreender os pontos em que isso refletia no meu processo, tanto os enriquecedores, quanto os limitantes. Me instigou a abraçar meu tema, um tanto distoante dos meus pares, e me deu liberdade para encontrar meu caminho dentro dele. Meus períodos de ausência, faziam apenas com que ela iniciasse nosso próximo encontro com um “como você está?” mais enfático, olho no olho. Agradeço pela sensibilidade de seu lado humano.

À Claudia Gordillo, que é como uma co-orientadora para mim. Ela esteve neste projeto desde o seu princípio, quando ainda o concebia como uma proposta de pesquisa, e suas sugestões durante todo esse percurso foram essenciais para que ele tomasse a forma que tem hoje. Sua amizade me trouxe muitos bons momentos e um bocado de serenidade.

Aos lomógrafos que me permitiram entrar em cada um dos seus mundos particulares por meio das suas lentes (de plástico). Ao designer gráfico Jefferson P. Faria, o amigo que fez a arte do mapa do *corpus* para mim.

Agradeço aos outros integrantes do quinteto PLATA, Priscila Costa, Leonardo Micheleto, Aline Pinheiro e Thiago Elias, que tornaram esta trajetória mais engraçada e leve. À Aline, principalmente pela companhia nos dias de escrita final, que me incentivaram a, por fim, concluir este texto. À Priscila, pelas caronas, horas de conversa, inúmeras cervejas e uns (poucos) cigarros que dão o tom dessa grande amizade. Ao Leonardo, pela companhia nos almoços no R.U. e por me levar para suavizar a alma. E ao Thiago, pelas piadas e trocadilhos sociológicos, que, mesmo sumido, será sempre da família.

Três pessoas foram importantes para que eu entrasse nesse programa de pós-graduação. Agradeço a Danielle Leal, que inadvertidamente, largou uma Diana Mini na minha mão para que eu descobrisse como mexer nela e deu origem a tudo que veio depois; a Elisa Stefan que foi a primeira pessoa a me incentivar a fazer mestrado, o que eu achei uma péssima ideia na época, e por depois escrevermos nossos projetos juntas, a única coisa que fez com que o meu de fato existisse; e a Ricardo Alexandre Pereira, que deu asas à essa ideia, me colocando em contato com a Cláudia e dando as dicas de por onde começar.

Também a Ricardo, por ser não só um amigo, mas um mecenas, que acreditou em meu potencial num tempo agora muito distante em que eu mesma não fazia ideia do que era capaz e acredita até hoje, em cada um dos caminhos que tomei nessa longa jornada.

Preciso ainda agradecer a Elisa por tudo que me ensinou e dividiu comigo (e pela galáxia, foi muito!), pela autenticidade dessa amizade, que se iniciou no meu pior momento e hoje é uma parte de mim.

A Michel Ferreira, que me convenceu de que sou muito maravilhosa. E a Luciana Matos, pela companhia em dias agrídoces de nostalgia de tempo linear.

Às amigas do futebol, com as quais compartilhei um ano intenso e me ajudaram a manter algum juízo, ainda que apenas mental. Principalmente à “namorada” Annelize Tozetto, que me levou para essa vida, pelos infindáveis conselhos, inclusive profissionais, pelos abraços e brigadeiros e por dizer que tá tudo bem ser quem eu sou.

A meus companheiros de apartamento, Clara Lume, pela conexão libriana, conversas matinais, por fazer eu me alimentar direito e encontrar o caminho de casa depois dos bloquinhos de carnaval, numa amizade de infância que já dura seis meses. E ao Leonardo Lacerda, pelas boas refeições e paciência com minha expansão pela sala.

Às minhas terapeutas, Sandra Lima e Priscyla Lindner, e àqueles que dividiram comigo esse caminho corajoso de abrir mentes e corações em um grupo heterogêneo, em especial ao amigo Alberto Carvalho.

A minha família, que sempre comemorou comigo as minhas vitórias e me deu apoio nos momentos difíceis. À Catarina Elisabete Iargas, pelos telefonemas, pela ajuda e pelas deliciosas viagens. À Viviane Surek, por sempre me perguntar qual era o plano e o foco, até que eu encontrasse meu rumo, e pelos almoços para colocar o papo em dia. À Denise Surek, por colocar algumas das minhas partes no lugar. À Wanda Surek, pelo trabalho, e por me presentear com muitas comidinhas deliciosas de vó.

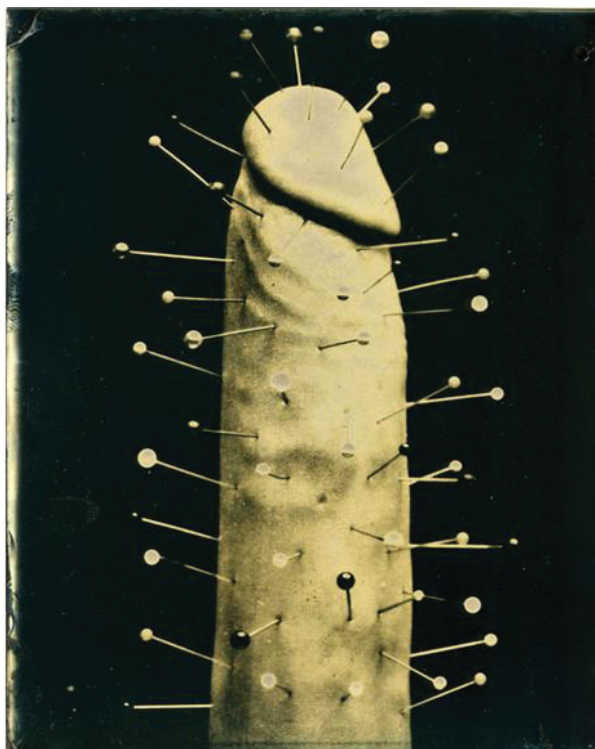
À Raisa Iargas, que sempre me incentivou a fotografar e me deu duas das minhas câmeras analógicas. Pelo nosso recomeço e por ser minha inspiração. Ao Matheus Iargas, pelo carinho e por fazer a vida mais divertida. Ao Nicolas Iargas, que me mostrou meus limites pelas nossas diferenças. Aos meus pais, Raul Iargas e Jane Iris Surek Iargas, que me ajudaram na minha caminhada, mesmo quando não compreendiam minhas escolhas, e que comemoram comigo cada uma das minhas conquistas. Obrigada por me fazerem sentir amada e que sempre tem um lugar para voltar e com quem contar.

A quem eu amei de uma forma particular, porque quando acaba parece que nos arranca um pedaço, mas me fez perceber que o tempo pode ser mesmo entrelaçado e que o que vivi vai fazer parte de mim sempre. Eu agradeço pelo que eu aprendi, pelos momentos compartilhados, pela oportunidade de expandir horizontes e me conhecer melhor.

Hoje quando vocês forem para casa dormir, se isso acontecer, antes de se deitar na cama, caminhem até o espelho. Quando estiverem de frente com este, observem atentamente e estranhem o seu rosto, e, vejam como é maravilhoso, o rosto. Depois façam o mesmo com as mãos, em seguida com o sono e o sonho. Porém, ao se deitar, não adormeça na mediocridade do seu quarto. Adormeça onde você realmente está: na galáxia!

Chico de Assis

Chris Bierrenbach
Meu Consolo
2012



RESUMO

Este estudo investiga os aspectos que levam à prática da lomografia, um movimento contemporâneo de fotografia analógica. A pesquisa realiza-se por meio da pesquisa qualitativa, incluindo questionário e entrevistas com lomógrafos, observação participante de um *lomo rolê* e análise de lomos; buscando na revisão histórica e de literatura os fundamentos para os parâmetros observados. Isto se deu em um processo circular de pesquisa, que conflui com o pensamento de Vilém Flusser, do qual se parte para basear o entendimento da lomografia. Quatro fatores emergem como focos centrais no movimento: nostalgia, experimentação, afetividade e diversão. Estes elementos estão presentes tanto no ato lomográfico quanto nas lomografias em si. Utiliza-se uma compreensão de tempo como entrelaçado, não-linear, onde a divisão entre passado e futuro se dilui, incorporando-os ao momento presente. A lomografia se demonstra uma prática entrelaçadora de tempo, pessoas e possibilidades.

Palavras-chave: Lomografia. Fotografia. Nostalgia. Experimentação. Tempo.

ABSTRACT

This study investigates the aspects that lead to the practice of lomography, a contemporary analog photographic movement. The research is performed through qualitative research, including questionnaire and interviews, participant observation at a *lomowalk* and *lomos'* analysis, pursuing on historic and literature review the fundamentals for the observed parameters. This was a circle process of research, concurring with Vilém Flusser theory, from which this study bases the comprehension of lomography. Four factors emerge as central focuses for the movement: nostalgia, experimentation, affection and enjoyment. These features are present in the lomographic act as well as lomographies themselves. Time is addressed as interlaced, non-linear, where the division between past and future thins out, and they are incorporate to present moment. Lomography is revealed to be an interweaver practice of time, people and possibilities.

Keywords: Lomography. Photography. Nostalgia. Experimentation. Time.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 01 - PUBLICIDADE DA CÂMERA KODAK.....	22
FOTOGRAFIA 02 - INSTANTÂNEAS KODAK	23
FOTOGRAFIA 03 - FOTOGRAFIA CÂNDIDA DE SALOMON	25
FOTOGRAFIA 04 - WALKER EVANS - FOTOGRAFIAS DO METRO DE NOVA YORK	26
FOTOGRAFIA 05 - FOTOGRAFIAS DE VIVIAN MAIER	29
FOTOGRAFIA 06 - PRIMEIRAS LOMOGRAFIAS DE WOLFGANG STRANZIGER E MATTIAS FIEGL	30
FOTOGRAFIA 07 - LOMÓGRAFOS CONTRABANDEANDO CÂMERAS	31
FOTOGRAFIA 08 - <i>LOMOWALL</i>	33
FOTOGRAFIA 09 - <i>GREAT LOMOWALL</i>	36
FOTOGRAFIA 10 - FOTOS DA CATEGORIA <i>POPULAR</i> NO SITE OFICIAL	39
FOTOGRAFIA 11 - FOTOS DA CATEGORIA <i>TRENDING</i> NO SITE.....	41
FOTOGRAFIA 12 - <i>LOMO 7</i> DO QUESTIONÁRIO	61
FOTOGRAFIA 13 - <i>LOMO 6</i> DO QUESTIONÁRIO	62
FOTOGRAFIA 14 - <i>LOMO 8</i> DO QUESTIONÁRIO	62
FOTOGRAFIA 18 - <i>LOMO 15</i> DO QUESTIONÁRIO	63
FOTOGRAFIA 16 - <i>LOMO 4</i> DO QUESTIONÁRIO	64
FOTOGRAFIA 17 - <i>LOMO 2</i> DO QUESTIONÁRIO	64
FOTOGRAFIA 18 - <i>LOMO 5</i> DO QUESTIONÁRIO	64
FOTOGRAFIA 19 - LOMOGRAFIA COM TEMA COTIDIANO	67
FOTOGRAFIA 20 - LOMOGRAFIA DE ESTÉTICA NOSTÁLGICA PUBLICADA EM SET. DE 2017.....	68
FOTOGRAFIA 21 - LOMOGRAFIA DE ESTÉTICA NOSTÁLGICA PUBLICADA EM JAN DE 2017	69
FOTOGRAFIA 22 - LOMOGRAFIA DE ESTÉTICA NOSTÁLGICA PUBLICADA EM SET. DE 2017.....	69
FOTOGRAFIA 23 - ANIVERSÁRIO DE 80 ANOS DA BISAVÓ DA AUTORA, 1995	69
FOTOGRAFIA 24 - DUPLA EXPOSIÇÃO PUBLICADA EM JUN. DE 2011.....	71
FOTOGRAFIA 25 - DUPLA EXPOSIÇÃO PUBLICADA EM JUN. DE 2011.....	71
FOTOGRAFIA 26 - LOMOGRAFIA PUBLICADA EM AGO. 2011	72
FOTOGRAFIA 27 - <i>LIGHT PAINTING</i> PUBLICADA EM AGO. 2011.....	72

FOTOGRAFIA 28 - FOTOGRAFAIS ABSTRATAS DE COBURN E BRUGUIÈRE ..	74
FOTOGRAFIA 29 - FOTOGRAMAS DE MAN RAY E MOHOLYY-NAGY	75
FOTOGRAFIA 30 - FOTOGRAFIAS DE GERALDO DE BARROS.....	76
FOTOGRAFIA 31 - FOTOGRAFIAS EXPERIMENTAIS	77
FOTOGRAFIA 32 - DIVULGAÇÃO DO LOMO ROLÊ NO FACEBOOK.....	81
FOTOGRAFIA 33 - OLHO DE PEIXE	101
FOTOGRAFIA 34 - HUMANO ACIMA DO DIVINO.....	103
FOTOGRAFIA 35 - O ANJO	105
FOTOGRAFIA 36 - EXPERIMENTAÇÃO E NOSTALGIA NAS FOTOS DE LUCAS MARUO	119

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - PAÍSES REPRESENTADOS NA PESQUISA E INTENSIDADE DE PARTICIPAÇÕES	54
GRÁFICO 2 - INTERESSE EM INSTANTÂNEAS.....	56
GRÁFICO 3 - TEMAS DE INTERESSE.....	57
GRÁFICO 4 - ASPECTOS DE INTERESSE - LOMOGRRAFIA	58
GRÁFICO 5 - DIFERENÇAS ENTRE CÂMERAS LOMOGRÁFICAS E OUTRAS ANALÓGICAS	59
GRÁFICO 6 - DESVANTAGENS DA LOMOGRRAFIA.....	60
GRÁFICO 7 - PORQUE USAM ANALÓGICO	65
GRÁFICO 8 - ELEMENTOS DA LOMOGRRAFIA NAS IMAGENS E NO ATO FOTOGRÁFICO	113

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	DA KODAK À LOMOGRAFIA - A TRAJETÓRIA DA FOTOGRAFIA ESPONTÂNEA.....	22
2.1	A FOTOGRAFIA CÂNDIDA DE ERICH SALOMON E A CÂMERA ESCONDIDA DE WALKER EVANS	24
2.2	A TRAJETÓRIA SECRETA DE VIVIAN MAIER.....	26
2.3	PRIMÓRDIOS DA LOMOGRAFIA: DA CÂMERA SOVIÉTICA À SOCIEDADE EM VIENA.....	30
2.4	MADE IN CHINA: TRANSFERÊNCIA DA PRODUÇÃO E O SURGIMENTO DAS GALLERY E EMBASSY STORES	34
2.5	CONEXÕES ANALÓGICAS E DIGITAIS: EVENTOS INTERNACIONAIS E WEBSITE	35
2.6	AS IMAGENS LOMOGRÁFICAS	38
2.7	COMO ENFIM CHEGAMOS ATÉ AQUI: TEMPO, TÉCNICA E FOTÓGRAFO	41
3	NOSTALGIA E TEMPO ENTRELAÇADO.....	46
4	PESQUISA ONLINE: NOVAS DESCOBERTAS	52
5	MAGIA E JOGO NA FOTOGRAFIA LOMOGRÁFICA.....	67
5.1	A FOTOGRAFIA EXPERIMENTAL	73
6	LOMO ROLÊ: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DA SOCIABILIDADE ENTRE LOMÓGRAFOS.....	80
6.1	LOJA DA LOMO: PONTO DE ENCONTRO E DE PARTIDA	82
6.1.1	Eventos: construindo novos laços analógicos	83
6.2	LOMO-BEBÊ: A RELAÇÃO AFETIVA QUE ENVOLVE O FOTOGRAFAR LOMOGRÁFICO E A HERANÇA DO <i>HOBBY</i>	84
6.3	COMUNIDADE LOMOGRÁFICA: A DIVERSIDADE DE CÂMERAS ANALÓGICAS	86
6.4	AMADORISMO: A SIMPLICIDADE NÃO É NECESSARIAMENTE FÁCIL	87
6.5	A ESTÉTICA E O FOTOGRAFAR LOMOGRÁFICOS	89
6.5.1	Espontaneidade e simplicidade.....	91
6.5.2	Número de fotos: limitações e a dinâmica de fotografar.....	93
6.5.3	Nostalgia: componente intrínseco da fotografia.....	94
7	A CONVERSA MÁGICA: UMA ANÁLISE POSSÍVEL DAS LOMOGRAFIAS	95

7.1	MUNDO MUNDO VASTO MUNDO: PAISAGENS	98
7.1.1	Bucólicas	99
7.1.2	Mar de gente.....	100
7.2	MEGALOMÓPOLIS: URBANIDADES	102
7.2.1	Azul é a cor mais quente	103
7.2.2	Quatro ou quantas paredes?	104
7.2.3	História em quadrinhos: Fragmentos	105
7.2.4	Tanta volta pra nenhuma resposta: cinesias urbanas.....	106
7.3	OLHOS NOS OLHOS: PERSONAGENS	107
7.3.1	Flores na cabeça e pétalas no coração: lomografia de casais	108
7.3.2	Antes de anoitecer	109
7.4	AO INFINITO E ALÉM: EXTRAPOLAÇÕES	109
7.4.1	Manequins surreais.....	109
7.4.2	Lomo ou não lomo, eis a experimentação.....	110
7.5	INTERPRETAÇÕES ENTRELAÇADAS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE	
	FINAL	111
	CONCLUSÃO	115
	REFERÊNCIAS	120
	APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO - VERSÃO PORTUGUÊS.....	126
	APÊNDICE B - LISTA DE DIVULGAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	131
	APÊNDICE C - RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO	132
	APÊNDICE D - SOBRE AS IMAGENS DO <i>CORPUS</i>	152
	APÊNDICE E - MAPA DO CORPUS.....	ENCARTE
	ANEXO A - AUTORIZAÇÕES DE USO DE INFORMAÇÃO E IMAGENS.....	156

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados encomendados por uma empresa de armazenamento online de imagens, Mylio, estimava-se que seriam produzidas 1,2 trilhões de imagens no ano de 2017, 9% a mais do que em 2016 (MYLIO, 2016). Nem sempre os processos de produzir e disseminar imagens fotográficas foram tão acessíveis. Como se sabe, a era digital possibilitou acoplar câmeras de lente minúscula e operação intuitiva a telefones celulares já conectados para distribuir imediatamente e “sem custo” essas imagens. Fotografar passou a ser uma atividade constante para uma parcela considerável da população mundial. Mas a ideia de fotografar como algo corriqueiro, já era o cerne do movimento lomográfico desde 1992, quando foram lançadas as regras de ouro da lomografia, um movimento artístico de fotografia analógica que se tornou uma empresa com a filosofia do fotografar como parte do cotidiano, a *Lomography*.

Podemos considerar que boa parte das “regras” (e tomo as aspas pela paradoxal regra número 10)¹ desse fotografar estão sendo seguidas hoje em dia pelos fotógrafos amadores de câmeras de celulares. No entanto, há algumas diferenças nesse processo, que se definem principalmente por lomografia se fazer com filmes fotográficos. Assim, o processo é analógico e para tanto há necessidade de espera. Seja no fotografar, já que há necessidade de haver algum critério, porque o filme é finito, seja na divulgação dessas imagens, que dependem de processo químico de revelação prévia para só então serem vistas e divulgadas.

Minha relação com a lomografia começou há alguns anos, quando uma amiga me pediu ajuda para aprender como usar uma *Diana mini* recém comprada. Ela deixou a câmera comigo para eu descobrir como mexer nela, desde então comecei a sair para fotografar com várias câmeras a tiracolo, entre digitais e analógicas. Certa vez, sai para fotografar numa viagem com cinco câmeras diferentes.

Eu aprendi a fotografar profissionalmente na faculdade de jornalismo, pelo processo analógico. E fotografar com lomos me remetia àquela época de descobertas e a magia de revelar os primeiros filmes e fotografias no quarto escuro. A paixão e curiosidade de entender melhor esse mundo lomográfico com que me envolvi fez com que eu a tomasse como objeto de estudo.

A relevância dessa pesquisa encontra-se na larga disseminação dessa prática fotográfica no mundo (só os cadastrados no site são mais de um milhão de lomógrafos (LOMOGRAPHY, 2015a)); a elevada quantidade de imagens postadas diariamente apenas no

¹ Não se preocupe com nenhuma regra (LOMOGRAPHY, 2015b)

site oficial, que gira em torno de 1750²; e a curiosa retomada do analógico em era tomada pela febre do digital.

Essa inclusive é a questão que orienta este estudo, afinal, o que instiga as pessoas a lomografar, quando é possível obter resultados semelhantes digitalmente? Tomou-se como hipótese de que a responsável seria a nostalgia. Logo, iniciou-se esta pesquisa buscando as raízes da fotografia espontânea, desde invenções técnicas que lhe possibilitaram, passando por fotógrafos que lançaram suas bases até se chegar na lomografia. Este levantamento histórico é apresentado no capítulo *Da Kodak à lomografia: A trajetória da fotografia espontânea*. Note-se que a lomografia surgiu como uma movimento artístico de fotografia, mas sua peculiaridade fez com que seus precursores estivessem envolvidos em questões financeiras e comerciais desde o começo. Existe um hibridismo já no princípio do movimento entre a sociedade, enquanto grupo de pessoas fotografando com os mesmos princípios, e a empresa, que vendia, criava e divulgava seus produtos. Para fins desse trabalho, utilizaremos ‘*Lomography*’ quando o texto se referir a empresa e ‘lomografia’ quando nos referirmos ao movimento artístico, ao processo fotográfico e forma de pensar e se relacionar com o mundo e as pessoas, defendida pelo movimento.

No terceiro capítulo, *Nostalgia e Tempo entrelaçado*, vai-se mostrar como surgiu o conceito de nostalgia, sua modificação de um processo doloroso e mesmo doentio para um sentimento aprazível e capaz de modificar nossas memórias e consequentemente nossa relação com o mundo, as pessoas e o tempo. Nos levam por esse trajeto Linda Hutcheon, Svetlana Boym, especialistas no assunto, e os sociólogos Fred Davis e Janelle Wilson. Aqui, propõe-se usar uma ideia de nostalgia pautada no conceito de tempo entrelaçado, onde se pode transitar entre passado, presente e futuro e que, assim, se desassocia da amargura que lhe deu início.

Parte-se então para o levantamento de dados com os lomógrafos a partir de um questionário. Nesta primeira fase da pesquisa, já direcionada apenas a lomógrafos, apresentada no capítulo *Pesquisa online: Novas descobertas*, procurou-se delinear um perfil dos praticantes, quais seus hábitos em relação à lomografia e no que diferem da sua prática fotográfica digital. Tendo em vista testar a hipótese, pediu-se que os respondentes fizessem associações de lomos com sentimentos em resposta aberta. A análise da totalidade de respostas do questionário possibilitou compreender que nostalgia fazia parte do interesse das pessoas em praticar lomografia, juntamente com experimentação e diversão.

² Segundo levantamento da autora. Para mais detalhes, consultar a nota de rodapé nº22.

Entre os fatores que mais chamam atenção nos resultados, um deles é que a maioria dos lomógrafos considera que a qualidade das câmeras lomo é pior se comparada a outras câmeras analógicas, mas que isso não é algo desfavorável, pelo contrário, contribui para criar um efeito estético que é característico dessas imagens e agrada aos praticantes. A estética peculiar é inclusive o fator que mais leva as pessoas a fotografarem com lomos. A *nostalgia* aparece aqui, ainda que em segundo plano. Para os lomógrafos, a *experimentação* e imprevisibilidade são bem mais importantes para os resultados estéticos que eles procuram.

No entanto, na análise aberta entre fotografias e sentimentos todas as fotos foram associadas a *nostalgia* pelo menos uma vez. Foi, inclusive, juntamente com termos relacionados, o tema mais citado em duas de onze fotografias. Houve ainda um grande foco no fator *diversão* que a lomografia traz. Este fator está presente no *experimental*, nas saídas em grupo e na fotografia instantânea e sua revelação ‘mágica’ frente aos nossos olhos.

Para explicar como *experimentação* e *diversão* interferem na lomografia, recorreremos no capítulo cinco, *Magia e jogo na fotografia lomográfica*, às ideias de Vilém Flusser. Vamos procurar entender as relações na comunidade lomográfica como mágicas, na perspectiva do autor, porque se dão por meio de imagens. Também vai se entender a *experimentação*, enquanto jogo que procura desvendar a caixa preta. Ao fim do capítulo, traçaremos um breve histórico da fotografia experimental, identificando quais os fatores caracterizam essas imagens. Descobre-se que há um alargamento do que é nomeado experimental pelos lomógrafos admitindo-se a presença de imprevisibilidade como indicativo para uma fotografia ser considerada experimental. Verdadeiramente, o que define a fotografia experimental é a extrapolação intencional do meio com intuito de criar imagens previamente imaginadas pelo fotógrafo as quais não encontram paralelo no mundo.

A segunda fase da pesquisa é apresentada nos capítulos finais. No capítulo 6, *Lomo rolê: observação participante da sociabilidade entre lomógrafos*, vai se traçar de que maneira a sociabilidade influencia a prática lomográfica e como se dá as interações nesses grupos através do acompanhamento de um *lomo rolê* na cidade de São Paulo e de relatos recolhidos por meio dos questionários e de entrevistas. Aqui fica claro que a sociabilidade entre os lomógrafos é um elemento de ligação com a prática, que inclusive é mais relevante para alguns do que a própria obtenção de imagens. Nota-se ainda que essa sociabilidade cria laços afetivos que superam a prática lomográfica.

Em *A conversa mágica: uma análise possível das lomografias*, último capítulo, toma-se as imagens fornecidas pelos próprios lomógrafos como mais significativas para eles e propõe-se uma leitura significativa a partir de sua estética. Soma-se a isso a descrição pessoal

do contexto de captura o do porquê dessas imagens serem relevantes como indicativos da lomografia enquanto prática *afetiva*, *experimental* e de *diversão*. Por fim, faz-se uma recuperação de todas as descobertas deste estudo a fim de traçar um quadro geral dos aspectos mais expresivos do movimento.

Há uma coleção de fotos que aparecem no decorrer do texto. Aqui queremos justificar algumas escolhas. Primeiramente, optou-se por trazer sempre um conjunto de imagens para que juntas produzissem uma compreensão do conceito que esteja sendo discutido. Fez-se isso por acreditar que um padrão traduz verdadeiramente uma prática ou forma de pensamento, uma elaboração intencional, em contraposição ao que poderia ser um possível acidente de percurso. Em segundo, tentou-se preservar o tamanho original de apresentação de imagens lomográficas impressas, ou seja 7x10cm. Por fim, queremos que sejam lidas como texto, no sentido de que não são meramente ilustrativas, mas explicitam os argumentos desenvolvidos com palavras. Portanto, optou-se por colocá-las ‘dentro’ do texto, justapostas, porque fazem parte do nosso discurso. Na impossibilidade de fazer isso com o mapa do *corpus*, por seu tamanho, optou-se por apresentá-lo como apêndice, no entanto sem que venha encadernado junto ao texto, mas em formato de encarte. Torna-se possível a leitura concomitante do texto e imagens do capítulo, sem que seja necessário um vaguear entre páginas, além da visualização do todo e das relações entre os grupos.

É interessante notar que o fotógrafo húngaro Laslo Moholy-Nagy, professor da escola *Bauhaus*³, finaliza um dos seus textos assim: “(...) os analfabetos do futuro serão aqueles que não souberem falar através da fotografia.” (RECUERO, n.d.)

³ A escola alemã de arquitetura, design e artes plásticas *Staatliches-Bauhaus*, primeira escola de design do mundo, esteve na vanguarda do modernismo.

2 DA KODAK À LOMOGRAFIA - A TRAJETÓRIA DA FOTOGRAFIA ESPONTÂNEA

Em 1888, George Eastman lançou *Kodak* uma câmera de mão que vinha com um filme flexível para 100 exposições, cujo *slogan* era “Você pressiona o botão, nós fazemos o resto”⁴ (ERDKAMP, 2010?, n.p., tradução nossa). Antes dela, o processo usual era por colódio úmido que, aplicado a uma placa de vidro e submersa em solução de nitrato de prata, possibilitava a produção da imagem. A placa deveria permanecer úmida durante a produção da imagem e ser imediatamente revelada, o que fazia com que o fotógrafo tivesse que preparar a placa de vidro e revelá-la em campo (SAPATA, 2012, n.p.). Além da dificuldade do processo, do trabalho para transportar todo o material, ainda havia a possibilidade de quebra das placas de vidro. O processo foi levemente facilitado com a invenção das placas secas por Richard Leach Maddox em 1871, que fixou o brometo de prata em uma suspensão gelatinosa. (HEITLINGER, 2007, n.p.) Essa ideia é que permite George Eastman e W. H. Walker criar em 1884 o *American Film*, com suporte maleável de gelatina pura, coberta por uma solução de gelatina-brometo de prata, muito semelhante aos filmes utilizados até hoje (FOTO CLUBE SANTA CATARINA, 2011, n.p.). Dois anos antes da *Kodak*, em 1886, foi lançada a *Eastman Cossitt Detective camera*, que se propunha pequena e fácil de manusear, um fracasso comercial, mas que lançaria as bases para a câmera *Kodak*. (ERDKAMP, 2010?, n.p.)

FOTOGRAFIA 01 - PUBLICIDADE DA CÂMERA KODAK, 1888



FONTE: UNIVERSITY OF DELHI (2016).

Não era necessário entender de fotografia porque a *Kodak* dispensava focalização e todo o processo químico poderia ser feito diretamente pela empresa, para qual bastava enviar

⁴ No original: “You press the button, we do the rest”.

a câmera. A Eastman Dry Plate and Film Co. fazia a revelação das imagens e recarregava a câmera com um filme novo, mandando as imagens e a câmera pronta para uso de volta ao cliente. O resultado dessa facilidade e da rapidez do processo foi que a fotografia pode ser incorporada a vivência diária, como se pode ver nas imagens produzidas por ela, que deixam de ser posadas e passam a ser mais espontâneas. “Os distintos instantâneos circulares da *Kodak* definiram um novo tipo de fotografia: informal, pessoal, divertido”⁵ (THE NATIONAL MUSEUM OF AMERICAN HISTORY, n.p., tradução nossa).

FOTOGRAFIA 02 - INSTANTÂNEAS *KODAK*



FONTE: NATIONAL MEDIA MUSEUM (2016)

⁵ No original: “the Kodak's distinctive circular snapshots defined a new style of photography--informal, personal, and fun.”

Foi o início do que viria a ser chamado posteriormente de fotografia cômica. O termo, do inglês *candid*, se refere a sinceridade, objetividade. Ou seja, é a foto espontânea, não posada. As fotos posadas continuaram a existir, certamente, mas note-se nas imagens escolhidas que as pessoas não estão apenas e simplesmente sendo fotografadas, mas praticando suas atividades diárias. Exceto pela imagem E, nenhuma das outras poderia inspirar a sensação de que foi posada, ainda que possam ter sido. A impressão que se tem é que o fotógrafo tirou as imagens como um observador da cena, sem que dela fizesse parte ou sem que fosse necessário interferir no que estava acontecendo. As pessoas fotografadas sequer olham para o fotógrafo e pode-se observar na imagem G inclusive um par de pernas que corre do lado direito, em pleno movimento. Também, em cada imagem em que há água ela está definida, de forma que a imagem foi congelada, tomada em um curto momento de tempo. O filme fotográfico não demandava mais uma exposição longa, o que significava que não era necessário ao fotografado ficar imóvel. Some-se a isso o fato de a câmera poder ser transportada para qualquer lugar e a facilidade de manejo e fica fácil compreender porque a *Kodak* propiciou uma difusão da fotografia na época.

2.1 A FOTOGRAFIA CÔMICA DE ERICH SALOMON E A CÂMERA ESCONDIDA DE WALKER EVANS

O termo fotografia cômica foi cunhado em 1929 pelo jornal *London Graphic*, em referência ao trabalho de Erich Salomon. Salomon foi o primeiro a fotografar grandes líderes mundiais despidos das poses oficiais.

As imagens de Salomon se sobressaem em surpreendente contraste. Elas são intimistas, visões não posadas, tomadas quando os fotografados menos suspeitam - e, pela primeira vez, elas expõem os homens por trás das máscaras públicas. O equipamento era parcialmente responsável. Salomon escolheu uma câmera que permitiu que ele fotografasse ambientes internos sem flash e se mantivesse discreto. Mas, como sempre, os olhos atrás da câmera foram muito mais importantes e poucos fotógrafos desde então repetiram sua percepção. Ele mostrou pouca preocupação com a beleza formal e mais pela beleza que vem da ação, arrancada no seu ponto mais maduro e revelador - o que Cartier-Bresson seguindo o caminho que Salomon iluminou, chamaria de "momento decisivo". Como resultado, apenas as roupas e cenários parecem datados nas fotos de Salomon. Seus personagens ainda estão vivos e, cinquenta anos depois, nós ainda podemos ver os homens que seguravam o futuro nas suas mãos como Salomon os capturou: jogadores confiantes, descontraidamente jogando com a sorte do mundo, quase tão desavisados do risco das suas apostas quando da presença da câmera dele⁶ (HUNTER, 2011, n.p, tradução nossa).

⁶ No original: **Salomon's** pictures stood out in startling contrast. They were intimate, unposed views taken when the subjects least suspected it - and for the first time, they exposed the men behind the public masks. The equipment was partly responsible. **Salomon** had chosen a camera that allowed him to shoot indoors without a flash and to maintain a very low profile. But, as always, the eye behind the camera was far more important, and

A câmera que Salomon usava era uma *Ermanox*, considerada a primeira capaz de produzir fotos em condições de pouca luz, já que combinava uma grande lente com uma imagem pequena. Presente no mercado por quatro anos, poucos fotógrafos a usaram pelo trabalho de ampliação e a dificuldade de focalização que demandava. Para Salomon, essas dificuldades eram mínimas, comparadas a seu potencial (HUNTER, 2011, n.p.).

FOTOGRAFIA 03 - FOTOGRAFIA CÂNDIDA DE SALOMON



FONTE: TIME (2018)

LEGENDA: Imagens de Salomon durante conferências internacionais pós Primeira Guerra que decidiram o futuro da política europeia da época (1930).

Mais tarde, entre 1939 e 1941, Walker Evans produz uma série de fotografias no metrô de Nova York. Com uma Contax 35 mm escondida dentro do seu casaco, Evans foi capaz de fotografar os outros passageiros furtivamente e bem de perto.

Apesar de localizados em local público, ele descobriu que seus personagens, não posados e perdidos em seus próprios pensamentos, mostravam uma miscelânea da mudança constante de humor e expressões – entre curioso, entediado, entretido, desapontado, sonhador e irritadiço. ‘A guarda está baixa e a máscara cai’ ele comentou. ‘Ainda mais do que em camas solitárias (onde há espelhos), o rosto das pessoas está em repouso no metrô’⁷ (THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, 2004, n.p., tradução nossa).

few photographers have since duplicated his perception. He showed little concern for formal beauty and more for the beauty that comes from an action plucked at its ripest and most revealing point - what Cartier-Bresson following the path that **Salomon** had blazed would call “the decisive moment”. As a result, only dress and setting appear dated in **Salomon**'s photographs. His subjects are still alive, and fifty years later, we can still see the men who held the future in their palms as **Salomon** captured them: debonair gamblers coolly playing with the world's fate, they are almost as unaware of the stakes as they are of his camera.

⁷ No original: “Although the setting was public, he found that his subjects, unposed and lost in their own thoughts, displayed a constantly shifting medley of moods and expressions—by turns curious, bored, amused, despondent, dreamy, and dyspeptic. “The guard is down and the mask is off,” he remarked. “Even more than in lone bedrooms (where there are mirrors), people’s faces are in naked repose down in the subway.”

FOTOGRAFIA 04 - WALKER EVANS - FOTOGRAFIAS DO METRÔ DE NOVA YORK



FONTE: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART (2016)

Curiosamente, essas fotos só seriam publicadas em 1966. Segundo a curadoria do The Metropolitan Museum of Art (2004, n.p., tradução nossa), “Evans tinha a habilidade extraordinária de ver o presente como se já fosse o passado, e traduzir essa visão modulada por história e conhecimento em uma arte duradoura”⁸.

2.2 A TRAJETÓRIA SECRETA DE VIVIAN MAIER

Um outro hiato entre a criação e a divulgação de imagens, nesse caso bem maior, foi o da obra de Vivian Maier. Maier foi uma fotógrafa exótica cuja vida permanece envolta em mistério. O que se sabe é que trabalhava como babá e ao mesmo tempo fotografava incansavelmente o que havia a sua volta. As famílias para quem trabalhou a descrevem como um tipo solitário e tímida, não tendo relações próximas com nenhum familiar, além de acumuladora. Suas fotos só foram reveladas ao mundo depois de sua morte, quando um rapaz chamado John Maloof, procurando imagens antigas da cidade de Chicago para um livro que estava realizando no inverno de 2007, comprou um baú cheio de negativos de Maier em um leilão de usados. Na época ele notou que não seria útil para o trabalho que estava desenvolvendo e apenas os deixou de lado. (FINDING, 2013)

Alguns meses depois, Maloof voltou aos negativos. Acreditava que as imagens eram boas (Maloof não tinha qualquer experiência na área) e então digitalizou cerca de 200 fotos e publicou online. O furor que se seguiu fez com que ele fosse atrás dos outros baús de Maier que foram vendidos no mesmo leilão em que ele havia comprado o seu e iniciasse uma

⁸ No original: “Evans had the extraordinary ability to see the present as if it were already the past, and to translate that knowledge and historically inflected vision into an enduring art.”

verdadeira saga para descobrir quem ela era. Encontrou um obituário publicado alguns dias antes (o ano era 2009) e, quando encontrou pessoas que a conheceram, ficou admirado por descobrir que ela não era jornalista ou fotógrafa profissional e que algumas das pessoas que tiveram contato com ela enquanto babá nem sequer sabiam que ela fotografava constantemente. Um desses contatos estava em processo de se desfazer das coisas que Maier tinha deixado (uma série infindável de coisas), no meio das quais Maloof encontrou uma caixa de couro repleta com 700 rolos de filmes coloridos e 2 mil rolos de filmes preto e branco nunca revelados (FINDING, 2013).

Maloof tentou conseguir ajuda de renomados museus de arte moderna, como o MoMA e o Tate, para digitalizar e catalogar a obra de Maier, no que não obteve sucesso. Realizou então uma exposição no Chicago Cultural Center, que chamou a atenção de críticos, do público e da mídia. “Eles disseram que foi o maior público que já receberam para ver qualquer artista. Então, a história decolou”⁹ (FINDING, 2013, tradução nossa).

No documentário *Finding Vivian Maier*, que conta a história de como Maloof encontrou e divulgou as imagens dela, o fotógrafo Joel Meyerowitz conta que logo que tomou contato com o trabalho de Maier pela primeira vez, se surpreendeu: “O trabalho de Vivian tem instantaneamente aquelas qualidades da compreensão humana, calor e divertimento. E eu pensei: essa é uma fotógrafa genuína”¹⁰ (FINDING, 2013, tradução nossa). Nas palavras da fotógrafa Mary Ellen Mark: “ela tem um olhar aguçado, um grande senso de enquadramento. Ela tinha um senso de humor e um senso de tragédia também. (...) um belo senso da luz, do entorno, ou seja, ela tinha tudo.”¹¹ (FINDING, 2013, tradução nossa). Mark comparou o trabalho de Maier ao de Helen Levitt, Robert Frank, Lisette Model e Diane Arbus.

Maloof é hoje responsável pela obra de Maier, que compreende mais de 100 mil negativos, fotos tiradas entre 1949 e final dos anos 90. Vivian começou fotografando na Europa, tendo se mudado para Nova York em 1951 e para Chicago em 56. (VIVIAN MAIER, 2018, n.p.)

“No seu tempo livre, Vivian tirava fotos que ela zelosamente escondia da vista dos outros. Tirando *snapshots* até o fim dos anos 90, Maier deixou um corpo de trabalho que inclui 100 mil negativos. Adicionalmente, a paixão de Vivian por documentar se estendeu a uma série de filmes e áudios caseiros.

⁹ “They said this was the biggest turn out for any artist they had ever had, and then the story just took off”.

¹⁰ “Vivian's work instantly have those qualities of human understanding, warmth, playfulness. That I thought this is a genuine shooter”.

¹¹ “She had a great eye, great sense of framing. She got a sense of humor, and a sense of tragedy. (...) beautiful sense of light, environment. I mean she had it all”.

Pedaços interessantes de Americana, a demolição de pontos históricos para novos empreendimentos, a vida não vista de vários grupos de pessoas e dos destituídos, bem como os lugares mais aclamados de Chicago, foram todos meticulosamente catalogados por Vivian Maier”¹² (VIVIAN MAIER, 2018, n.p., tradução nossa).

Segundo o Dicionário *Oxford*, *snapshot* é uma fotografia informal tomada rapidamente, geralmente através de uma pequena câmera portátil (OXFORD, 2018, n.p.). O Dicionário Merriam-Webster descreve de forma similar, definindo quem realiza um *snapshot* como um fotógrafo tipicamente amador. Traz ainda um dado interessante: a primeira vez que a palavra foi usada de que se tem notícia data de 1890, mesma época em que a Kodak lançava sua primeira câmera portátil amadora (MERRIAM-WEBSTER, 2018, n.p.). A primeira câmera de Maier, inclusive, foi uma *Brownie*, sucessora da *Kodak*. Ou seja, o estilo de fotografia desenvolvido por Maier foram *snapshots*, hoje extremamente comum, devido principalmente à mobgrafia. O termo, adaptado do inglês, reúne as palavras *mobile* (telefone celular) e *photography* (fotografia), originalmente chamado *mobgraphy*. Um dos reflexos expressivos dessa relação muito rápida com a imagem é o *Snapchat*, cujo nome é um trocadilho entre a palavra *snapshot* e *chat* (conversa). *Snapchat* é um aplicativo de mensagens multimídia, uma de suas características principais é a disponibilização de imagens feitas pelo usuário, com possibilidade de intervenções como filtros, caretas, texto, no período restrito de 24 horas. Como a imagem é feita com intenção de ser em breve descartada, o aplicativo é caracterizado por imagens despreocupadas, geralmente relacionadas as atividades que os usuários estão desenvolvendo no momento. No final de 2017, o aplicativo tinha um acesso diário de 187 milhões de pessoas ao redor do mundo¹³.

Portanto, Maier não foi pioneira do *snapshot*, mas provavelmente foi umas das pessoas que mais fotografaram o cotidiano de forma despreocupada em um momento em que isso demandava um esforço maior, tanto de conhecimento das câmeras e das técnicas fotográficas e de revelação (durante alguns anos, Maier morou com uma família numa casa em que tinha um banheiro pessoal, onde revelava os próprios negativos), quanto financeiramente, o que depois foi popularizado pela fotografia digital e principalmente pela união das câmeras aos celulares.

¹² No original: “In her leisure Vivian would shoot photos that she zealously hid from the eyes of others. Taking snapshots into the late 1990’s, Maier would leave behind a body of work comprising over 100,000 negatives. Additionally Vivian’s passion for documenting extended to a series of homemade documentary films and audio recordings.

Interesting bits of Americana, the demolition of historic landmarks for new development, the unseen lives of various groups of people and the destitute, as well as some of Chicago’s most cherished sites were all meticulously catalogued by Vivian Maier”.

¹³ Disponível em : <<https://www.statista.com/statistics/545967/snapchat-app-dau/>> Acesso em : 07 mai. 2018.

FOTOGRAFIA 05 - FOTOGRAFIAS DE VIVIAN MAIER



FONTE: VIVIAN MAIER (2018)

Os negativos de Vivian Maier revelam a trajetória de alguém que estava constantemente acompanhada de suas câmeras, da qual a fotografia era uma parte da vida. Em contraste com a desenvoltura com que se relacionava com os personagens de suas imagens, pelo menos enquanto fotógrafa, e com as cenas que gravava sobre seus infindáveis filmes, as imagens de Maier ficaram silenciadas dentro de baús, muitas vezes não reveladas nem pelos químicos fotográficos. Quando divulgadas, as fotos de Maier mostraram uma constante conexão com a fotografia e um olhar sensível e despojado sobre o mundo. Mais do que um olhar, Maier tinha uma relação informal com a câmera e suas fotos eram tomadas de vários ângulos, algumas nos fazem crer que ela fotografou com a câmera escondida, algumas vezes da altura da cintura ou dos pés, além de uma série de selfies. Uma das câmeras de Maier, uma *Rolleiflex*, favoreceu os ângulos inusitados de suas imagens. Segundo Meyerowitz, é uma ótima ‘câmera escondida’, porque não fica em frente aos olhos do fotógrafo, onde as pessoas são alertadas de sua presença. O visor dela fica na parte superior da câmera, então pode-se fotografar alguém de forma muito discreta e a partir de ângulos mais baixos do que o comum.

Maier optou por manter sua extensa obra fotográfica em segredo, obtendo postumamente o reconhecimento pelo alto padrão de suas imagens, que capturava enquanto circulava com as crianças que cuidava pelo bairro. Certamente, sua opção por este tipo de trabalho foi o que lhe possibilitou tempo e liberdade para fotografar intensamente. Muitas das pessoas que a conheceram disseram que ela era inseparável de sua câmera e fotografava constantemente (FINDING, 2013). Assim, pode-se afirmar que a fotografia não era simplesmente um modo de ver o mundo para Maier, mas o modo *através* do qual ela o via e se relacionava com ele.

2.3 PRIMÓRDIOS DA LOMOGRAFIA: DA CÂMERA SOVIÉTICA À SOCIEDADE EM VIENA

No início da década de 80, na URSS, o general Igor Petrowitsch Kornitzky, impressionado com a câmera compacta japonesa chamada *Cosina CX-1*, apresenta-a a Michail Panfilowitsch Panfiloff, diretor da *Lomo* (Associação Ótica-Mecânica de Leningrado). Panfiloff percebe seu potencial e comanda a criação de uma versão própria da câmera. A ideia dos dois era criar uma câmera de baixo custo que, difundida entre os jovens, retratasse o cotidiano, propagando o “estilo de vida soviético” (LOMOGRAPHY SOCIETY apud FRANCIO, 2012). Assim em 1982 nasce o primeiro modelo da *Lomo LC-A*, que passa a ser produzido em larga escala a partir de 1984, cerca de 1100 unidades mensais, e se populariza em outros países comunistas como Polônia, Checoslováquia e Cuba (LOMOGRAPHY, 2015a, n.p.). Salienta-se que a fábrica ótica era de relevância reconhecida pela URSS, tendo sido condecorada com a *Ordem de Lênin* por três vezes e produzido equipamentos para o exército russo durante a Primeira Guerra Mundial. Além das câmeras, a *Lomo* produzia telescópios, equipamentos de vigilância noturna, periscópios, componentes para foguetes, entre outros (LOMO, 2004).

Em 1991, dois anos após a queda do muro de Berlim, um grupo de estudantes austríacos visitou a cidade de Praga. Entre eles, Wolfgang Stranziger e Mattias Fiegl, amigos de infância, que adquiriram uma *Lomo LC-A*. Eles notaram que a câmera produzia imagens com cores saturadas, alto contraste entre luz e sombra e o efeito de vinheta, o escurecimento dos cantos das imagens. Stranziger e Fiegl compraram a câmera de segunda mão, para documentar sua viagem. O fizeram sem muitas pretensões, utilizando a *LC-A* de forma livre, por vezes sem nem olhar pelo visor. O resultado instigou tanto os dois viajantes quanto seus amigos em Viena (LOMOGRAPHY, 2015a).

FOTOGRAFIA 06 - PRIMEIRAS LOMOGRAFIAS DE WOLFGANG STRANZIGER E MATTIAS FIEGL



FONTE: LOMOGRAPHY (2015a)



FONTE: LOMOGRAPHY (2014a)

Pela proximidade com os países do Leste Europeu que faziam parte da União Soviética, a qual estava em dissolução no período, Viena recebeu muitos turistas da região. Isso favoreceu um panorama artístico vibrante, com influência russa e inclusive o retorno de artistas austríacos que haviam deixado a cidade (LOMOGRAPHY, 2014a, p.17). Vivendo em um apartamento num bairro boêmio, os estudantes estavam sempre cercados de amigos e logo formou-se um grupo de pessoas interessadas na câmera recém-descoberta, entre eles, Sally Bibawy (co-proprietária da *Lomography*, juntamente com Stranziger e Fiegl, sendo com o último casada). No começo, recebiam duas ligações por semana de pessoas pedindo ajuda para comprar uma *LC-A*, mas logo já eram 10 por dia. Os precursores do movimento fizeram uma série de viagens aos países vizinhos no intuito de comprar a maior quantidade de câmeras possível. Voltavam com sacolas cheias de *LC-As* contrabandeadas, sendo que certa vez um fiscal chegou a confiscar 200 câmeras, numa alfândega entre a Ucrânia e a Eslováquia, que eram na realidade apenas metade da quantidade que estava sendo levada (LOMOGRAPHY, 2014a, p.26).

FOTOGRAFIA 07 - LOMÓGRAFOS CONTRABANDEANDO CÂMERAS



FONTE: LOMOGRAPHY (2014a)

Depois de alguns meses já havia entre 50 e 100 pessoas fotografando com a mesma câmera em Viena. Daí surgiu a ideia de fazer uma mostra “nós deveríamos fazer uma exposição com as imagens de todas essas pessoas porque era apenas uma ideia engraçada, todos eles olhando para o mundo com o mesmo olho de vidro: as lentes da *Lomo*”¹⁴ (LOMO, 2004, tradução nossa). O grupo sempre teve em mente fazer festas, exposições e feiras mas não havia patrocinadores ou auxílio do governo, então a venda das câmeras era uma maneira de levantar dinheiro para estes fins. A criação da *Sociedade Lomográfica Internacional* (LSI - sigla em inglês para *Lomography Society International*) veio antes da primeira exposição. As

¹⁴ No original: “We should do an exhibition with the pictures of all of these people because it's just a funny ideia, all of them looking with the same glass eye on the world: the Lomo lens”.

sociedades eram uma característica marcante da cultura vienense e a existência de uma sociedade possibilitava ao grupo conseguir apoio da prefeitura da cidade (LOMO, 2004) (DORAN, 2012, n.p.). Logo em seguida, o Conselho Municipal de Viena doou um espaço no andar térreo de uma casa vazia em Breitgasse, no 7º distrito, apelidado de *LomoDepot* (LOMOGRAPHY, 2014a, p. 26-27).

Depois do primeiro ano de fotografias e discussões, surgiu o Manifesto Lomográfico, publicado no jornal *Wiener Zeitung* em 5 de novembro de 1992, por ocasião da primeira exibição lomográfica. O manifesto fala sobre a situação artística e econômica da época e define a lomografia da seguinte maneira:

A lomografia é uma forma de expressão artística rápida, imediata, sem preocupações. Os lomógrafos estão livres de restrições econômicas, uma vez que o custo dos materiais envolvidos (câmeras, filmes, etc.) é muito reduzido, consequentemente, a contenção nos gastos e disciplina forçada não representam mais um problema quando se trata de fotografar. A “experiência extravagante” dá espaço a fotografia em massa. (LOMOGRAPHY, 2014a, p.23)

O manifesto havia sido escrito como presente pelo aniversário de 25 anos de um dos lomógrafos e logo em seguida foram escritas as *10 Regras de Ouro da Lomografia*, quais sejam:

- #1 Leve sua câmera a todo lugar que você for
- #2 Use-a a qualquer momento - dia e noite
- #3 Lomografia não é uma interferência na sua vida, é parte dela
- #4 Tente fotografar dos quadris¹⁵
- #5 Aproxime-se dos seus objetos de desejo lomográfico o máximo possível
- #6 Não pense
- #7 Seja rápido
- #8 Você não precisa saber de antemão o que captura no filme
- #9 Nem depois
- #10 Não se preocupe com nenhuma regra¹⁶(LOMOGRAPHY, 2015b, tradução nossa).

¹⁵ Em tradução livre. No original em inglês: “*Try the shot from the hip*”. *Shot from the hip*, traduzido literalmente, significa tiro da altura do quadril, opõe-se a ideia de sacar a arma e levantar à altura dos olhos para atirar, que demanda mais tempo e supõe maior possibilidade de controle e precisão. Consta no *Cambridge Dictionary* o verbete “**shoot from the hip**: Informal 1. To speak in a very direct and honest way. 2. To react quickly, without thinking carefully about something”. (1. Falar de maneira muito honesta e direta. 2. Reagir rapidamente, sem pensar cuidadosamente em algo.) Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/shoot-from-the-hip>> Acesso em: 05/05/2018. Como o termo é uma expressão conhecida na língua inglesa, mas cuja tradução literal não traz a mesma facilidade de compreensão na língua portuguesa, há divergência inclusive na tradução oficial da regra. No livro *Lomo Life: O futuro é analógico*, a regra é traduzida como: ‘Tente fotografar de todas as maneiras’. (LOMOGRAPHY, 2014a, p.19) No site, ela aparece como ‘Fotografe sem olhar no visor’. Disponível em: <<https://www.lomography.com.br/about/the-ten-golden-rules>>. Acesso em: 18 set. 2015.

¹⁶ Por divergências entre as fontes consultadas em português optou-se por fazer uma tradução própria. No original: “#1 Take your camera everywhere you go #2 Use it any time - day or night #3 Lomography is not an interference in your life, but part of it #4 Try the shot from the hip #5 Approach the objects of your Lomographic desire as close as possible #6 Don't think (William Firebrace) #7 Be fast #8 You don't have to know beforehand what you captured on film #9 Afterwards either #10 Don't worry about any rules”.

Para a exibição, cada um dos artistas intencionava expor suas fotos de uma maneira diferente em uma área própria. Além de não haver espaço suficiente, os lomógrafos fundadores da sociedade queriam algo que fosse mais democrático. Na época, várias cadeias de supermercado da cidade ofereciam o serviço de revelação e cópias de fotografias em formato 10x7cm a um preço acessível. Esse era o formato comum que as pessoas entravam em contato com as fotografias lomográficas, então surgiu a ideia de reproduzi-lo na exposição.

FOTOGRAFIA 08 - *LOMOWALL*



FONTE: LOMOGRAPHY (2015a)

Eis que chegaram a uma solução engenhosa: decidiram juntar todos os negativos de seus amigos e reproduzi-los de novo. Dessa vez, todas as cópias teriam exatamente o mesmo tamanho e mesmo formato. Usaram um painel robusto para servir de base para a colagem e começaram a distribuí-las e organizá-las com o intuito de criar uma parede de fotos colorida. Ao olhar para a parede, uma diversidade de histórias e momentos distintos ia se revelando; ao se afastar um pouco, uma explosão de cores e um símbolo do olhar lomográfico surgia. A parede de fotos (*LomoWall*) representava o ideal que a lomografia desejava compartilhar: ter uma abordagem democrática, sem mostrar o nome impresso de cada um dos fotógrafos. Esse tipo de exibição mostrava a verdadeira identidade lomográfica: ser uma comunidade formada por amantes das câmeras *Lomo LC-A* que veem o mundo através de suas lentes mágicas. Em um mundo anterior a existência de websites gigantes para compartilhamento de imagem, redes sociais, aplicativos para smartphones e comunidades virtuais, esses painéis representavam a mais moderna plataforma de compartilhamento de fotos analógicas na sua essência mais pura (LOMOGRAPHY, 2014a, p. 27-28) .

Em torno de 400 pessoas compareceram à essa primeira exposição, apertadas em um espaço de 60m². Foram vendidas 300 câmeras *Lomo LC-A*, que vinha com um cartão de sócio vitalício da LSI e havia um fato curioso:

Todo mundo que comprou uma câmera, nós dizíamos para as pessoas ‘você não está comprando a câmera, você está comprando a associação à Sociedade Lomográfica,

associação vitalícia, e essa é sua ferramenta para a associação, então quando você morrer, tem que devolvê-la¹⁷ (LOMO, 2004).

O próximo passo foi organizar uma audaciosa exposição dupla nos dois países que polarizaram a Guerra Fria. Em 1994, duas *LomoWalls* foram criadas com 10 mil imagens das cidades de Nova York e Moscou, sendo exibidas na cidade contrária. No início desse mesmo ano, não haviam mais *Lomos* de segunda mão disponíveis em Budapeste, Bucareste e no Leste de Berlim. Então a LSI enviou um fax à fábrica original (já então renomeada como *Lomo PLC*) anunciando a formação da sociedade e seu entusiasmo pela *LC-A*. O fax foi inclusive publicado no jornal da companhia, com teor jocoso, já que havia sido recebido em primeiro de abril, dia da mentira, e não fora levado a sério. Mas por ocasião da exposição em Moscou, o chefe de relações públicas da empresa foi alertado e, na impossibilidade de comparecer pessoalmente a abertura da exposição, enviou um representante. Impressionado, Nikolay M Shustov chegou a fazer um discurso de improviso e convidou os lomógrafos para uma visita à fábrica, em São Petersburgo¹⁸ (LOMOGRAPHY, 2014a, p. 29-30). Entre setembro de 1994 e maio de 1995, os representantes da LSI visitaram diversas vezes a *Lomo PLC* para convencer a fábrica a retomar a produção das câmeras e firmar um contrato de exclusividade, tendo como apoiador nas negociações o então vice-prefeito da cidade, Vladimir Putin (LOMOGRAPHY, 2015a, n.p.). Essa circunstância fez com que a sociedade assumisse de vez uma postura híbrida, firmando-se enquanto uma empresa.

2.4 MADE IN CHINA: TRANSFERÊNCIA DA PRODUÇÃO E O SURGIMENTO DAS GALLERY E EMBASSY STORES

A inauguração em Berlim da primeira *Embaixada Lomográfica* aconteceu em 1995. *Embassy e Gallery stores* são as lojas da *Lomography*. As primeiras consistem em lojas de responsabilidade de um revendedor oficial, chamado de embaixador, enquanto as outras são as lojas oficiais da *Lomography*, ligadas ao escritório em Viena. Ambas são concebidas não apenas como uma loja, mas como um local onde os lomógrafos possam se reunir, fazer,

¹⁷No original: “Everybody who bought the camera, “we said to people you're not buying the camera, you're buying the membership of Lomography Society, lifelong membership, and this is your tool for the membership, so when you die you have to give it back””.

¹⁸ São Petersburgo era o nome original de Leningrado, que também se chamou Petrogrado durante um curto período.

exposições, festas, trocar ideias e técnicas e espalhar o estilo de vida lomográfico¹⁹ (LOMOGRAPHY, 2014a, p.38, p.176).

A dificuldade na manutenção do preço de produção da *Lomo LC-A* fez com que, em 2005, a *Lomo PLC* encerrasse a sua produção. A empresa sugeriu a continuidade da produção na China e forneceu os desenhos técnicos para sua adaptação. (LOMOGRAPHY, 2014a, p. 32). A princípio, os engenheiros chineses tiveram de ser convencidos a não corrigir as peculiaridades da *LC-A* (DORAN, 2012, n.p.). Por meio de uma pesquisa de opinião online, a comunidade mundial de lomógrafos foi consultada a respeito de alterações, inclusive se havia interesse em uma versão digital. Por fim, essa ideia foi totalmente refutada e acabou-se mantendo o projeto básico, sugerindo-se apenas algumas melhorias adicionais. Assim a nova versão foi denominada *LC-A+* (LOMOGRAPHY, 2014a, p. 32-33).

Essa não era a primeira vez que a LSI se envolvia no projeto de concepção de uma câmera. Já em 1998, a *Lomography* lançou a *Action Sampler* durante a *Photokina* (ver seção 2.5), e nos anos que se seguiram lançariam mais cinco câmeras até 2005. A produção da *LC-A+* inicia em 2006, juntamente com a *Fisheye 2*. (LOMOGRAPHY, 2014b, p. 12-14)

2.5 CONEXÕES ANALÓGICAS E DIGITAIS: EVENTOS INTERNACIONAIS E WEBSITE

Em 1996, a *Lomography* participa pela primeira vez da *Photokina*, uma feira de comércio para indústrias de imagem do mundo todo, realizada a cada dois anos em Colônia na Alemanha, tendo estado presente em todas as edições posteriores (LOMOGRAPHY, 2014a, p. 172). No ano seguinte, aconteceu em Madri o primeiro *Congresso Lomográfico Internacional*, com uma *LomoWall* de 120 metros, contando com mais de 35 mil fotografias analógicas. A maior já feita, chamada *Great LomoWall*, em homenagem a muralha da China, foi exibida em Beijing durante o congresso internacional de 2004 e contou com mais de 60 mil lomografias feitas por pessoas de 65 países (REYNOLDS, 2004, n.p.). Ao todo, foram sete congressos mundiais, realizados nas cidades de Madri (1997); Colônia, durante a *Photokina* (1998); Nova York (1999); Viena (2002), Beijing (2004) e Londres (2007).

¹⁹ Como informação retirada do site, soa publicitariamente, mas a proposta é realmente colocada em prática (ver seção 6.1).

FOTOGRAFIA 09 - GREAT LOMOWALL



FONTE: LOMOGRAPHY (2015a)

LEGENDA: A *Great LomoWall* foi instalada no templo do parque *Ritan*, onde idosos empinam pipa.

Em 2010, durante a *Photokina*, a *Lomography* lançou o manifesto *O futuro é analógico!*, prevendo que as pessoas tenderiam a se desligar do universo digital e buscar explorar aspectos mais ‘autênticos e divertidos’ da vida. Juntamente, anuncia as *Dez profecias para um futuro analógico* que, notadamente inspiradas nas *10 Regras de Ouro*, carecem da fluidez destas. São enunciadas como segue:

- #1 Deixe o mundo digital para trás
- #2 Abrace o retorno da sorte, coincidência, contingência, chance, destino e surpresa
- #3 Espere o inesperado e a emoção da experiência
- #4 A lomografia trará de volta a harmonia, nuances, odores, tonalidades, sujeira e poeira, e a beleza da vida real para nós
- #5 Filme e papel garantem originalidade, autenticidade e eternidade
- #6 Olhe duas vezes
- #7 Solte-se com a lomografia
- #8 A *avant-garde* é analógica
- #9 Um zilhão de sintonias analógicas frescas nos aguardam
- #10 O futuro analógico é o lar sagrado do amor, da alegria, da diversão, do sexo... é o paraíso (LOMOGRAPHY, 2014a, p.180-184).

Apenas alguns anos depois da disponibilização pública da *world wide web* (www), o primeiro website da *Lomography*, ‘www.lomo.com’, é criado em 1994, tencionando ser um ambiente virtual de encontro para lomógrafos ao redor do mundo. Relançado em 1996, já como o atual ‘www.lomography.com’, em 1998 ganhou as páginas pessoais, *LomoHomes*, onde os lomógrafos podem fazer upload de imagens e textos, já caracterizando o site desde então como uma espécie virtual de *LomoWall* mundial (LOMOGRAPHY, 2014a, p.178). Para se ter uma comparação, o *Flickr*²⁰ só seria lançado seis anos mais tarde (DORAN, 2012, n.p.).

²⁰ Popular site de hospedagem de imagens.

A última versão do site data de 2015, e atinge uma comunidade de mais de 1 milhão de lomógrafos. (LOMOGRAPHY, 2015a) Além de ser um espaço de compartilhamento de imagens (*Photos, Homes*), o site dispõe de loja online (*Shop*); uma revista virtual (*Magazine*), com uma série de artigos sobre fotografia, novos equipamentos e acessórios, dicas de técnicas e utilização, intervenções e experimentos, até artigos sobre interessantes fotografias e fotógrafos, não necessariamente analógicos; uma seção sobre competições abertas (*Competitions*) e, obviamente, informações básicas sobre lomografia (*About*). Em 2012, um quinto das vendas da empresa eram realizadas através do site, que contava com 25 versões em diferentes línguas (DORAN, 2012, n.p).

A *Lomography* tem a característica de proporcionar sociabilidade de seus participantes e criar uma comunidade de fotógrafos com objetivo de trocar conhecimento e criar laços de amizade. Faz isso por meio da realização de uma série de eventos e da transformação do ambiente das lojas em um espaço de encontro (ver cap.6.1). As *lomowalks*, conhecidas no Brasil também pelo nome de *lomo rolê*, reuniam pessoas apenas com o intuito de caminhar (nem sempre com roteiro definido) e fotografar.

O crescimento vertiginoso da *Lomography* fez com que não fosse possível sustentar sua estrutura. A primeira loja no Brasil foi a 16ª *Gallery Store* da marca. Dois anos depois eram já eram 30 no mundo todo e cerca de 500 pessoas trabalhavam na sede em Viena.²¹ No volume *A História* do livro *Lomo Life: O futuro é analógico*, constam brasões de lojas em 46 cidades, espalhadas por todos os continentes, e o número de postagens diárias de imagens no site como sendo cerca de 8 mil (LOMOGRAPHY, 2014a, p. 188-189, p.178). Considere-se que a edição original do livro data de 2012. Atualmente são apenas quatro *Gallery* e onze *Embassy Stores*, além dos vários revendedores parceiros, e um número de postagens diário que gira em torno de 1750 imagens²².

Apesar da diminuição considerável, a lomografia impressiona pela sua difusão no mundo todo, quantidade de adeptos e por todo o equipamento comercializado pela empresa ser analógico, o que parece um contrassenso na era digital. Muitos lomógrafos optam por revelar seus próprios filmes em laboratórios caseiros, em processos que misturam o antigo com o experimental. O resultado é difundido por meio da internet. Ou seja, o hibridismo é

²¹ MACHADO, Philippe. *Criação e dissolução das lojas da Lomography no Brasil*. Rio de Janeiro, 06 mar. 2018. Entrevista concedida por *Skype*.

²² Segundo levantamento realizado pela autora. Entre 30 de abril de 2017 e 08 de maio de 2018, a média de postagens era de aproximadamente de 1745 fotos diárias - calculo realizado com base nos dados disponibilizados no site na página inicial da seção *Photos* do total de imagens já postadas até as respectivas datas. Informações sobre as lojas e revendedores disponível em: <<https://www.lomography.com/about/stores>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

uma característica marcante do processo. Suas imagens aliam beleza estética e experimentação técnica, e sua proposta é vivenciar a fotografia como uma atividade prazerosa do cotidiano.

2.6 AS IMAGENS LOMOGRÁFICAS

As imagens lomográficas abrangem uma variada gama de possibilidades estéticas. Isso ocorre devido as diversas opções de câmeras, filmes, processos de revelação e intervenções. Não é o objetivo deste trabalho catalogar todas essas possibilidades lomográficas, se isso é possível, mas compreender a lomografia enquanto forma de expressão e sociabilidade. Assim, precisa-se entender o que os lomógrafos dizem através de imagens e do seu processo criativo.

O site da *Lomography* possui uma grande plataforma de compartilhamento de imagens online. É importante destacar que, apesar da maioria das imagens postadas no site serem feitas com produtos da empresa, algumas são feitas com outras câmeras analógicas e inclusive digitais. Com mais de 14,1 milhões de imagens postadas pelos usuários²³, o site funciona como uma enorme *LomoWall* mundial virtual. A atualização constante²⁴ o elevado número de usuários²⁵ e o alcance mundial propicia que o site seja usado como um retrato desse movimento.

Dentro da seção *Photos* do site oficial há três categorias: *Trending*, *Recent*, *Popular*. Na primeira, as imagens mais acessadas e curtidas do último mês, na seguinte as últimas imagens postadas, em ordem cronológica, por último, as imagens mais acessadas e curtidas do site. Por suas características específicas, as duas primeiras subseções tem uma movimentação intensa, no entanto é curioso que a última seção tenha se mantido praticamente inalterada em um ano, algumas imagens mudaram de posição, mas não houve alterações de imagens, entrando ou saindo da seção²⁶.

²³ Em 11 de maio de 2018.

²⁴ Ver nota de rodapé número 22.

²⁵ Mais de um milhão de usuários em 2015 segundo a própria *Lomography* (LOMOGRAPHY, 2015a).

²⁶ Considerou-se aqui a primeira página de exibição. As datas de referência são 30 de abril de 2017 e 08 de maio de 2018.

- b) pelo menos metade delas possui uma alteração de cor significativa devido ao filme, filtro ou processo de intervenção utilizado;
- c) um terço é resultado de múltipla exposição, criando imagens inusitadas.

A soma dessas características faz com que essas imagens tenham um ar onírico, pareçam mais uma fuga da realidade do que a captura de um momento cotidiano. Apesar de essas serem as mais populares entre os usuários do site, há uma série de imagens que possuem uma estética totalmente diversa. Na categoria *Trending* (FOTOGRAFIA 11), vemos imagens com cores lavadas, menor contraste, cenas mais cotidianas ou comuns: pessoas, paisagens, comida, uma feira de carros. As múltiplas exposições são menos inusitadas. Note-se que várias imagens são do mesmo rolo, já que a característica da categoria é selecionar imagens publicadas recentemente que foram mais curtidas. A categoria *Recent* não foi analisada devido a sua aleatoriedade.

Enquanto as exuberantes imagens da categoria *Popular* inspiram a sonhar, as imagens da categoria *Trending* nos fazem pensar na passagem do tempo, nos momentos vividos, na esfera da familiaridade.

Mesmo com o desenvolvimento e a acessibilidade da fotografia digital, com a possibilidade de produzir os efeitos de uma câmera lomográfica por meio de programas de edição e aplicativos, como por exemplo o *Instagram*²⁸, e do custo e tempo empregados na criação dessas imagens, os lomógrafos preferem o processo analógico. A lomografia resgata a relação morosa com o tempo na fotografia, onde as imagens não são vistas nem divulgadas imediatamente. Há um processo de espera, de descoberta.

Curiosamente, *Instagram* e lomografia guardam em comum uma estética considerada como *faux-vintage*, ou seja, uma foto assemelha-se a fotos produzidas no passado, mas que foram tiradas no presente. Segundo Nathan Jurgenson (2011, n.p.), essas imagens buscam trazer uma ‘nostalgia do presente’ fazendo com que essas fotos pareçam mais importantes, substanciais e reais. Essa apropriação de significado estaria ligada ao fato de o passado ser imutável, certo. No entanto, os autores que se debruçam sobre a questão da nostalgia ressaltam o fato de o passado nostálgico ser construído, apagando-se as memórias desagradáveis e mantendo-se as memórias felizes (ver cap. 3).

²⁸ Aplicativo para *smartphones* que possibilita tirar fotos e a aplicação imediata de filtros que mudam a matiz, a saturação o contraste entre outros elementos estéticos, de forma similar à algumas possibilidades encontradas na produção de imagens de forma analógica.

Apesar de deslocadas no tempo, as fotografias de Vivian Maier nos revelam uma tendência de carregar a câmera a tiracolo, de pousar o olhar sobre o cotidiano, as pessoas, os acontecimentos, verdadeiramente enquanto uma observadora da vida, em oposição à ideia de imagem programada. Maier foi uma lomógrafa, numa época em que a lomografia ainda não havia nascido e, ironicamente, o movimento também não foi influenciado por suas imagens ou modo de fotografar, divulgadas quase duas décadas depois do início da lomografia. O que se quer dizer aqui é que incluir a relação de duplo sentido entre fotografia e cotidiano (onde já não se pode distinguir se é a fotografia que faz parte do cotidiano ou se é o cotidiano que é tema da fotografia) é um espécie de espírito fotográfico que permeou a fotografia desde seu surgimento e foi possibilitado e moldado de formas diversas, recebendo a influência da tecnologia, mas também da inspiração intrínseca que move os mais diversos fotógrafos a assumirem a fotografia como um estilo, uma filosofia de vida.

Uma imagem, deslocada no tempo, pode manter a capacidade de nos tocar. E isso acontece porque ela nos leva até o tempo passado e traz o tempo passado até o presente, diluindo de alguma forma a distância que os separa. Diferente do que ocorre hoje com a instantaneidade da fotografia digital, quando a fotografia foi criada, e por muito tempo, transcorria algum tempo entre o clique e contemplação da imagem, sobre o papel. E esse hiato de tempo fazia com que a noção da fotografia como um registro de um momento fosse mais presente. Certamente esse não é o único motivo, mas é notável que os autores que estudem fotografia acabem esbarrando com frequência na questão do tempo. A fotógrafa Berenice Abbott definiu: “O fotógrafo é o ser contemporâneo por excelência; através de seus olhos, o agora se torna passado” (ABBOTT apud SONTAG, 2004, p. 82).

Essa força da relação da fotografia com o passado, que não é compartilhada pelo cinema, apesar de que ambos poderiam utilizar os mesmos elementos para sua produção, pode talvez ser explicada pelo congelamento do tempo. Por mais que o cinema possa utilizar uma escala de tempo diferente do natural (*slow*, *fast*, e *reverse motion*), é extremamente raro que utilize uma imagem estática. “A força de uma foto reside em que ela mantém abertos para escrutínio instantes que o fluxo normal do tempo substitui imediatamente”, define Susan Sontag (SONTAG, 2004, p.127-128).

A autora reflete também a relação entre o passado como algo definido e o presente e futuro como nebulosos. “No mundo real algo *está* acontecendo e ninguém sabe o que *vai* acontecer. No mundo-imagem, aquilo *aconteceu* e sempre *acontecerá* daquela maneira” (SONTAG, 2004, p.184).

José de Souza Martins (2014) reafirma essa visão quando trata da fotografia como memória e, portanto, como parte de uma história contada por todas as imagens:

A fotografia vista como um conjunto narrativo de histórias, e não como mero fragmento imagético, se propõe como memória dos dilaceramentos, das rupturas, dos abismos e distanciamentos, como recordação do impossível, do que não ficou e não retornará. Memória das perdas. Memória desejada e indesejada. Memória do que opõe a sociedade moderna à sociedade tradicional, memória do comunitário que não dura, que não permanece. Memória de uma sociedade de rupturas e não de coesões e permanências. Memória de uma sociedade de perdas sociais contínuas e constitutivas, de uma sociedade que precisa ser recriada todos os dias, de uma sociedade mais de estranhamentos do que de afetos (MARTINS, 2014, p. 45).

Nesse sentido, Sontag (2004, p.26) coloca que “uma foto é tanto uma pseudopresença, quanto uma prova de ausência”. Ou seja, aquilo que vivenciamos, pessoas ou lugares que estão distantes ou não existem mais, são evocadas por meio da fotografia, mas sua presença é diáfana e fugaz, porque memória. Para a autora, as fotos são *memento mori*.³⁰ “Tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de outra pessoa (ou coisa). Justamente por cortar uma fatia desse momento e congelá-la, toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo” (SONTAG, 2004, p.26).

Susan Sontag escreve seus ensaios, reunidos em *Sobre Fotografia*, na década de 70. Nesse momento ela já considerava que muitas pessoas estavam praticando a fotografia e que essa prática tinha um fundo social.

Em época recente, a fotografia tornou-se um passatempo quase tão difundido quanto o sexo e a dança - o que significa que, como toda forma de arte de massa, a fotografia não é praticada pela maioria das pessoas como uma arte. É sobretudo um rito social, uma proteção contra a ansiedade e um instrumento de poder (SONTAG, 2004, p.18).

Sontag (2004) se refere à ansiedade em relação ao tempo incerto do presente e ao seu fluxo irrefreável, bem como ao espaço quando este nos é estranho. Assim a fotografia é uma forma de as pessoas se relacionarem com as outras pessoas, com a realidade e editarem suas próprias narrativas de vida e de mundo.

Pierre Bourdieu já havia chamado atenção para essa função social da fotografia quando organiza, em 1965, *Un art moyen: Essai sur les usages sociaux de la photographie*³¹. O autor considera a fotografia amadora como um fator de consistência e integração dentro dos

³⁰ Expressão latina que significa “Lembre-se de que você é mortal”.

³¹ Em tradução livre: *Uma arte mediana: Ensaio sobre os usos sociais da fotografia*. Optou-se pela utilização do título original por haver discrepâncias com os títulos publicados em outras línguas, inclusive o inglês, língua da tradução utilizada nesse estudo.

grupos. Segundo Bourdieu (1990, p.21), a fotografia soleniza momentos de clímax da vida social, o que reafirma a unidade do grupo em dois momentos distintos: o da produção da foto e o da posterior observação da fotografia. Ou seja, segundo a percepção do autor na época, a fotografia amadora visa ligar as pessoas e não explorar as possibilidades do meio:

(...) enquanto tudo poderia conduzir alguém a esperar que essa atividade, que não tem tradição e não faz nenhuma exigência, poderia estar entregue à anarquia da improvisação individual, parece não haver nada mais regulado e convencional do que a prática fotográfica e as fotos amadoras (...) ³² (BOURDIEU, 1990, p.7, tradução nossa).

Para Bourdieu (1990, p.14-15), a relação com o tempo é apenas uma de cinco motivações possíveis por trás da atividade fotográfica (aqui contemplando não só o ato de tirar fotografias, mas também o de guardá-las e observá-las), quais sejam:

- a) proteção contra o tempo: a fotografia ajuda as pessoas a superarem a amargura da passagem do tempo, seja como um substituto mágico para o que o tempo destruiu, seja como um remendo para as falhas da memória, ajudando a evocar lembranças associadas a elas. Assim, a fotografia proporciona uma sensação de conquista do tempo, visto enquanto força destrutiva;
- b) comunicação com os outros e a expressão de sentimentos: possibilidade de reviver momentos passados juntos ou demonstrar interesse e afeto pelos outros;
- c) realização pessoal: o fotógrafo assume um poder mágico de apropriação, glorificada ou caricaturizada, do objeto representado, possibilitando a expressão de intenções artísticas ou a maestria técnica e ainda que ele experiencie seus sentimentos de forma mais profunda;
- d) prestígio social: se dá através de uma façanha técnica ou proporciona evidência de uma conquista pessoal (viagem, evento) ou de um gasto ostensivo;
- e) distração ou fuga: como em um jogo.

Essa multiplicidade de formas em que a fotografia amadora opera deve-se para Bourdieu à característica de a fotografia não ser uma forma de arte consagrada àquela época e

³² No original: "(...) while everything would lead one to expect that this activity, which has no traditions and makes no demands, would be delivered over to anarchy of individual improvisation, it appears that there is nothing more regulated and conventional than photographic practice and amateur photographs (...)".

viver entre a arte, o cotidiano e a realidade. Pode-se aqui traçar um paralelo entre cada uma das motivações delineadas por Bordieu e como ela se apresenta na prática da lomografia.

- a) proteção contra o tempo: toda forma de fotografar evoca uma relação temporal, na lomografia ela é reforçada pela prática analógica e pela estética nostálgica;
- b) comunicação com os outros e a expressão de sentimentos: a lomografia nasce já com a ideia de ser uma sociedade e realmente cria ligação entre seus participantes por meio dos *lomo rolês*, das festas, exposições e encontros. As *LomoWalls* são uma alegoria materializada da sociabilidade e da troca entre os lomógrafos.
- c) realização pessoal: o lomógrafo tem a sua disposição uma infinidade de câmeras, filmes e técnicas que lhe permitem interpretar o mundo de forma artística e às vezes ousada;
- d) prestígio social: as câmeras não são objetos baratos e suas inúmeras edições especiais e acessórios as tornam objetos colecionáveis. Na questão da imagem em si, uma boa foto pode chamar atenção no site e ser destacada como a foto do dia, do mês e entre as melhores do ano;
- e) distração ou fuga: aqui entra a questão mais experimental da lomografia, onde pode-se inventar novas técnicas ou fazer uma combinação interessante entre as possibilidades existentes.

Para este estudo, nos aprofundaremos nas duas primeiras motivações, a questão da interação com o tempo e com as pessoas, e na última, ou seja, o jogo. No próximo capítulo, *Nostalgia e tempo entrelaçado*, vai-se mostrar como surgiu o conceito de nostalgia, quais suas mudanças e possíveis interpretações atuais e qual será o conceito empregado neste texto. No capítulo 6, *Lomo rolê: observação participante da sociabilidade entre lomógrafos*, vai se traçar de que maneira a sociabilidade influencia a prática lomográfica e como se dão as interações nesses grupos através do acompanhamento de um *lomo rolê* e de relatos recolhidos por meio dos questionários e de entrevistas. Por fim, a questão do jogo vai ser traçada teoricamente no capítulo 5, *Magia e jogo na fotografia lomográfica* e através das imagens lomográficas no último capítulo, *A conversa mágica: uma análise possível das lomografias*.

3 NOSTALGIA E TEMPO ENTRELAÇADO

O termo nostalgia foi cunhado pelo médico suíço Johannes Hofer em referência a saudades extrema da terra natal que sentiam os mercenários suíços. No fim do século XVII, Hofer identificou um quadro de sintomas que incluíam pensamentos persistentes sobre a terra natal, melancolia, insônia, anorexia, fraqueza, ansiedade, falta de ar e palpitações. Entre os tratamentos possíveis, sanguessugas, *bullying* e até mesmo ser enterrado vivo (MCCANN apud WILSON, 2014, p.21). No entanto, já no início do referido século, o quadro era conhecido, sendo que, durante a Guerra dos 30 anos (1618-1648), tocar a música suíça tradicional de ordenha, *Khue-Reyen*, a qual provocava fortes reações nos soldados suíços que estavam distantes da terra natal, era punida com a morte (BECK, 2013, n.p.).

No entanto, o filósofo Immanuel Kant muda essa perspectiva ao identificá-la como a saudade de um determinado tempo e não de um lugar. Conforme Linda Hutcheon (1998), “não se pode, jamais, retornar no tempo, diferente do espaço; o tempo é irreversível. E nostalgia se tornou a reação a esse triste fato”³³. Assim, o que antes era uma doença física passível de cura (pelo retorno ao lar), torna-se um sentimento irremediável, pela impossibilidade de retorno ao passado.

Margarida Medeiros (2006) vai relacionar o próprio surgimento da fotografia a um apelo nostálgico de Willian H. F. Talbot, um dos seus precursores. Talbot conta no prefácio de *The Pencil of Nature* que queria ‘pintar’ a imagem das paisagens exatamente como as via através dos seus experimentos com a câmera escura, mas intencionava fazê-lo de forma permanente. Além disso, Talbot interessava-se por arqueologia e, para a autora, “[a]s imagens arqueológicas são duplamente nostálgicas: de uma unidade perdida do sujeito e de um tempo que existe como *fetice*.” (MEDEIROS, 2006, p.7)

Medeiros ressalta a importância do daguerreótipo à época da descoberta do ouro na Califórnia e consequente partida dos mineiros para a região.

“[O] daguerreótipo tornou-se um objecto indispensável nas relações entre as pessoas, enquanto objecto que introduz uma reparação na distância quer no espaço quer no tempo, sendo usado como elemento de continuidade em situações de prolongada separação ou no caso da morte de familiares e amigos.” (MEDEIROS, 2006, p.7)

³³ No original: “[t]ime, unlike space, cannot be returned to--ever; time is irreversible. And nostalgia becomes the reaction to that sad fact.”

Nesse sentido, partindo da relação com os objetos da infância, Medeiros (2006, p.9) coloca que “o sentimento nostálgico consiste na fixação a uma perda, da qual o sujeito não se recompõe e a qual condiciona a sua relação com mundo externo e com os outros”. O aspecto da perda é usado pelo filósofo Ralph Harper (apud WILSON, 2014, p.24, tradução nossa), alinhando nostalgia e amor: “amor e nostalgia não podem ser separados... Em ambos uma onda de presença torvelinha com uma onda de perda”³⁴. Depois de passar de doença a um sentimento de perda, atualmente nostalgia encarna um sentido contraditório em si mesmo. Para Harper:

Nostalgia reúne amargura e doçura, a perda e o encontro, o distante e o perto, o novo e o familiar, ausência e presença. O passado, que se foi, do qual fomos removidos, por alguma mágica se torna presente novamente por um momento. Mas sua realidade parece ainda mais familiar, porque renovada, do que jamais foi, mais encantadora e fascinante³⁵ (HARPER, 1966, *apud* WILSON, 2014, p.23, tradução nossa).

Sendo assim, a nostalgia teria um forte apelo porque inspira apenas bons sentimentos da época recordada, despiando-a de qualquer característica desagradável. Como explica Hutcheon (1998, n.p., tradução nossa):

Ela opera através do que Mikhail Bakhtin chama de ‘inversão histórica’: o ideal que não é vivido agora é projetado no passado. É ‘memorizado’ como passado, cristalizado em momentos preciosos selecionados pela memória, mas também pelo esquecimento, por distorções do desejo e reorganizações. Simultaneamente, distanciando e aproximando, nostalgia nos exila do presente e aproxima do passado imaginado. Um passado simples, puro, ordenado, fácil, bonito ou harmonioso é construído (e então experienciado emocionalmente) em conjunção com o presente – o qual, por sua vez, é construído como complicado, contaminado, anárquico, difícil, feio e repleto de confrontos³⁶.

Portanto, o lado amargo da nostalgia é o próprio confronto com o presente, com o real. As memórias sempre seriam imbuídas do aspecto doce que ela evoca. A nostalgia

³⁴ No original: “love and nostalgia cannot be separated... In both love and nostalgia a wave of presence swirls around with a wave of loss.”

³⁵ No original: “Nostalgia combines bitterness and sweetness, the lost and the found, the far and the near, the new and the familiar, absence and presence. The past which is over and gone, from which we have been or are being removed, by some magic becomes present again for a short while. But its realness seems even more familiar, because renewed, than it ever was, more enchanting and more lovely”.

³⁶ No original: “It operates through what Mikhail Bakhtin called an “historical inversion”: the ideal that is *not* being lived now is projected into the past. It is “memorialized” as past, crystallized into precious moments selected by memory, but also by forgetting, and by desire’s distortions and reorganizations. Simultaneously distancing and proximating, nostalgia exiles us from the present as it brings the imagined past near. The simple, pure, ordered, easy, beautiful, or harmonious past is constructed (and then experienced emotionally) in conjunction with the present—which, in turn, is constructed as complicated, contaminated, anarchic, difficult, ugly, and confrontational.”

geralmente trabalha com o conceito de um passado julgado, ao qual se apregoa um sentimento definitivo. Por isso, é mais fácil lidar com o passado, que está posto, do que com o presente e o futuro, que encerram as possibilidades, a incerteza, a ansiedade. A esse respeito, é interessante a ressalva do historiador David Lowenthal: “poucos admiradores do passado escolheriam realmente retornar a ele – nostalgia expressa a ânsia por tempos que estão seguramente, mais do que tristemente, além do alcance”³⁷ (apud WILSON, 2014, p.27, tradução nossa).

Hutcheon (1998) considera que a nostalgia reside especificamente na impossibilidade de acessar verdadeiramente o tempo-espaço recordado:

Nostalgia, de fato, depende precisamente da *irrecuperável* natureza do passado e seu impacto e apelo emocionais. É a própria essência do passado como tempo que se foi, sua inacessibilidade, que conta em boa parte para o poder da nostalgia – tanto para conservadores como para radicais. É raramente o passado como realmente vivido, é claro; é o passado da forma imaginada, da forma idealizada pela memória e pelo desejo. Nesse sentido, contraditoriamente, nostalgia é menos sobre o passado do que sobre o presente³⁸ (HUTCHEON, 1998, n.p., tradução nossa).

A socióloga Janelle Wilson (2014, p.23) confirma a contradição, afirmando que nostalgia é cerebral e visceral. Segundo ela, nostalgia é uma ânsia por um passado que não existiu, já que ele é idealizado pelo distanciamento, fato que a cabeça compreende, mas o coração encontra conforto no sentimento. Hutcheon (1998, n.p.), que afirma ser incapaz de sentir nostalgia, traça a origem da força aliada a esse sentimento. “Eu jamais deveria subestimar o poder da nostalgia, especialmente sua fisicalidade visceral e seu impacto emocional. Mas esse poder vem, em parte, da sua estrutura de tempo dúbia, um presente inadequado e um passado idealizado”³⁹ (HUTCHEON, 1998, n.p., tradução nossa). Da mesma forma, conceitua Svetlana Boym:

Eu definiria como um anseio por um lar que já não existe mais ou nunca existiu. Nostalgia é um sentimento de perda e deslocamento, mas é também um romance com a própria fantasia. O amor nostálgico só sobrevive numa relação à distância. Uma imagem cinemática da nostalgia é a dupla exposição, ou a sobreposição de

³⁷ No original: “[f]ew admirers of the past would actually choose to return to it—nostalgia expresses longings for times that are safely, rather than sadly, beyond recall.”

³⁸ No original: “Nostalgia, in fact, may depend precisely on the *irrecoverable* nature of the past for its emotional impact and appeal. It is the very pastness of the past, its inaccessibility, that likely accounts for a large part of nostalgia's power—for both conservatives and radicals alike. This is rarely the past as actually experienced, of course; it is the past as imagined, as idealized through memory and desire. In this sense, however, nostalgia is less about the past than about the present.”

³⁹ No original: “I should never underestimate the power of nostalgia, especially its visceral physicality and emotional impact. But that power comes in part from its structural doubling-up of two different times, an inadequate present and an idealized past.”

duas imagens - do lar e do estrangeiro, do passado e do presente, do sonho e do dia-a-dia. No momento que tentamos forçá-las em uma imagem única, a moldura se quebra ou a superfície se queima⁴⁰ (BOYM, 2007, p.7, tradução nossa).

Uma forma híbrida de se relacionar com o tempo, onde ele não é estável, metodicamente classificado e dividido cronologicamente é descrita pelo romancista Vladimir Nabokov em *Speak, Memory*: “Eu não acredito no tempo. Eu gosto de dobrar meu tapete mágico, depois de usar, de uma forma que sobreponha uma parte da trama à outra. Deixar os visitantes viajarem”⁴¹ (NABOKOV apud YATES, 1970, p. 5, tradução nossa). Nesse contexto, nostalgia está ligada a uma dissolução entre as linhas de presente e passado. Boym defende que nostalgia tem ainda uma relação com o futuro, e não apenas entre passado e presente.

(...) nostalgia, a meu ver, não é sempre retrospectiva; ela pode ser prospectiva também. As fantasias do passado, determinadas pelas necessidades do presente, têm um impacto direto nas realidades do futuro. A consideração do futuro nos faz tomar responsabilidade por nossos contos nostálgicos⁴² (BOYM, 2007, p.8, tradução nossa).

Dessa forma, Wilson (2014) enfatiza que nostalgia não é viver no passado, mas sim um entrelaçamento forte com ele e uma justaposição entre passado e presente. Mais do que isso, Havlena e Holak (1991) consideram que a nostalgia serve como forma das pessoas encararem fases de transição onde há descontinuidade nos ciclos de vida e consequentemente uma mudança de identidade. O sociólogo Fred Davis vai além, e afirma que:

(...) nostalgia (como uma memória de longo prazo, como uma reminiscência, como um sonho lúcido) se entrelaça profundamente ao senso de quem nós somos, sobre o que nós somos e (apesar de possivelmente com muito menos clareza) onde nós estamos indo. Em resumo, nostalgia é uma das maneiras – ou, melhor, uma das lentes psicológicas mais prontamente acessíveis – que nós empregamos no trabalho sem fim de construir, manter e reconstruir nossas identidades⁴³ (DAVIS, 1979, p.31, tradução nossa).

⁴⁰ No original: “I would define it as a longing for a home that no longer exists or has never existed. Nostalgia is a sentiment of loss and displacement, but it is also a romance with one’s own fantasy. Nostalgic love can only survive in a long-distance relationship. A cinematic image of nostalgia is a double exposure, or a superimposition of two images—of home and abroad, of past and present, of dream and everyday life. The moment we try to force it into a single image, it breaks the frame or burns the surface”.

⁴¹ No original: “I do not believe in time. I like to fold my magic carpet, after use, in such a way as to superimpose one part of the pattern upon another. Let visitors trip.”

⁴² No original: “(...) nostalgia, in my view, is not always retrospective; it can be prospective as well. The fantasies of the past, determined by the needs of the present, have a direct impact on the realities of the future. The consideration of the future makes us take responsibility for our nostalgic tales.”

⁴³ No original: “ (...) nostalgia (like long-term memory, like reminiscence, like daydreaming) is deeply implicated in the sense of who we are, what we are about, and (though possibly with much less inner clarity) wither we go. In short, nostalgia is one of the means—or, better, one of the more readily accessible psychological lenses—we employ in the never ending work of constructing, maintaining, and reconstructing our identities.”

Esse tipo de nostalgia, que consegue sobrepor passado e presente traz uma sensação boa, de conforto e deleite, sem a sensação de amargura provocada pelo sentimento de deslocamento e inadequação. Lançada pela *Netflix*⁴⁴ em julho de 2016, a série *Stranger Things* chegou a ficar em primeiro lugar no ranking de popularidade do *IMDb*⁴⁵. A série se passa nos anos 80 e é repleta de referências à filmes de grande popularidade da época e inclusive lança mão de imagens que simulam a característica do material audiovisual produzido então, com efeito granulado e cores não saturadas.

“Inspiração, referência ou plágio? Não importa. O que interessa é que o resultado final lembra um bolo de chocolate. Não traz nenhuma novidade, mas é delicioso e remete à infância.

(...)

O resultado final vai além da mera familiaridade: o espectador sente uma espécie de conforto espiritual ao ver “Stranger Things”, como se estivesse de volta ao tempo em que podia ver “Sessão da Tarde” todos os dias.

(...)

Já o roteiro não passa do eficiente. Tem sustos, mistérios e emoções, mas nenhuma grande reviravolta ou revelação inesperada.

Nem precisava. “Stranger Things” serve até para o espectador descansar de séries mais ousadas, que exigem muita atenção e raciocínio. Porque nos leva de volta a um passado que parece muito mais simples do que os tensos dias de hoje, onde o único problema sério eram os monstros de outra dimensão.” (GOES, 2016)

A crítica, publicada na *Folha de S. Paulo*, dá o tom desse tipo de nostalgia: ‘bolo de chocolate’, ‘conforto espiritual’, ‘simples’. Todas as associações são com bons sentimentos, como se no período recordado (a infância) não houvesse nada desagradável ou ruim: ‘o único problema sério eram os monstros de outra dimensão’. Assistir ao seriado não provoca uma sensação de amargura ou tristeza e seus espectadores se recordam do passado, talvez postando sobre isso em seu *Twitter* ou *Facebook*⁴⁶. O que há é uma coexistência que busca elementos interessantes do passado e os aplica ao presente. Assim, pode-se assumir peças de roupa que remetam a uma outra década, dirigir um carro antigo, ouvir um vinil recém-lançado. Esses elementos não falam apenas à nossa memória, mas podem ser uma expressão de estilo, uma escolha devido à qualidade, uma vontade de passar por determinada experiência, e além desses, no caso da fotografia, pode ser ainda uma forma de aprofundar conhecimento, interação e imprevisibilidade, em proporções à critério de quem a pratica.

⁴⁴ Provedora e produtora de filmes e séries pelo sistema de *streaming* (onde o usuário recebe pacotes de dados pela internet e não precisa ocupar espaço no seu próprio disco rígido, HD, para assistir aos programas), atualmente com mais de 80 milhões de assinantes no mundo.

⁴⁵ *Internet Movie Database*, base de dados online e maior referência atualmente em matéria de filmes, séries de televisão e jogos. Pertence à *Amazon.com*

⁴⁶ Redes sociais onde os usuários postam conteúdo sobre suas atividades diárias.

No seu livro *Nostalgia: Sanctuary of meaning*, Wilson dedica um capítulo à construção da identidade: “Minha visão de *self* e identidade é tal que incorpora mudança e estabilidade, semelhança e diferença, o estático e o dinâmico. Eu proponho reconciliar essas visões contraditórias avaliando os usos biográficos e narrativos da nostalgia”⁴⁷ (WILSON, 2014, p. 61, tradução nossa).

Nesse aspecto, Boym (2007) coloca que nostalgia se refere à relação entre a biografia individual e a biografia do grupo ou da nação e se encaixa entre a memória individual e a coletiva. “O sentimento ambivalente permeia a cultura popular onde os avanços tecnológicos e efeitos especiais são frequentemente usados para recriar visões do passado, do naufrágio do Titanic a gladiadores e dinossauros extintos”⁴⁸ (BOYM, 2007, p.10, tradução nossa). Neste contexto encontra-se a lomografia.

A relação com o tempo na lomografia não segue o padrão da era digital, onde tudo tende a ser rápido, de preferência imediato. A lomografia se volta para o passado, tanto em sua estética, quando em seu processo criativo. O lomógrafo só vai conhecer o resultado daquilo que fotografou depois de revelado o filme. Esse estilo de vivenciar a fotografia e o próprio presente reflete seu apelo nostálgico.

A partir dos autores citados temos uma divisão nos conceitos de nostalgia referenciados a partir do entendimento do tempo, quais sejam:

- a) Tempo linear: nostalgia como um sentimento que evoca sensações boas e ruins ao mesmo tempo pela vontade de voltar ao passado e impossibilidade de tal coisa.
- b) Tempo entrelaçado: nostalgia como um sentimento bom que agrega o passado às atividades do presente, imbuindo-as de importância e afetividade.

Assim, utilizaremos para a presente pesquisa a nostalgia a partir do ponto de vista do tempo entrelaçado. Temos então que nostalgia é um sentimento afetivo em relação ao passado que faz com que esse seja resgatado no presente por meio de modos de fazer, se expressar e de objetos, que, em larga escala, foram substituídos por versões digitais, bem como por meio de padrões e uma estética derivados das versões em desuso.

⁴⁷ No original: “My view of self and identity is one embodying both change and stability, sameness and differentness, the static and the dynamic. I propose to reconcile these contradictory views by assessing the biographical and narrative uses of nostalgia.”

⁴⁸ No original: “The ambivalent sentiment permeates popular culture where technological advances and special effects are frequently used to recreate visions of the past, from the sinking Titanic to dying gladiators and extinct dinosaurs”

4 PESQUISA ONLINE: NOVAS DESCOBERTAS

Iniciou-se essa pesquisa a partir da seguinte problemática: O que instiga as pessoas a lomografar, quando é possível obter resultados semelhantes digitalmente? Tomou-se como hipótese que a *nostalgia* seria o que move os lomógrafos. Na busca de entender melhor os elementos e praticantes da lomografia, pensou-se em uma forma de encontrar os lomógrafos e recolher os dados a respeito da sua prática.

Como toda atividade prática, a única forma real de aprender a ser um pesquisador é pela experiência. Você pode ler sobre métodos teóricos mas, mais notadamente em pesquisa qualitativa, essas teorias se tornam significativas apenas quando você começa a testá-las por si próprio. Parte da razão para isso é a alta imprevisibilidade das situações que vão formar a configuração da pesquisa. Quando nós nos lançamos à pesquisa de interações sociais, não podemos especificar previamente exatamente a forma que essas interações vão tomar, nem como seremos capazes de participar delas ou as observar. A razão para fazermos a pesquisa é descobrir algo sobre a configuração, e é bem provável que alguma das coisas que não sabemos sobre essa configuração cause um impacto sobre o design e a condução da pesquisa que estamos conduzindo. Em um certo nível, então, métodos de pesquisa social serão sempre adaptativos⁴⁹ (HINE, 2005, p.2).

Dessa forma, o plano inicial era produzir um questionário, levantar dados que pudessem indicar se a hipótese fazia sentido, ou seja, de que os lomógrafos eram motivados na sua prática por um apelo nostálgico, fazer os ajustes necessários e voltar aos entrevistados para aprofundar na compreensão do que se tinha traçado anteriormente. A princípio, essa segunda fase não estava fortemente delineada. Sabia-se que era necessário compreender a lomografia por meio de dois aspectos distintos, o ato de fotografar e as imagens em si. Para o primeiro, uma pesquisa de campo de um *lomo rolê* foi a resposta (ver cap. 6), mas com um universo que já contava com 13,4 milhões de lomografias em abril de 2017⁵⁰, apenas entre as publicados no site, o real problema era como delimitar o *corpus*.

Com os resultados do questionário em mãos, que vão ser apresentados nesse capítulo, ficou mais claro que haviam outros fatores que guiavam os lomógrafos na sua prática. A *nostalgia* se provou um componente relevante, mas, além dela, a relação com a

⁴⁹ No original: “Like all practical skills, the only real way to learn to be a researcher is by experience. You can read about the theory methods but, most noticeably in qualitative research, these theories become meaningful only when you start to try them out for yourself. Part of the reason for this is the very unpredictability of the situations which will form the setting of research. When we set out to research social interactions we cannot specify in advance just what form those interactions will take, nor how we will be able to participate in or observe them. The whole reason for doing the research is to find out something about the setting, and it's quite possible that some of the things we do not know about the setting impact upon the design and conduct of the research we carry out. To a certain extent, then, social research methods have always had to be adaptive.”

⁵⁰ Disponível em: <<https://www.lomography.com/photos/>> Acesso em: 30 de abril de 2017.

lomografia se mostrou pautada em intenções *experimentais*, bem como em *relações afetivas* e de *diversão*.

Com relação ao processo *experimental*, era preciso compreendê-lo conceitualmente para se fazer emergir a relevância dele na lomografia (ver cap 5.). A propósito das *relações afetivas* e de *diversão*, elas forneceram a chave para a solução do problema do *corpus*, optando-se por utilizar os contatos deixados de forma espontânea na primeira fase da pesquisa, o questionário, para que os próprios praticantes fornecessem as imagens que fossem mais significativas da sua produção lomográfica (ver cap. 7). Essa foi a maneira como delineou-se a trajetória do estudo que é tema desta dissertação e optou-se por estruturá-la de forma relativamente cronológica a fim de representar esse processo.

Como supracitado, esse capítulo discorre sobre os resultados obtidos através da primeira fase da pesquisa com os praticantes da lomografia. Para tanto, desenvolveu-se um questionário (APÊNDICE A), divulgado em 90 diferentes grupos e páginas do *Facebook*⁵¹ (APÊNDICE B), sendo 55 no primeiro período (26 a 28 de junho de 2017) e 72 no segundo (8 e 9 de agosto de 2017). As páginas foram encontradas pelos termos: ‘lomografia’, ‘lomography’, ‘lomo’, ‘analogico’, ‘analógica’, ‘analog’, ‘analogue’. Foram ainda adicionadas algumas páginas e grupos de grande público do conhecimento da autora, como por exemplo *Lomogracinha* e *Queimando filme*. A pesquisa gerou uma publicação na seção *Magazine* do site da *Lomography*, publicada em 24 de agosto de 2017.⁵²

Ao todo, 159 pessoas responderam ao questionário⁵³, disponibilizado em português (61), espanhol (31) e inglês (67). Tendo como referência o número de usuários do site oficial e de fotografias postadas diariamente, este número é pouco representativo. Não se pretendia, no entanto, fazer um extenso trabalho censitário a respeito da lomografia, mas sim, entender as relações entre os lomógrafos, quais as intenções e motivações que levam à essa prática, como se dá a prática em si e como esses elementos refletem nas imagens que produzem. Sendo assim, apesar de reduzida, a quantidade de participantes é relevante o pode-se delinear a partir de alguns indicativos as relações que são foco deste estudo.

Com relação a apresentação desse capítulo, sempre que se tomar um dado para análise, será indicado subscrito o número da questão a que se refere, de forma que seu

⁵¹ O questionário foi enviado como mensagem para as páginas e publicado como *post* em ambos grupos e páginas.

⁵² Disponível em: <<https://www.lomography.com/magazine/332299-a-lomographic-survey-by-amanda-iargas>> Acesso em : 10 de mai. de 2018.

⁵³ Não foi obrigatória a identificação dos respondentes, mas era possível deixar um contato ao final do questionário, caso quisessem fazer parte de fases futuras da investigação ou saber mais a respeito da pesquisa. 56 entrevistados o fizeram. Assim sendo, as respostas citadas aqui não serão referenciadas com autoria. As traduções, quando houver, são da autora.

enunciado e as opções de resposta, quando houver, possam ser consultados no APÊNDICE A, bem como o gráfico correspondente ao resultado detalhado, disponível no APÊNDICE C. Quanto às perguntas abertas, incluiu-se no fim deste apêndice as respostas na íntegra e o indicativo de sua tabulação. Algumas perguntas foram adicionadas na data de 8 de julho de 2017, durante o período em que o questionário já estava disponibilizado online, porque se notou a necessidade de elucidar mais alguns pontos do estudo, ou seja, algumas respostas foram recebidas antes de sua inclusão. Quando referenciados estes dados, se fará claro a parcela de respondentes a que se refere, bem como esta informação está disponível no gráfico correspondente. Há ainda uma pergunta que, por falha na realização da tradução, não constou da versão em inglês do questionário, com a qual se procederá da mesma forma.

Estão representados 38 países², com pelo menos um respondente residente em cada um dos cinco continentes (GRÁFICO 1). Os continentes de maior representatividade foram América Latina (73) e Europa (59), totalizando 45,9% e 37,1% das participações, respectivamente. O Brasil foi o país com maior número de respondentes (46), seguido por Portugal (15), Argentina (13) e Alemanha (9). Quanto ao gênero⁴, eram mulheres 42,8% e homens, 56%; duas pessoas preferiram não responder.

GRÁFICO 1 - PAÍSES REPRESENTADOS NA PESQUISA E INTENSIDADE DE PARTICIPAÇÕES



FONTE: A autora (2018)

Contrariando a expectativa inicial de que a lomografia teria um apelo maior junto ao público jovem, os respondentes de 18 a 29 anos contaram 45,2%, enquanto lomógrafos com mais de 30 anos contabilizaram os outros 54,8%₃. Não houve participantes com menos de 18 anos. Há um equilíbrio em relação ao status de relacionamento₅. Cerca de metade dos lomógrafos tem companheiro/a (casados/as, em união estável ou convivendo com parceiro/a) enquanto a outra metade é composta por solteiros/as, separados/as e divorciados/as.

Mais de $\frac{3}{4}$ dos pesquisados estão empregados e, desta parcela, a quarta parte em empregos de meio período₆. Apesar de em idade adulta, 13,2% declararam que não trabalham e não estão a procura de emprego. O nível de escolaridade₇ é alto, sendo que todos os respondentes tinham cursado pelo menos parte do ensino médio ou correspondente, e cerca de 90% possuía algum nível de ensino superior; 28,9% possui mestrado e 2% doutorado.

A respeito dos hábitos em relação à fotografia digital, mais de 70% possui contato mais intenso com fotografia, sendo amadores ou profissionais₈. Quase 6% não fotografa digitalmente nem com celular: “Eu não tenho [câmera] digital. Me preocupa que, se eu tivesse uma digital, a magia se perderia.”⁵⁴

Dos que utilizam digital, um quinto nunca imprime essas fotografias e quase 60% o faz apenas com pouca frequência₉. Mesmo em relação às fotografias analógicas, dois em cada dez lomógrafos nunca imprime as fotos₂₄, ficando apenas com a versão digitalizada a partir do filme fotográfico, e 14,1% leva meses inclusive para revelar o filme₂₃. Isso explica o apelo das câmeras instantâneas. Pouco mais da metade dos entrevistados fotografa com elas₁₅ e a imediatez foi a característica de interesse mais citada por estes, presente em $\frac{1}{4}$ das respostas₁₆ (GRÁFICO 2). Mostrou-se relevante também a questão de presentear os amigos com a imagem recém-criada (citada em 22,2% das respostas), a criação de um objeto físico (17,3%) e a transformação dele em recordação do momento vivido (16,0%). “Eu acredito que quando você tem um momento em suas mãos (e não apenas em uma tela) ele se faz mais memorável. E também nós temos um monte de fotos nos nossos disco rígidos e telefones, mas com que frequência sentamos para vê-las? Quando é uma foto impressa, você a vê, você a toca e é uma forma bonita de viver aquele momento novamente.”⁵⁵

Ou seja, a fotografia instantânea assume uma importância pela sua concretização material, frente às imagens compartilhadas de forma digital. “As fotos e as memórias se

⁵⁴ “I don't have digital. I'm worried if I had a digital, the magic would be gone”.

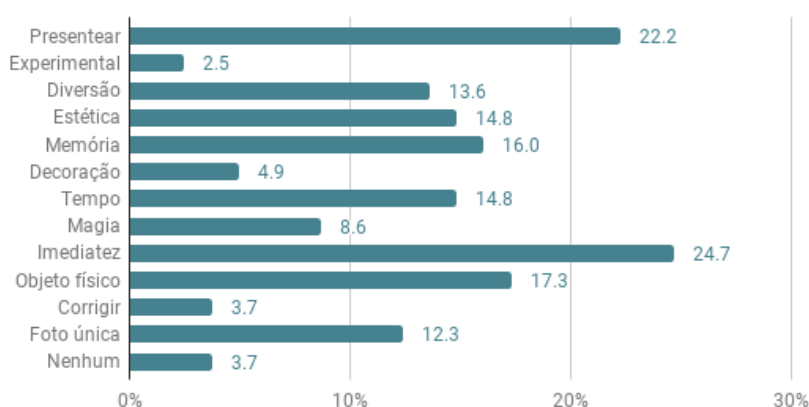
⁵⁵ “I believe that when you hold a moment in your hand (and not just on a screen) it makes it more memorable. Also we have loads of photographs in our hard-drives and phones but how often do we sit and go through it. When it's printed picture, you see it, you touch it and that is a beautiful way of living that moment again”.

tornam mais tangíveis”⁵⁶, considerou uma entrevistada. Essa impressão fotográfica, que não pode ser modificada, assume uma característica única e irrevogável. O momento que representa pode ter sido há um breve minuto, mas, quando a imagem se firma sobre o papel, já é considerada memória. “Uma instantânea tem um valor especial que é aceito pelas pessoas.”⁵⁷ Algo interessante se comparado às imagens que ficam por revelar durante meses ao abrigo da luz nos canhões de filmes. Dessa forma, a relação com o tempo, a imagem enquanto ‘fragmento do presente’, ‘captura do momento’, foi citada enquanto algo de interesse na fotografia instantânea em 14,8% das respostas.

GRÁFICO 2 - INTERESSE EM INSTANTÂNEAS

16. Interesse em instantâneas

Questão aberta - 81 respostas



É possível consultar a tabulação destes dados ao final do APÊNDICE C

FONTE: A autora (2018)

E há ainda o processo de revelação da imagem em si, que se faz frente aos nossos olhos. A imagem vai suavemente se formando, enquanto nos pegamos completando os traços que faltam e colorindo os tons lavados, até que eles assumam sua real natureza. “É uma experiência muito social. Eu costumo usar câmeras instantâneas para fotografar amigos e o fato de que você pode ver o processo acontecer é muito excitante para todos no grupo.”⁵⁸ Alguns consideraram este momento algo mágico (8,6%) enquanto outros simplesmente se divertem no processo (13,6%). “Uma espécie de ritual fotográfico que se havia perdido com tanta fotografia digital.”⁵⁹

⁵⁶ “The photos and the memories became more tangible”.

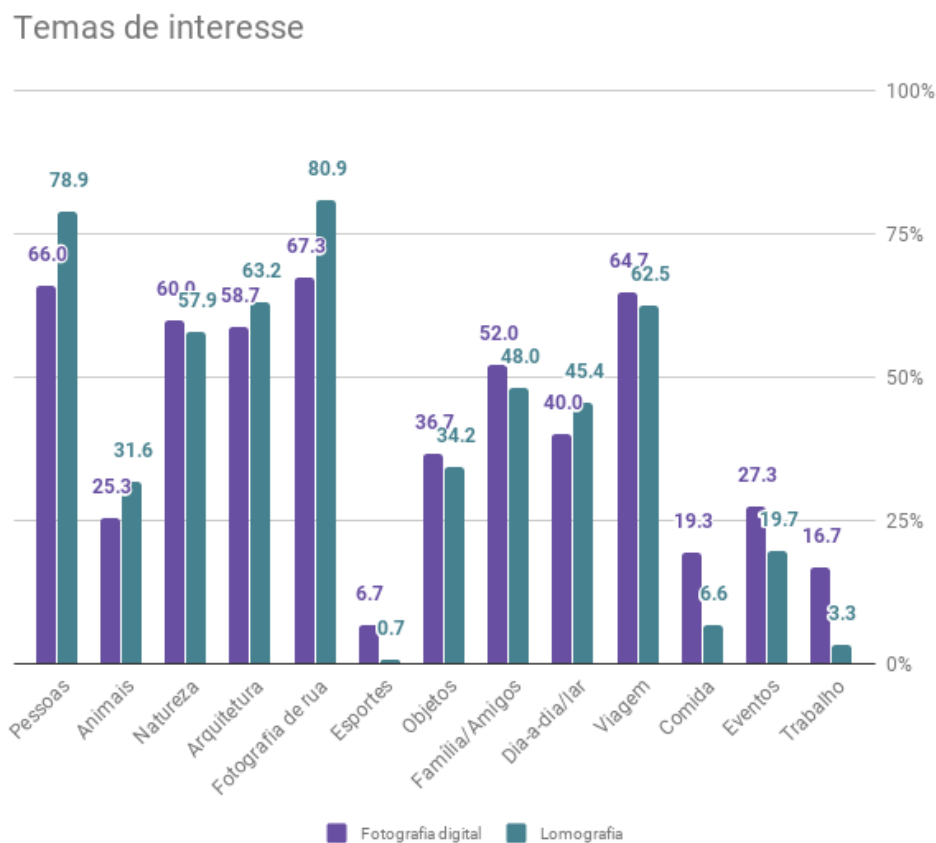
⁵⁷ “An instant has a special value which is accepted by the people.”

⁵⁸ “It’s a very social experience. I tend to use instant cameras to photograph friends and the fact that you can watch the process happen is very exciting for everyone in the group.”

⁵⁹ “Una especie de ritual fotográfico que se había perdido con tanta fotografia digital.”

Os temas prediletos dos respondentes entre fotografia digital¹⁰ e lomográfica¹⁹ nos mostram variações interessantes (GRÁFICO 3). *Pessoas, fotografia de rua, arquitetura, natureza e viagens* são os temas preferidos em ambos os casos. Os dois primeiros têm cerca de 13% de diferença para mais no interesse ao fotografar com lomos em comparação aos mesmos temas ao fotografar com digitais. Apresentam também diferenças de cerca de 5% para mais na lomografia os seguintes temas: *dia a dia/lar* e *animais*. A queda mais drástica é certamente em relação a *fotografia de trabalho*, sendo de 13,4 pontos percentuais para menos ao fotografar com as analógicas. Curiosamente, há um desinteresse geral em fotografar *esportes*, tendo apenas um entrevistado dito que o faz com câmeras lomográficas contra 10 para as digitais. Sofrem ainda decréscimos significativos o tema *comida*, de 19,3% para 6,6% e *eventos*, de 27,3% para 19,7%.

GRÁFICO 3 - TEMAS DE INTERESSE



FONTE: A autora (2018)

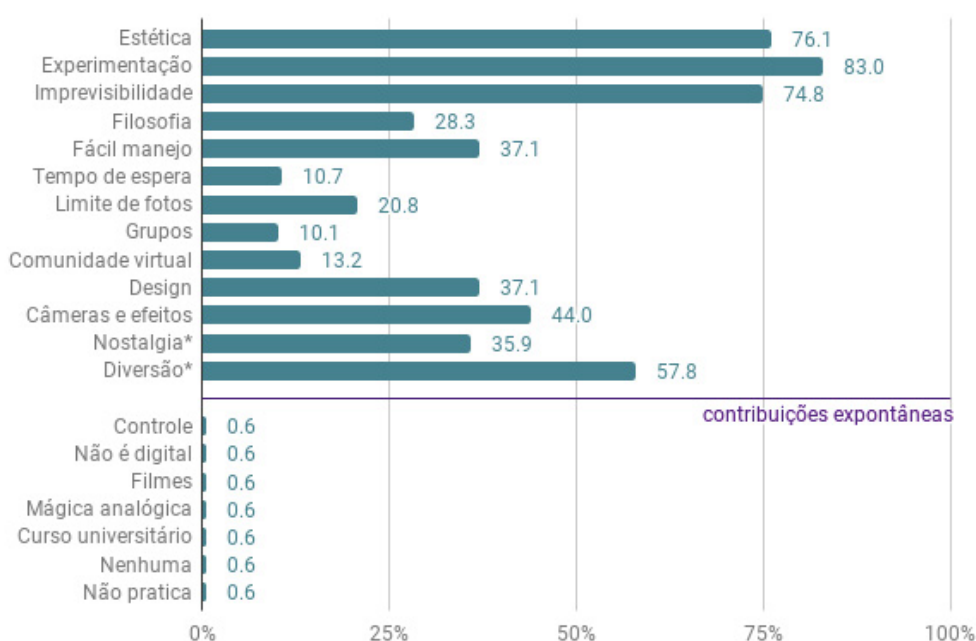
O motivo dessas variações fica claro quando se entende quais aspectos mais interessam ao fotografar com câmeras lomográficas¹⁷ (GRÁFICO 4). *Experimentação* e *imprevisibilidade* foram marcados por 83% e 74,8% dos entrevistados, nesta ordem, em pergunta direta. Esses aspectos apareceram também em vários comentários na pergunta de

resposta livre sobre qual a diferença entre fotografar com lomos e outras analógicas¹⁴, sendo citados em 17,6% e 16,8% das respostas, respectivamente. Ou seja, temas como *trabalho*, *comida* e *eventos* não se adéquam tão favoravelmente. “As fotografias com a câmera lomo têm um ponto de surpresa e originalidade em seu colorido e definição. Os resultados são imprevisíveis e isso gera curiosidade e expectativa.”⁶⁰ No entanto, 15,1% dos entrevistados consideraram a *imprevisibilidade* como um ponto desfavorável da lomografia¹⁸. “A lomo é sempre uma surpresa quando você revela o filme, mas às vezes não uma surpresa tão boa”.

GRÁFICO 4 - ASPECTOS DE INTERESSE - LOMOGRAFIA

17. Aspectos de interesse - lomografia

Questão múltipla escolha com possibilidade de contribuição - 159 respostas



*Incluídas posteriormente - porcentagem calculada em relação a 71 respostas

FONTE: A autora (2017)

Quanto às diferenças entre as analógicas¹⁴, o que mais pesou foi a *qualidade*, citada por 44,8% dos entrevistados (GRÁFICO 5). Foram 30,4% os que consideraram que as lomográficas têm qualidade inferior, e apenas 2,4%, que a qualidade seja melhor que outras câmeras similares. O restante das respostas citou a qualidade sem contudo definir qual era superior ou inferior. No entanto, 8% disseram que, apesar de as câmeras lomográficas serem realmente de qualidade inferior, esta não é uma desvantagem, mas uma peculiaridade do equipamento, e consideraram que o resultado estético que elas produzem por meio destes

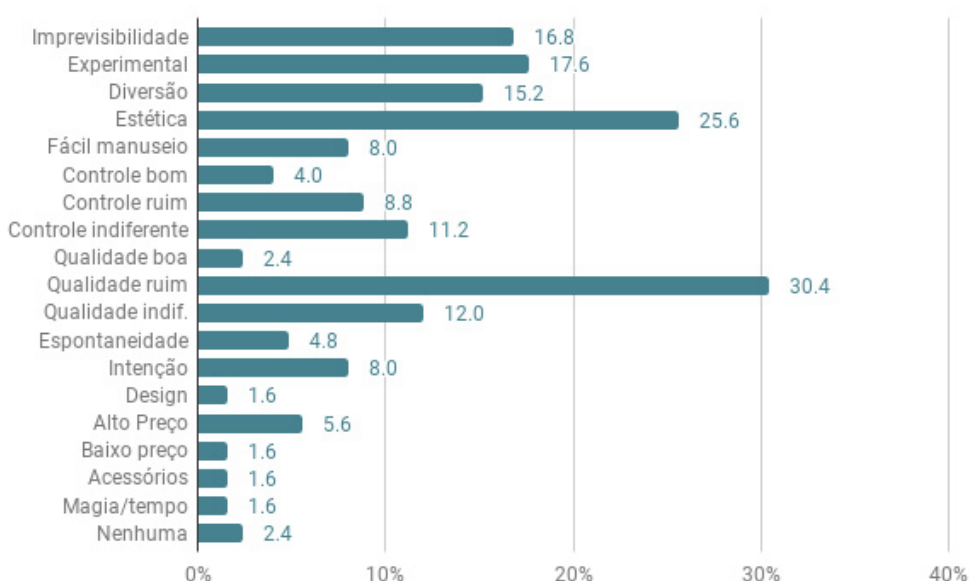
⁶⁰ “Las fotografías con la cámara lomo tienen un punto de sorpresa y de originalidad en su colorido y definición. Los resultados son impredecibles y eso genera curiosidad y expectativa.”

‘defeitos’ e/ou características é uma forma de expressão e sua utilização é intencional. “Minhas câmeras lomográficas são mais minhas câmeras de brinquedo. Eu uso câmeras analógicas de alta qualidade para a maior parte dos meus retratos e fotografias de viagem. Não há relevância real [na diferença], elas são apenas divertidas de diferentes maneiras e têm diferentes pontos fortes.”⁶¹

GRÁFICO 5 - DIFERENÇAS ENTRE CÂMERAS LOMOGRÁFICAS E OUTRAS ANALÓGICAS

14. Diferença entre câmeras lomográficas e outras analógicas

Questão de múltipla escolha - 125 respostas



É possível consultar a tabulação destes dados ao final do APÊNDICE C

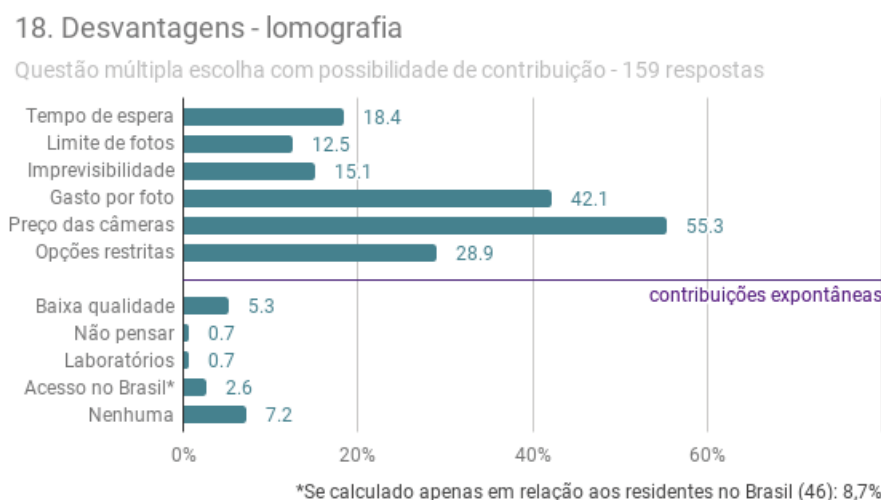
FONTE: A autora (2018)

Portanto, o fator da qualidade não é necessariamente considerado como desvantagem da lomografia₁₈ (GRÁFICO 6). Na realidade, apenas pouco mais de 5% dos respondentes consideraram desta forma, em pergunta direta. O que mais desanima os praticantes da lomografia é o *preço câmeras* e o *custo para fotografar* (filme, revelação, impressão), os quais foram indicados respectivamente por 55,3% e 42,1% dos entrevistados, seguidos pelas *opções restritas de controle nas câmeras*, com 28,9%. O *acesso às câmeras*, incluindo dificuldade de compra e consequente alta dos preços foi apontado por 2,6% do total dos respondentes. No entanto, todos eram residentes no Brasil, e calculada apenas em relação a esse grupo, a representação sobe para 8,5%. Com essa questão em mente, supôs-se que era possível que a grande quantidade de respondentes brasileiros (quase um terço dos

⁶¹ “My lomography cameras are more my toy cameras. I use high grade film cameras for most of my travel and portrait photography. There’s no real relevance they’re just fun in different ways and have different strengths.”

entrevistados), estivesse influenciando neste dado específico e refez-se o cálculo desconsiderando-se as respostas ao questionário em português (que contam ainda com 15 residentes de Portugal e um da Espanha), buscando descobrir se haveria uma mudança nos resultados. Não havendo uma discrepância significativa, esse cálculo foi desprezado. Consideradas as limitações e qualidade do produto, pode-se dizer que a *Lomography* mantém um preço elevado, solidariamente compartilhado nos países em que está presente e naqueles em que não, ironicamente mantendo sua filosofia inicial de não distinção entre seus praticantes, mas agora de forma muito menos acessível.

GRÁFICO 6 - DESVANTAGENS DA LOMOGRAFIA



FONTE: A autora (2018)

A *baixa qualidade* foi apontada como desvantagem em pergunta direta por apenas 5,3% dos respondentes. E isso porque a *imprevisibilidade* dos resultados e a *estética* peculiar são pontos altos de interesse dos lomógrafos¹⁷. É a própria baixa expectativa que reflete em resultados surpreendentes e dá margem ao processo experimental. “A linguagem que uso, enquadramento, tema, conceito, expectativa de resultados com câmeras ‘não-lomo’ são mais controlados. Com as lomo sou mais autoral, me dou mais liberdade, experimento mais, erro mais...”

A *estética* inclusive foi o grande fator que leva as pessoas a optarem por câmeras lomográficas em relação a outras analógicas¹⁴, tendo sido citada em ¼ das respostas. “Todas as minhas câmeras têm diferentes personalidades. Eu sinto que as fotos que eu tiro com as câmeras lomo têm uma certa qualidade surreal. Momentos reais capturados como se fossem

sonhos.”⁶² Na pergunta direta com relação aos aspectos de interesse na lomografia, a *estética* foi escolhida por 76,1% dos entrevistados, enquanto as *câmeras com diferentes efeitos* foram selecionadas como um ponto de interesse por 44% dos entrevistados. “Lomography proporciona certos padrões estéticos que vêm pré-concebidos de fábrica com a câmera, as demais câmeras analógicas (não todas) costumam fotografar de maneira mais próxima à realidade.”⁶³ Apesar da diferença de 7% na escolha direta, *estética* e *experimentação* aparecem quase sempre aliadas nas respostas abertas dos entrevistados. “As lomo permitem processos mais criativos e ao acaso, o que permite mais plasticidade na imagem. Isso é relevante para mim, pois minha paixão pela fotografia é a experimentação e a criação plástica.”⁶⁴ Esse ponto se provou relevante na análise aberta de lomos₂₈ onde o termo, apesar de não representar um sentimento, que era o que se propôs relacionar a cada imagem, apareceu em citações de quase todas as lomografias. Ficou claro que a *experimentação* é fortemente associada a múltiplas exposições, sopa de filme⁶⁵ e, quando ligadas à elas, cores saturadas, tendo aparecido mais vezes nas *Lomos 6, 7 e 8* do questionário (FOTOGRAFIAS 13, 12 e 14).

FOTOGRAFIA 12 - LOMO 7 DO QUESTIONÁRIO



FONTE: LOMOGRAPHY (2017i)

⁶² “All my cameras have different personalities. I feel like the photos I take with lomo cameras have a certain surreal quality. Real moments captured as if they were dreams.”

⁶³ “Lomography otorga ciertos acabados estéticos que vienen preconcebidos de fabrica con la cámara, las demás cámaras analógicas (no todas) suelen fotografiar de manera más cercana a la realidad.”

⁶⁴ “Las lomo permiten procesos más creativos y azarosos, lo que permite más plasticidad en la imagen. Esto es relevante para mí, pues mi pasión por la fotografía es la experimentación y la creación plástica”

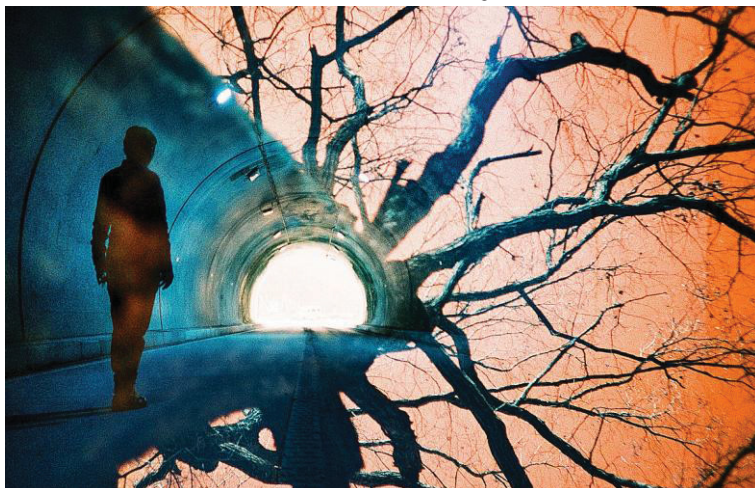
⁶⁵ Processo onde se usa substâncias químicas diluídas em água, nas quais literalmente se cozinha os filmes a fim de criar distorções e alterações cromáticas no filme.

FOTOGRAFIA 13 - LOMO 6 DO QUESTIONÁRIO



FONTE: LOMOGRAPHY (2017h)

FOTOGRAFIA 14 - LOMO 8 DO QUESTIONÁRIO



FONTE: LOMOGRAPHY (2017j)

Diversão vem como quarto aspecto de interesse na lomografia₁₇, marcada por 57,8% dos entrevistados (esse quesito foi adicionado posteriormente, o valor da porcentagem refere-se à parcial de respostas obtidas após a sua inclusão: 71). Aparece como um dos pontos principais na diferença entre esta e outras câmeras analógicas₁₄: “Câmeras lomográficas são brinquedos divertidíssimos. As adoro, mas raramente tem usos sérios. Por sorte a vida não é feita só de seriedade”. Foi citada como um fator aliado a *experimentação*: “As fotos tiradas com lomo permitem uma surpresa quando recebemos o material revelado, pois é permitido brincar com a fotografia”; e como fator relevante na fotografia instantânea₁₆ (13,6%). Finalmente, *diversão* se revelou um possível fator determinante para aqueles que fotografam em grupos₂₁, sendo citada em 22,2% das respostas, atrás do fator principal, a *socialização*, com 44,4% (dados não conclusivos devido a questão ser incluída posteriormente - apenas 18

respostas). “Às vezes eu fotografo com um grande amigo meu. Ele tem várias câmeras lomo que então eu posso usar. Além do mais é sempre mais divertido juntos +nós podemos esperar e desfrutar as imagens juntos depois.”⁶⁶ *Diversão* e temas relacionados (*alegria, felicidade, energia*) também foi considerada como ponto principal duas vezes na relação de fotos individualmente a sentimentos²⁸, quais sejam a *Lomo 2* (FOTOGRAFIA 17) e a *Lomo 5* (FOTOGRAFIA 18) do questionário. Na *Lomo 2*, os termos correlatos foram citados 71 vezes, representando 44,2% das respostas e, na *Lomo 5*, 58 vezes, contabilizando 36% de citações.

A respeito da forma de divulgação das imagens lomográficas²⁵, uma pergunta incluída após a disponibilização do questionário online já traz um indicativo de que a sociabilidade é um fator muito relevante dentro desse grupo, uma vez que, segundo os respondentes, as redes sociais são a forma mais utilizada para o fim de compartilhar as imagens produzidas. Ou seja, *Facebook, Instagram* e outras redes similares abrigam as lomografias de 84,8% dos respondentes. Para se ter uma ideia, as outras formas mais comuns de disseminar as imagens são sites ou blogs pessoais, sites específicos de compartilhamento de imagens, como o *Flickr*, e o próprio site da *Lomography*, entretanto, nenhum deles chega a ser usado por metade dos respondentes. Exposições, incluindo a *LomoWall*, abarcam pouco mais de 12% das divulgações e a publicação, tanto em meios impressos de cunho pessoal (livro, zine), quanto impessoais (revistas, jornais), abrangem 6,1% cada. Devido ao fato supracitado de esta ser uma pergunta incluída no questionário tardiamente, com apenas 33 respostas, esses números são tomados aqui apenas como um indicativo de tendência.

FOTOGRAFIA 15 - *LOMO 10* DO QUESTIONÁRIO



FONTE: LOMOGRAPHY (2017m)

⁶⁶ “Sometimes I shoot with a very good friend of mine. He owns plenty of lomo cameras which I then can use. Furthermore it is always more fun together +we can wait and enjoy the pictures together afterwards.”

FOTOGRAFIA 16 - *LOMO 4* DO QUESTIONÁRIO

FONTE: LOMOGRAPHY (2017n)

FOTOGRAFIA 17 - *LOMO 2* DO QUESTIONÁRIO

FONTE: LOMOGRAPHY (2017k)

FOTOGRAFIA 18 - *LOMO 5* DO QUESTIONÁRIO

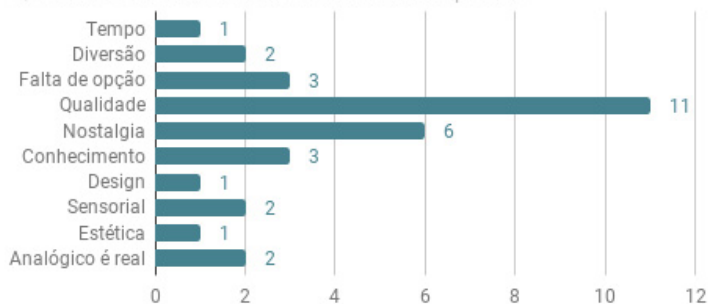
FONTE: LOMOGRAPHY (2017l)

A análise de sentimentos relacionados às lomografias²⁸ revelou também a importância da *nostalgia* na estética das imagens. Ela é citada pelo menos uma vez em todas as fotografias e representou o tema mais relevante das *Lomos 4* e *10* do questionário (FOTOGRAFIAS 16 e 15). Juntamente com termos relacionados (saudades, recordações, memória e infância), contabilizou 19,1% de citações para a primeira lomo e 37,5% para a segunda (respectivamente, 29 e 57 citações). *Nostalgia* aparece ainda em segundo lugar nas respostas abertas sobre o interesse dos lomógrafos no uso de equipamentos analógicos²⁷, com 19,4% de citações, incluindo termos relacionados (retrô, apego): “eu acredito em manter as antigas tecnologias vivas” (GRÁFICO 7). Para essa pergunta, houve respostas curiosas: uma lomógrafa explicou que usa equipamentos analógicos apenas para poder ouvir música enquanto está na sala de revelação, porque eles não emitem luz; outro respondeu que é designer e editor de vídeos e os equipamentos analógicos o forçam a pensar para decidir, e também quebram a rotina de ficar o tempo todo olhando para telas; enquanto uma terceira justificou apenas que seu interesse se resume ao fato de eles não usarem baterias.

GRÁFICO 7 - PORQUE USAM ANALÓGICO

27. Por que usam analógico

Questão aberta subodinada à anterior: 33 respostas*



*Incluída posteriormente. Tabulação disponível no final do APÊNDICE C

FONTE : A autora (2017)

Nostalgia foi ainda indicada como aspecto de interesse na Lomografia por 35,9% dos entrevistados. Figuro inclusive como motivo para fotografar em grupo, “[fotografar em grupos] faz com que a fotografia seja mais divertida, a interação lhe dá um sentido mais familiar, nostálgico.”⁶⁷

⁶⁷ “[fotografiar en grupos] hace que la fotografía sea más divertida, la interacción le da un sentido más familiar, nostálgico”.

A partir da análise desses dados, aumentam-se os aspectos relevantes de interesse na lomografia, que na hipótese inicial desse estudo se traçava apenas pelo aspecto da *nostalgia*. Agora percebe-se que *experimentação* e *diversão* tem um papel também central para os lomógrafos. Esses elementos aparecem nessa prática em dois momentos: no ato de fotografar e na imagem em si. O ato de fotografar será foco no capítulo 6, onde analisaremos as relações entre os lomógrafos, sua dinâmica fotográfica, sua interação com as câmeras e a *Lomography*. Isso será feito a partir da observação participante do *lomo rolê* e de entrevistas. Já as imagens serão foco no capítulo seguinte, que fecha este estudo, a partir da análise das imagens e informações fornecidas pelos lomógrafos.

5 MAGIA E JOGO NA FOTOGRAFIA LOMOGRÁFICA

O pensamento de Vilém Flusser (1985) se fundamenta na teoria de que as imagens são abstrações *mágicas* da realidade, enquanto a escrita é abstração conceitual. Na imagem abstraem-se duas dimensões (uma espacial e outra temporal) e as relações entre seus componentes são cíclicas, não há causa e consequência, antes e depois. Na escrita tem-se a abstração de três dimensões e a consciência histórica. A imagem técnica é pós-histórica, já que é produzida por aparelho, que é fruto da técnica, texto científico aplicado. Para Flusser, a imagem é a mediação entre o homem e o mundo, e a função das imagens técnicas é a de emancipar a sociedade de pensar conceitualmente, criando uma consciência *mágica* e capacidade imaginativa, ambas de 2ª ordem, já que posteriores a abstração textual.

Desta maneira, Flusser vai considerar que a fotografia é o primeiro objeto pós-industrial, onde o seu valor não é material, o do papel, mas está na sua informação, a imagem em si (FLUSSER, 1985, p 27). Esta informação é o que o homem captura do mundo através do aparelho fotográfico. A este complexo “aparelho-operador”, Flusser (1985, p.11) chama *caixa preta*, porque, critica ele, enquanto nas imagens produzidas pelo homem é evidente a concepção do autor, nas imagens técnicas, a compreensão do processo codificador dessas imagens, que se dá no interior da *caixa preta*, é demasiado complicada, fazendo com que o observador ligue diretamente a imagem a seu objeto.

Como vimos, a lomografia não se propõe ao inusitado, ao ‘momento decisivo’, ao tema exótico ou de suma importância. A filosofia do fotografar lomográfico vai buscar os elementos cotidianos e escrever assim a história de vida do lomógrafo.

FOTOGRAFIA 19 - LOMOGRRAFIA COM TEMA COTIDIANO



FONTE: LOMOGRAPHY (2017o)

As imagens lomográficas são disseminadas em grande parte de forma virtual. No site oficial, *lomography.com*, como anteriormente mencionado, há mais de 14,1 milhões de lomografias na seção *Photos*, enviadas pelos usuários. Apesar de ter seções dedicadas à publicação de atualidades, divulgação de eventos e competições, informações básicas sobre lomografia e uma loja virtual (*Magazine*, *Competitions*, *About* e *Shop*), nota-se que na seção *Photos* há escassez de texto. As imagens são sempre acompanhadas do link para a página do usuário que a postou e de sua data de publicação. Outras informações complementares aparecem com frequência, como a câmera e o filme utilizados e a cidade de origem do fotógrafo. Mas título e legendas geralmente estão ausentes. Há *tags*, mais uma forma de busca do que de propagar informação, assim, a informação é a imagem. Neste sentido há o que Flusser chama de *remagicização* na relação entre os lomógrafos. Isso significa que existe uma comunicação que se faz por imagens e para imagens, já que seu objetivo não é conceitual, ou seja, a comunidade lomográfica seria *mágica*, já que baseada em imagens.

Na lomografia, aqueles que a praticam são os mesmos que a divulgam, que navegam pela rede acessando as milhões de lomografias produzidas por outros lomógrafos no mundo todo. Mas será que compreendem o que se passa no interior de suas *caixas pretas*? O fato é que sua interação se dá essencialmente por meio das imagens, nesse fluxo virtualmente infundável. Conectam-se por meio da *magia* e exploram seu mundo *magicamente*.

No que tange a lomografia, a ideia inicial era ser um movimento artístico estético e experimental. Deixaremos este segundo aspecto, o experimental, a ser analisado um pouco adiante e, por hora, nos concentraremos no parâmetro estético. Dentro desse movimento já havia também, logo de início, a ideia de assumir o ato de fotografar como parte da vida diária, fazendo com que interação do fotógrafo com o mundo acontecesse através da câmera de forma espontânea.

FOTOGRAFIA 20 - LOMOGRAFIA DE ESTÉTICA NOSTÁLGICA PUBLICADA EM SET. DE 2017



FONTE: LOMOGRAPHY (2017c)

FOTOGRAFIA 21 - LOMOGRAFIA DE ESTÉTICA NOSTÁLGICA PUBLICADA EM JAN DE 2017



FONTE: LOMOGRAPHY (2017a)

FOTOGRAFIA 22 - LOMOGRAFIA DE ESTÉTICA NOSTÁLGICA PUBLICADA EM SET. DE 2017.



FONTE: LOMOGRAPHY (2017b)

FOTOGRAFIA 23 - ANIVERSÁRIO DE 80 ANOS DA BISAVÓ DA AUTORA, 1995.



FONTE: Arquivo pessoal (1995)

Mas naquele momento, década de 90, a fotografia digital ainda não tinha surgido, então essas imagens, vistas hoje, nos trazem, esteticamente falando, um novo elemento: a *nostalgia*. Isto porque os avanços nas câmeras digitais proporcionaram a produção de imagens com maior nitidez, uma aproximação das escalas de cores e de contraste entre luz e sombra mais semelhante à real, maior profundidade de campo. Nas FOTOGRAFIAS 20, 21 e 22, fazemos esse paralelo. O elemento mais significativo que fazem com que cada uma dessas imagens tenham uma estética *nostálgica* são o desfoque do assunto da imagem, a presença de granulação e a paleta de cores amarelada e um tanto dessaturada, respectivamente. Ressalva-se que outros elementos confluem para criar esse aspecto e nenhum elemento é forte o suficiente para ser, por si só, o que influencia nossa percepção de uma imagem. Assim, as imagens dos filmes fotográficos feitas com câmeras simples e amadoras nos remetem, nostalgicamente, às imagens dos nossos antigos álbuns de família e afins (FOTOGRAFIA 23).

Fazemos essa ligação por pularmos essa compreensão da *caixa preta*? É o que afirma Flusser. Nos atemos àquilo que vemos. Mas, se nos depararmos com a concepção de imagem do fotógrafo, não seria isso intencional? Não quer o lomógrafo imprimir essa dimensão temporal às suas imagens, ou talvez subtraí-la com uma dose de anacronismo?

A *nostalgia* está não somente no resultado final, mas em todo o processo de fotografar analogicamente. Dessa forma, os lomógrafos não querem apenas criar imagens *faux-vintage*⁶⁸ (ver seção 2.6), mas buscam uma experiência verdadeiramente nostálgica.

Voltando ao pensamento de Flusser (1985, p.15), ele define o aparelho fotográfico como um brinquedo que está programado com inúmeras possibilidades. O fotógrafo brinca com ele a fim de esgotar-lhe essas possibilidades; enquanto elas diminuem, aumenta o universo fotográfico.

a competência do fotógrafo deve ser apenas parte da competência do aparelho. De maneira que o programa do aparelho deve ser impenetrável para o fotógrafo, em sua totalidade. Na procura de potencialidades escondidas no programa do aparelho, o fotógrafo nele se perde. (FLUSSER, 1985, p.15)

Assim, para Flusser (1985, p.15) o fotógrafo não está empenhado em modificar o mundo, mas em obrigar o aparelho a revelar suas potencialidades, enquanto a câmera em si deve ser inesgotável. É interessante notar que as câmeras lomográficas, por não se proporem a

⁶⁸ Imagens que simulam ter sido produzidas em uma época passada por sua aparência estética, mas que foram produzidas contemporaneamente.

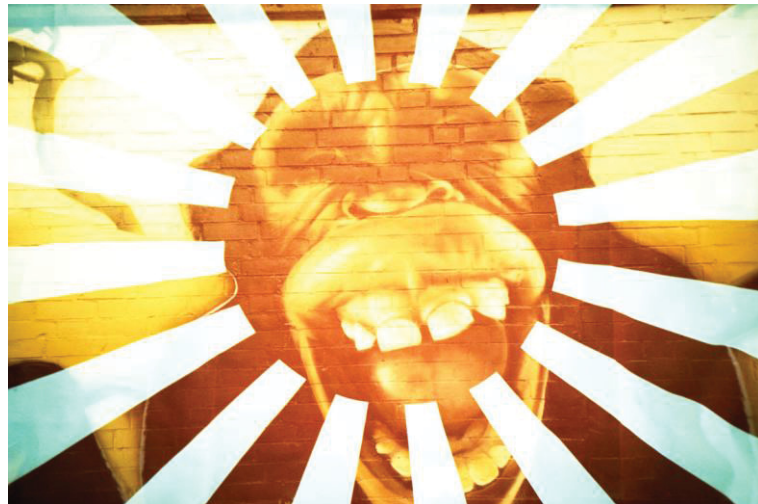
rigores técnicos e por serem simples e intuitivas, além de construídas normalmente em material plástico são chamadas de *toy cameras*.

FOTOGRAFIA 24 - DUPLA EXPOSIÇÃO PUBLICADA EM JUN. DE 2011



FONTE: LOMOGRAPHY (2017d)

FOTOGRAFIA 25 - DUPLA EXPOSIÇÃO PUBLICADA EM JUN. DE 2011



FONTE: LOMOGRAPHY (2017e)

Por fim, voltemos ao aspecto experimental da lomografia. A *Lomography* lança com frequência novos tipos de câmeras e filmes, com efeitos diversos. A possibilidade de intervenção no filme, seja previamente (como nas sopas de filmes ou a utilização de filmes com aberrações cromáticas) tanto durante sua exposição (múltiplas exposições ou sobreposições parciais) ou após (processos cruzados de revelação⁶⁹, tinta ou riscos aplicados sobre a película), cria uma gama gigantesca de possibilidades, muitas vezes com resultados

⁶⁹ Processo cruzado de revelação é quando se usa o processo de revelação de filme negativo em diapositivo ou vice-versa

impossíveis de prever. Some-se a isso a criatividade do fotógrafo, que pode criar outras interferências de iluminação, explorar enquadramentos e temas e as imagens a serem produzidas são infindáveis.

FOTOGRAFIA 26 - LOMOGRRAFIA PUBLICADA EM AGO. 2011.



FONTE: LOMOGRAPHY (2017g)

FOTOGRAFIA 27 - *LIGHT PAINTING* PUBLICADA EM AGO. 2011.



FONTE: LOMOGRAPHY (2017f)

Flusser defende que os fotógrafos são inconscientes de sua práxis, que pode ser resumida como “a liberdade é jogar contra o aparelho”. Para ele, a maioria dos fotógrafos acreditam fazer arte, ou engajar-se politicamente ou ainda aumentar o conhecimento.

Há, porém, uma exceção: os fotógrafos assim chamados experimentais; estes sabem do que se trata. Sabem que os problemas a resolver são os da imagem, do aparelho, do programa e da informação. Tentam, conscientemente, obrigar o aparelho a produzir imagem informativa que não está em seu programa. Sabem que sua práxis é estratégia dirigida contra o aparelho. Mesmo sabendo, contudo, não se dão conta do alcance de sua práxis. Não sabem que estão tentando dar resposta, por sua práxis, ao

problema da liberdade em contexto dominado por aparelhos, problema que é, precisamente, tentar opor-se. (FLUSSER, 1985, p. 41)

Assim, o jogo torna-se a busca consciente pelas diversas conexões possíveis por meio da produção de lomos, alterado a cada nova interação mágica com outras lomografias.

5.1 A FOTOGRAFIA EXPERIMENTAL

No primeiro capítulo de *O ato fotográfico e outros ensaios*, Philippe Dubois conta como a fotografia foi a princípio vista apenas como uma forma de representar o mundo por uma perspectiva mais próxima à realidade. Considerou-se, inclusive, que ela possibilitou a libertação da pintura para novas formas de representação não realistas ou naturalistas, para a abstração e a irrealidade, possibilitando a liberdade de pinceladas, linhas, cores e temas, características de movimentos artísticos que lhe foram posteriores, como o expressionismo, cubismo, dadaísmo, surrealismo. Ou seja, o pensamento era que a fotografia havia libertado a pintura da função social da representação fiel que se lhe impunha para que esta encontrasse seu verdadeiro fim artístico: a representação dos sentimentos e sonhos humanos.

No mesmo espírito, veremos florescer ao longo de todo o século XIX uma argumentação que pretende que, graças a fotografia, a prática pictural poderá doravante adequar-se àquilo que constitui sua própria essência: a criação imaginária isolada de qualquer contingência empírica. Eis a pintura de certa forma *libertada* do concreto, do real, do utilitário, do social. (DUBOIS, 1998, p.31)

Essa ideia, da fotografia mimética, se fortaleceu principalmente porque a fotografia era capaz de produzir com mínimo esforço uma imagem extremamente semelhante ao objeto real, e, para o pensamento da época, despojada da interferência humana, porque realizada por meio da máquina. A consequente divisão entre fotografia e pintura, onde a primeira se ocuparia da realidade e a segunda da arte e imaginação aparece nessa conversa em 1929 entre o pintor Pablo Picasso e o fotógrafo Brassai, diz o primeiro:

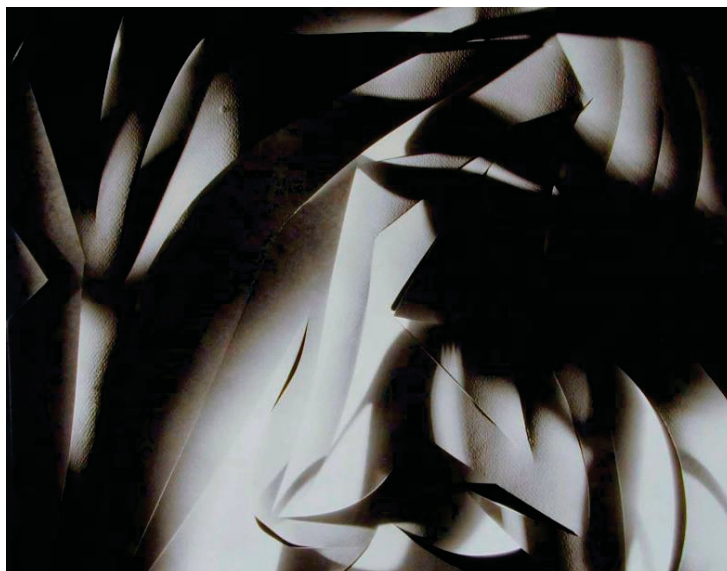
Quando você vê tudo que é possível exprimir através da fotografia, descobre tudo que não pode ficar por mais tempo no horizonte da representação pictural. Por que o *artista* continuaria a tratar de sujeitos que podem ser obtidos com tanta precisão pela *objetiva de um aparelho de fotografia*? Seria absurdo não é? A fotografia chegou no momento certo para *libertar a pintura* de qualquer anedota, de qualquer literatura e até do sujeito. Em todo caso, um certo aspecto do sujeito hoje depende do campo da fotografia. (PICASSO apud DUBOIS, 1998, p.31)

Esse pensamento parte do pressuposto da fotografia como imagem com semelhança extrema ao objeto que lhe deu origem, mas já nessa época a fotografia havia encontrado diferentes caminhos. Explorando as possibilidades do meio, Alvin Langdon Coburn criou a série *Vortographs* as primeiras imagens consideradas completamente abstratas. O nome se refere ao Vorticismo, movimento artístico modernista surgido em Londres no início do século XX de estilo abstrato geométrico do qual o fotógrafo fazia parte. Obtidas através de um caleidoscópio prismático adaptado à câmera, Coburn desafiou a ideia de que fotografia estaria indiscutivelmente ligada à representação acurada do mundo. Alguns anos depois, Francis Bruguière fotografa papel recortado e torcido, iluminado por uma fonte luminosa utilizada várias vezes em diversos ângulos, uma técnica atualmente conhecida como *lightpainting*.

FOTOGRAFIA 28 - FOTOGRAFIAS ABSTRATAS DE COBURN E BRUGUIÈRE



FONTE: COBURN (1917)



FONTE: BRUGIÈRE (1927-1931[?])

Desde princípios da década de 20 aparecem os primeiros trabalhos artísticos com fotogramas. O processo remete aos primórdios da fotografia. Em suas experiências para capturar e gravar imagens, William Talbot criou os *photogenic drawings* em 1834, que consistia em sensibilizar um papel de desenho de alta qualidade à luz por meio da utilização de nitrato de prata e deixar descansá-lo com folhas, flores ou um pedaço de tecido na superfície, de modo a gravar a imagem respectiva. Essas imagens eram escuras e irregulares e, mais tarde, Talbot desenvolveu a técnica e criou o calótipo. Só tornou públicas suas descobertas depois do anúncio do processo fotográfico inventado por Daguerre à Câmara dos Deputados e à Academia das ciências francesas que ocorreu em 1839. Posteriormente, desenvolveu-se a técnica conhecida como fotograma, que consiste em pousar objetos

diretamente sobre o papel fotográfico e expô-lo a luz, não necessariamente uma única vez, com intuito de que essas formas se gravem sob o papel e criem uma imagem a partir daí (FOTOGRAFIA 29). Elencam-se algumas características desse tipo de imagem:

- a) Os objetos podem ou não ser reconhecíveis na fotografia final, mas é a interação e a distribuição entre eles que cria uma imagem de apelo estético e não significante;
- b) A imagem é necessariamente única, já que não há o intermédio do filme, e não pode ser reproduzida da mesma forma;
- c) A fotografia não passa por uma câmera e é produzida essencialmente pela sensibilidade do artista em sua manipulação do processo.

FOTOGRAFIA 29 - FOTOGRAMAS DE MAN RAY E MOHOLYY-NAGY



FONTE: RAY (1923)



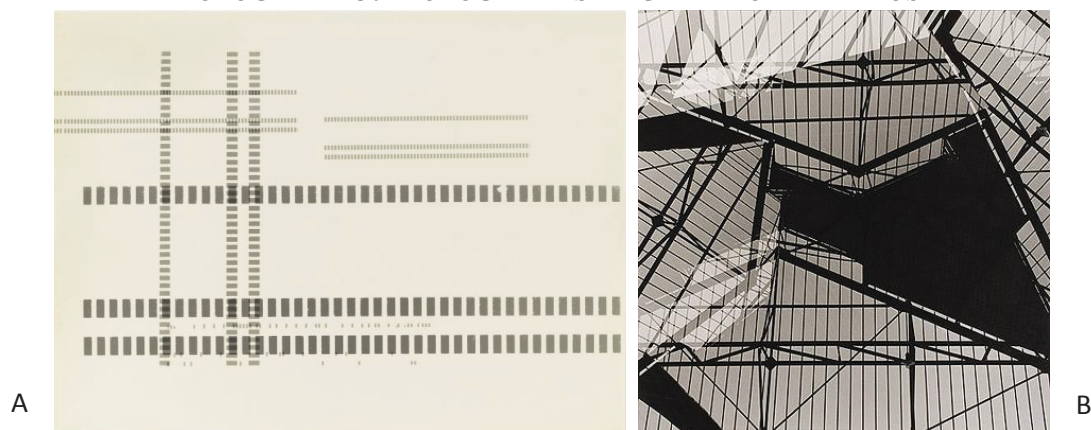
FONTE: MOHOLY-NAGY (1939)

A soma dessas características faz com que os fotogramas se distanciem nitidamente da ideia de fotografia enquanto mera reprodução da realidade de maneira isenta. Dubois utiliza a divisão de signos do filósofo e semiótico Charles Peirce que em 1895 já apontava para a fotografia como uma imagem que havia tido necessariamente uma conexão real ao referente em algum momento, sendo portanto enquadrada na teoria de Peirce como *índice*, em oposição a *ícone* e a *símbolo*, sendo o primeiro aquilo que traz semelhança atemporal com o objeto referente por meio da similaridade de forma e tendo o segundo sua ligação com o referente estabelecida por convenção geral.

Não é com certeza um mérito menor de Ch. S. Peirce ter conseguido analisar, já em 1895, o estatuto teórico do signo fotográfico, superando a concepção primária e ofuscante da foto como mimese, ou seja, rejeitando esse verdadeiro obstáculo *epistemológico* da semelhança entre imagem e seu referente. E, se ele conseguiu rejeitar esse obstáculo, foi porque levou em consideração não apenas a imagem como tal, mas também e principalmente o próprio *modo de produção* do signo. Com Peirce, percebemos que não é possível definir o signo fotográfico fora de suas “circunstâncias”: *não é possível pensar a fotografia fora de sua inscrição referencial e de sua eficácia pragmática.* (DUBOIS, 1998, p.65)

Nesse contexto, os fotogramas são um tipo de fotografia da qual é impossível ignorar seu processo de obtenção, a ação do fotógrafo. São ainda um tipo de imagem criada efetivamente em laboratório, suscitando contundentemente seu aspecto experimental. Num fotograma não há um visor por onde se pode ‘ver’ a imagem *a priori*, ela não existe realmente no mundo, vai-se formando em camadas artesanamente pelo fotógrafo, e pode apenas ser antecipada por este, imaginariamente.

FOTOGRAFIA 30 - FOTOGRAFIAS DE GERALDO DE BARROS



FONTE: BARROS (1949c)

FONTE: BARROS (1949b)



FONTE: BARROS (1949a)

Foi nessa linha que alguns fotógrafos da Escola Paulista, que nasceu em torno do *Foto Cine Clube Bandeirante*, desenvolveram seu estilo fotográfico em meados do século XX. Entre eles, destaca-se Geraldo de Barros (FOTOGRAFIA 30), que realizou seus próprios fotogramas (A), uma série chamada *Fotoformas*, criou múltiplas exposições geométricas (B) e fez interferências diretas no negativo com nanquim e ponta seca (C).

Ainda em meados do século XX, surge na Europa um movimento de fotografia interessado em expressar a psique humana e sentimentos por meio das imagens, a *Fotografia Subjetiva*. Fundado por Otto Steinart, trazia muitas das técnicas experimentais do *Bauhaus*, “mas seu assunto era mais complexo, refletindo os aspectos obscuros da condição humana através das suas imagens expressionistas e alucinatórias”⁷⁰ (TATE, 2018, n.p, tradução nossa).

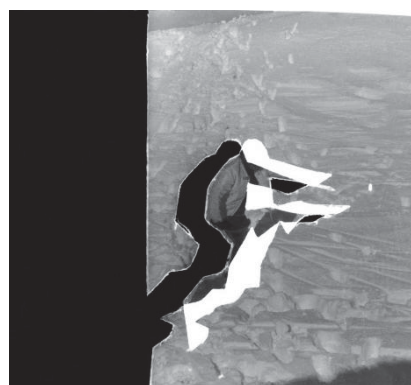
Entre os representantes do movimento no Brasil temos Thomaz Farkas, Gaspar Gasparian e Marcel Giró, também ligados à Escola Paulista. Nos anos 70, Boris Kossoy lança *Viagem pelo Fantástico*, de tom surrealista. Para citar algumas expressões mais contemporâneas, tem-se *Sobras*, com recortes em fotografias familiares de viagem, do próprio Geraldo de Barros e as diversas expressões criadas por Chris Bierrenbach, uma artista fotográfica que possui um trabalho vasto e eclético (FOTOGRAFIA 31).

Bierrenbach atua no limite das potencialidades dos processos fotográficos, desde os mais antigos aos mais novos, como o digital. Esse trânsito entre diferentes técnicas lhe permite apresentar trabalhos que não se limitam a uma única estética. Suas instalações formam uma espécie de comentário sobre as possibilidades técnicas da fotografia. (ENCICLOPÉDIA ITAU CULTURAL, 2017, n.p.)

FOTOGRAFIA 31 - FOTOGRAFIAS EXPERIMENTAIS



FONTE: BORIS (1970)



FONTE: BARROS (1996-1998[?])

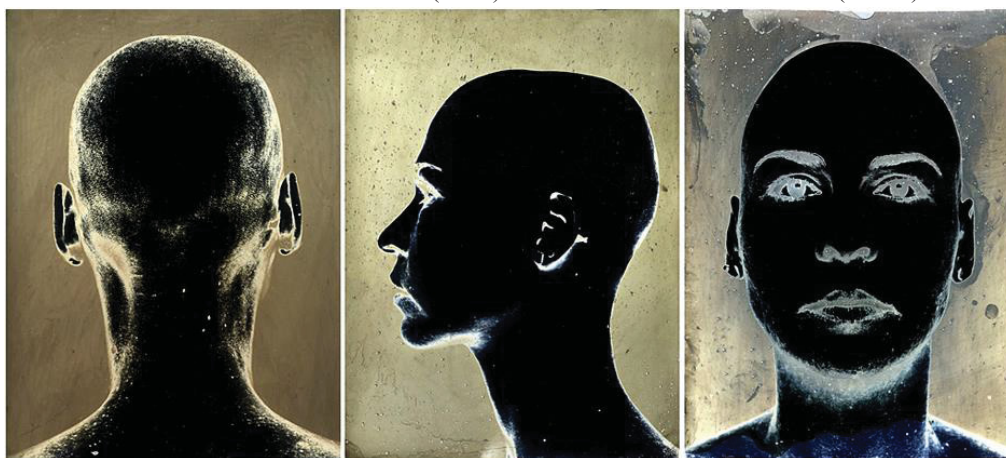
⁷⁰ No original: “but their subject matter was more complex, reflecting the darker aspects of the human condition through their expressionistic and hallucinatory images.”



FONTE: BIERRENBACH (2008)



FONTE: BIERRENBACH (2003a)



FONTE: BIERRENBACH (2003b)

Tentou-se traçar uma breve cronologia das influências mais relevantes na fotografia experimental. Procurou-se definir o que caracterizaria a fotografia experimental a partir não apenas de suas imagens mas também de seus métodos de realização. Foram delineadas três condições e duas possibilidades da fotografia experimental, quais sejam, respectivamente:

- a) A imagem experimental extrapola as possibilidades do meio fotográfico. A intenção é jogar com o processo fotográfico, descobrindo técnicas e relações estéticas possíveis;
- b) O experimental é consciente. A tentativa de alargar as possibilidades da práxis fotográfica, do universo de imagens do mundo, como definiu Flusser só pode ser intencional. Quando isso ocorre por um fator imprevisto, sem intenção, não é experimental, é acidental;
- c) A imagem experimental não é visível no mundo. Ela é criada através da interferência do fotógrafo, das técnicas disponíveis ou elaboradas por ele, que pode apenas antecipá-la imaginariamente, mas só conseguirá vê-la realmente depois de realizada;

- d) Após produzida, a imagem pode ser diferente da antecipada pelo fotógrafo. Uma série de fatores pode influenciar na imagem final, desde fatores inesperados a fatores previamente sabidos como imprevisíveis, assumidos intencionalmente;
- e) A imagem experimental não é necessariamente significativa. A intenção original do fotógrafo pode ser criar uma fotografia por fruição estética apenas, sendo que o objeto que lhe deu origem pode não ser identificável.

Tem-se então que aquilo que os respondentes da pesquisa consideraram como experimental na sua produção lomográfica está atrelado a uma forma de fotografar mais despreocupada ou à utilização de técnicas com vistas a obtenção de um resultado estético específico, previamente conhecido, que é intrinsecamente previsível e imprevisível. Previsível porque entende-se quais os tipos de alterações são possíveis a partir deles, manchas, sobreposições, desfoques. Imprevisíveis porque não há como saber exatamente qual o resultado final na interação de vários elementos que por si só já agregam o componente de incerteza. Ocorre que há uma gama de resultados possíveis dentro de uma estética esperada. Voltaremos à análise da experimentação nas imagens lomográficas no capítulo 7, de posse das imagens fornecidas pelos entrevistados.

6 LOMO ROLÊ: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DA SOCIABILIDADE ENTRE LOMÓGRAFOS

A escassez de encontros entre lomógrafos no Brasil, desde o fechamento das lojas da *Lomography*, e a informalidade de suas relações são grandes desafios à intenção de se fazer uma análise etnográfica desse grupo. O contato entre eles não é mais frequente, em realidade, passou a ser raro, o que impede a possibilidade de se fazer uma análise profunda ao estilo desenvolvido por Willian Foote White (2005) em *Sociedade de esquina* ou Loïc Wacquant (2002) em *Corpo e alma*. Tendo em vista um aprofundamento do que é a vivência lomográfica optou-se então por fazer um trabalho simplificado de observação participante. Howard S. Becker, define observação participante da seguinte maneira:

O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou (BECKER, 1997, p.47).

Foram realizadas entrevistas e um *lomo rolê*. O rolê aconteceu na data de 17 de dezembro de 2017 na cidade de São Paulo por iniciativa desta pesquisadora, com convite através do *Facebook*. O ponto de encontro era o vão do Masp, às 14h, no entanto, fui convidada para encontrar os lomógrafos em um café cercano ao meio dia. Aí estiveram Mabbom Santos e Lili Smena⁷¹, com a pequena Sophia, e Erica Sayuri e Ricardo Drozdowski Junior. O clima foi de reencontro, Lili⁷² ficou um tempo ausente até que Sophia dormiu. O pessoal colocou na mesa uma variedade de câmeras lomo e por um tempo lembraram eventos e encontros do passado. Depois da refeição, seguimos para a Avenida Paulista onde ficamos um bom tempo no vão do Masp aguardando outros lomógrafos. Era um dia de muito sol e calor intenso em São Paulo e Sophia estava incomodada de ficar muito tempo parada. Lili decidiu ir para casa com ela e Mabbom as acompanhou, enquanto ficamos fotografando, aproveitei para fazer perguntas à Erica e ao Ricardo. Mais tarde, Mabbom nos reencontrou e como ninguém mais havia aparecido saímos a caminhar e fotografar pela Paulista.

⁷¹ Nome de apresentação, *Smena* é o nome de uma câmera analógica também produzida pela fábrica russa *Lomo*. O nome verdadeiro é Liliane Figueiredo.

⁷² Optou-se por utilizar aqui os nomes/apelidos pelos quais os lomógrafos eram chamados entre si, de maneira a refletir o clima informal do encontro. Por uma questão de unidade e compreensão, manteve-se essa utilização durante todo o capítulo.

FOTOGRAFIA 32 - DIVULGAÇÃO DO LOMO ROLÊ NO FACEBOOK



FONTE: A autora (2017)

Durante o caminho conversávamos e eu aproveitava para observar a dinâmica do grupo. A conversa era fluída e, caso alguém resolvesse parar para fotografar algo, os outros seguiam caminhando e, quando este voltava, se tivesse interrompido uma conversa ou frase pela metade, prosseguia do ponto da interrupção. Quando Massao Matsuhashi nos encontrou eram já 15h30 e o restante do pessoal tinha intenção de ir a outro lugar, então em tom de brincadeira, passaram-lhe oficialmente a responsabilidade sobre mim. Aproveitamos o calor para escolher um bar próximo e conversar enquanto tomávamos uma (ou mais) cervejas, algo que, eu já havia descoberto, permeava os encontros de lomógrafos na cidade.

Desses contatos surgiram outros. Encontrei Lucas Maruo em um café em Curitiba e Jorge Sato preferiu responder às minhas perguntas por email. Com Phillipe Machado conversei por chamada de vídeo.

Por meio dessas entrevistas, identifiquei pontos em comum sobre a prática e a sociabilidade desses lomógrafos que serão apresentados nos tópicos que seguem.

6.1 LOJA DA LOMO: PONTO DE ENCONTRO E DE PARTIDA

O grupo de São Paulo se conheceu por intermédio da lomografia e a loja da *Lomography* teve um papel fundamental nesse processo. “Todo mundo que você encontrar hoje se conheceu na loja”, comentou Ricardo. A loja não era apenas um local onde se poderia adquirir produtos, mas um ponto de encontro, um espaço para exposições, e promovia eventos de sociabilidade através da fotografia.

“O pessoal ia para a loja porque tinha cerveja grátis. Então mesmo que não tivesse evento o pessoal ia para a loja”, confessou Mabbom. Ricardo lembrou que no segundo andar da loja sempre tinha exposição de alguém do país e como eles eram frequentadores assíduos, acabavam ajudando no que precisava, como ir buscar gelo. Uma lomógrafa amiga do grupo inclusive acabou trabalhando na loja, já que era comum estar por ali e conhecia bastante dos produtos.

A loja era um espaço democrático de fotógrafos analógicos profissionais e amadores e era um ponto de encontro inclusive para quem não fotografava com lomos. Os eventos promovidos pela loja incentivavam o fotografar criativo e a conexão entre pessoas.

Philippe Machado foi regional manager da *Lomography* no Rio de Janeiro. Ele relatou que, quando a loja abriu ela era uma *pop up store*⁷³ dentro da loja da *Farm*, uma marca de roupas femininas. Na inauguração, a fila para entrar ia até a esquina (a loja fica no meio da quadra). Antes de mudar para o espaço próprio em Copacabana, a loja ganhou uma festa no espaço vazio do novo endereço. Machado contou como foi a entrada da *Lomography* no Brasil:

De uma hora para outra não se falava de outra coisa, porque é irreverente. Saímos em capas de revista, blogs, a gente chegou a ser a quarta maior loja em volume de vendas, mas financeiramente não acontecia muito bem por uma questão de preço mundial e a tentativa de manter um padrão internacional no Brasil. Coincidiu com o *boom* do mercado imobiliário, alto aluguel...⁷⁴

Segundo Machado, a *Lomography* tem estrutura e conceito mundial de ter o preço equivalente no mundo inteiro, considerando o câmbio. Ou seja, uma câmera que custa 90

⁷³ Loja temporária que pode ser inclusive itinerante, com intenção de demonstrar um produto novo. O nome é referência às janelas de publicidade que surgem durante a navegação na internet.

⁷⁴ MACHADO, Philippe. **Criação e dissolução das lojas da Lomography no Brasil**. Rio de Janeiro, 06 mar. 2018. Entrevista concedida por Skype.

euros na Europa, nos Estados Unidos vai custar cerca de 100 dólares e 350 reais no Brasil⁷⁵. Machado descreveu porque essa concepção de negócio não funcionou:

Na prática é inviável fazer isso no Brasil, os impostos são muito altos, é difícil contabilizar e fazer projeção de mercado, de quanto precisa vender para ser sustentável e interessante o negócio. Algo que custa 100 dólares em Nova York, não deveria custar 350 reais no Brasil, mas 500. Ela [Lomography] ficou tentando durante os quatro anos e meio, cinco anos de Brasil, fazer o mesmo preço internacional de produto, o que na prática é insustentável.⁷⁴

Quando a loja de São Paulo fechou, o mobiliário foi vendido, adquirido por parte dos frequentadores, Erica considera que a sua casa, por ter alguns desses móveis, é parte da loja, uma memória daquele tempo.

6.1.1 Eventos: construindo novos laços analógicos

*Lomo Caterpillar*⁷⁶ foi um evento internacional, promovido no Brasil pelas lojas de São Paulo e Rio de Janeiro, realizado respectivamente no Masp e em Copacabana. Consistia em formar uma fila e cada um fazer uma foto do participante seguinte e ir ao fim da fila. A brincadeira continuava enquanto houvesse filme ou em alguns casos quando se chegasse a um local definido. As pessoas podiam levar toda sorte de máscaras, objetos ou adereços que elas achassem que poderia render uma boa foto. Depois o encontro continuava com um *happy hour*.

*LomoMatrix*⁷⁷, também internacional, tinha a ideia de fotografar uma cena a partir de todos os seus ângulos. Assim, os lomógrafos se reuniam em círculo e fotografavam algo no mesmo momento. Para dar mais interesse à brincadeira, as cenas eram repletas de movimento, pulos, objetos arremessados.

Em contrapartida, a tentativa de realizar o *Blue Hour*, que consiste em fotografar logo depois do pôr do sol, quando ainda existe uma luz azulada que precede a noite, não deu certo em São Paulo. O pessoal não chegou na hora marcada, às 17h, na loja. Na verdade,

⁷⁵ Valores aproximados de conversão no período.

⁷⁶ Um vídeo com as imagens produzidas no mundo inteiro pode ser visto em:

<https://www.lomography.com.br/magazine/236401-watch-the-worldwide-photo-caterpillar-video>. Acesso em 01 abr. 2018.

Making of do evento em São Paulo: <http://www.lomography.es/magazine/231976-making-of-do-caterpillar-da-lomography-gallery-store-so-paulo>. Acesso em 12 fev. 2018

⁷⁷ Pode-se ver um pouco do evento e do resultado das imagens nos vídeos que se seguem:

LomoMatrix Rio de Janeiro: <https://www.youtube.com/watch?v=nHQ3zrg5oig>

LomoMatrix São Paulo: <https://vimeo.com/22535969>

LomoMatrix Curitiba: <https://www.youtube.com/watch?v=w4dpK0ZMdHs>

Acesso em 12 fev. 2018

ninguém apareceu. Segundo Mabbom, no Rio os lomógrafos acabavam saindo mais cedo do trabalho para participar, o que não aconteceu em São Paulo. Erica considerou que as pessoas desta cidade “tem essa característica de não sair mais cedo, na real o pessoal sai mais tarde do trabalho”.

A ideia era criar possibilidades de interação entre pessoas, mas isso não significa que todo mundo ficava junto o tempo todo. Erica e Ricardo costumam fotografar juntos, “mas quando tem eventos da lomo a gente se separa, cada um espera sua foto, porque analógico tem isso, você vê a foto antes e espera ela acontecer”. Ou seja, havia momentos de troca e também momentos ‘solitários’ nos eventos. E isso acontece também nos *rolês* ou entre os dois. O casal me relatou que, ambos fotografando, acabaram se perdendo um do outro em uma viagem ao Japão.

Os *rolês* aconteciam esporadicamente e, segundo Ricardo, todo mundo chegava na hora porque a ideia era caminhar e fotografar. Como não havia um itinerário definido as pessoas não queriam se perder do grupo. Segundo Massao, o costume de realizar *rolês* se perdeu depois, já que era difícil entrar em um acordo e alguém precisava encabeçar a organização.

Finalmente, os *rallys fotográficos*, os lomógrafos disseram ser eventos bastante frequentados. Nesses eventos, era dada uma lista de tarefas, como por exemplo, fotografar um gato, ou desvendar uma charada sobre um local da cidade, que deveria ser fotografado pelos participantes. A ideia era cumprir as tarefas fotográficas e retornar. Aqueles que chegavam primeiro estavam na disputa e, depois de revelados os filmes e confirmados os pontos fotografados, ganhava quem tivesse acertado todos em menos tempo. A disputa acontecia por duplas ou equipes, o que propiciava conhecer novas pessoas. “A ideia era mesmo a fotografia conectar as pessoas e realmente conectava. A gente se conheceu num rally fotográfico do dia dos namorados” contou Lili, sobre sua relação com Mabbom.

6.2 LOMO-BEBÊ: A RELAÇÃO AFETIVA QUE ENVOLVE O FOTOGRAFAR LOMOGRÁFICO E A HERANÇA DO *HOBBY*

A história de Lili e Mabbom começou nesse rally fotográfico. A relação deu origem à pequena Sophia, paparicada por todos os lomógrafos que a conhecem e carinhosamente apelidada de ‘Lomo-bebê’. “A gente não teria se conhecido jamais se não fosse pela lomo”, ponderou Lili.

Erica e Ricardo já se conheciam, mas a lomo reuniu os dois. Estavam separados quando o avô de Ricardo faleceu e Erica foi prestar seu apoio. Ricardo queria reconquistá-la e, num passeio pela cidade, entraram na loja da *Lomography* e ele lhe comprou uma *Diana mini*. Isso ajudou a reaproximá-los.

Para Lili, “todo mundo sempre tem uma memória afetiva ligada a lomo”. Inclusive esse grupo se conheceu e se conectou por causa da *Lomography*: “a gente fez uma amizade muito boa por conta da lomo”, contou Erica. No casamento de Erica e Ricardo, muitos dos amigos eram lomógrafos, assim eles pediram que levassem suas câmeras e disponibilizaram filmes para o pessoal fotografar. Ao final, cada um deixava os filmes fotografados com seu nome anotado, para ser revelado pelos noivos. E esse não foi o único casamento da família que teve a presença da lomografia, Erica filmou o cortejo de entrada do casamento da irmã de Ricardo com a *LomoKino*. Muitos lomógrafos com quem conversei se interessaram por fotografia analógica por influência de algum antepassado que tinha a fotografia como *hobby* ou profissão e do qual acabou recebendo uma câmera antiga. “Comecei a fotografar porque meu avô era fotógrafo e fiquei com todo o equipamento dele”, conta Erica. Massao, que começou a fotografar com 10 anos (em dezembro de 2017 ele tinha 31), uma época em que digital ainda não era acessível, contou que seu avô era fotojornalista e que fotografia era um *hobby* de família. Sato considerou: “O processo analógico é mais introspectivo, intimista e lento. Com certeza isso aumenta o elo sentimental entre o fotógrafo e a fotografia. O fato de ser uma experiência tátil contribui muito também”.

Houve um período de tempo que muitos relatam não ter fotografado com analógicas. Esse período coincide com o começo da propagação da fotografia digital (final dos 90) e a retomada aconteceu no fim dos anos 2000. A maioria dos entrevistados tem entre 30 e 35 anos. “A geração do final dos 80 migrou do analógico para o digital. A gente sabe o que é analógico, a gente viveu isso e agora vive o digital”, explicou Ricardo. Para ele, voltar ao analógico foi “desacelerar o tempo”. Ele e Erica, que agora, além das câmeras dos celulares, só possuem câmeras analógicas, contaram que fizeram uma viagem à Amsterdam na qual tiraram 2 mil fotos digitais. Essas imagens nunca foram impressas e, no computador, nunca são vistas. Ao contrário, na viagem ao Japão fotografaram apenas com analógicas, compraram filmes e outros equipamentos e inclusive revelaram alguns filmes durante a viagem e essas fotos estão impressas e mais à mão.

6.3 COMUNIDADE LOMOGRÁFICA: A DIVERSIDADE DE CÂMERAS ANALÓGICAS

Nessa última viagem, Erica e Ricardo usaram não somente lomos, mas também outras câmeras analógicas. É comum que os lomógrafos tenham começado a fotografar com câmeras analógicas de família ou mesmo procurado expandir seus conhecimentos fotográficos por meio de câmeras analógicas que possibilitassem uma gama maior de escolhas e resultados mais controlados. O grupo que encontrei em São Paulo carregava também algumas câmeras não lomográficas, como resumiu Erica: “ninguém só tem lomo”⁷⁸. Muitos lomógrafos relataram ter passado a fotografar menos com lomos recentemente, ou mesmo terem parado completamente, principalmente por questões financeiras. “Fotografia analógica custa dinheiro e eu não posso perder o clique”, contou Lucas Maruo. Além do fechamento das lojas da *Lomography*, houve também o fechamento de laboratórios e mudança nas práticas dos que permaneceram abertos. Massao, que usava a *Fisheye 2* entre 2011 e 2012 para fotografar profissionalmente baladas por causa da estética mais “suja”, contou que na época havia laboratórios em São Paulo que revelavam no mesmo dia, então era possível trabalhar. Curiosamente, Maruo explicou que em Curitiba ainda há várias lojas de fotografia que mantêm a revelação de filmes em uma hora, “se o cara tem a máquina funcionando é porque tem demanda”.

Nos últimos anos, houve um ressurgimento das câmeras instantâneas. A *Lomography* lançou suas primeiras instantâneas em 2014 por meio do *KickStarter*⁷⁹. O alto custo e a ausência de *Gallery* ou *Embassy Stores* no Brasil fez com que não fosse tão popular, frente às versões da câmera *Instax* (*Fujifilm*) e mesmo das novas versões da *Polaroid*. Maruo falou sobre fotografia instantânea analógica:

Instantânea é um misto da coisa. Você tem o produto foto pronto na sua mão, como se fosse digital, mas digital você vai ter no telefone. Você tem uma cópia única da sua imagem, algo que não ocorre nem com digital, nem com filme.

Acho interessante, é um resquício que é o rebelde do filme, vocês não mataram o filme. Principalmente pessoal que nunca mexeu com filme é quem mais gosta de instantânea.⁸⁰

⁷⁸ Ressalta-se aqui que nem toda câmera lomográfica é produzida/vendida pela *Lomography*, lembrando o capítulo 2, lomografia é uma concepção de fotografar com câmeras simples, geralmente de plástico e como parte do dia-a-dia. No caso, as outras câmeras eram analógicas mas não lomográficas, ou seja, possuíam mais controle de resultados e robustez de corpo.

⁷⁹ Site de financiamento coletivo onde um produto pode ser lançado e adquirido por pessoas interessadas antes de começar a ser produzido, normalmente por um preço inferior ao que será praticado. O montante mínimo para sua produção é definido previamente e o produto só será fabricado se atingida a meta, caso contrário os apoiadores recebem seu dinheiro de volta.

⁸⁰ MARUO, Lucas R. Curitiba, 28 de dezembro de 2017. Entrevista.

O ápice da lomografia no Brasil aconteceu entre dez e cinco anos atrás. Para Maruo, “foi resultado de uma situação econômica mais favorável, dólar mais em conta, a presença das lojas no Brasil”. Erica considerou que “paulista tem aquela coisa de comprar tudo que é possível para um novo *hobby*”, o que possivelmente movimentou as vendas da *Lomography* na loja de São Paulo no início. Massao também me relatou que ia muita gente na loja que não fotografava com lomo. “A galera não ia para lá para consumir, mas para se encontrar. Sábado e sexta lá tava sempre lotado e a galera se encontrava na loja por causa disso”. Segundo ele é “uma espécie de princípio paulistano que se tem gente é bom”, então um lugar movimentado vai atraindo cada vez mais pessoas. “O pessoal já não estava indo lá para consumir, só para usar o espaço”. Assim, o espaço era compartilhado por lomógrafos e outros fotógrafos analógicos. “Ninguém é evangelista da lomo, qualquer coisa de analógica o pessoal abraça” contou Ricardo. Massao me descreveu a lomografia da seguinte maneira:

Quando a lomo surgiu, a ideia era simplificar, baratear a fotografia. Na Rússia tinha um modelo que vinha no pacote de cereal. A *Lomography* reaviva isso de baratear entre aspas. Não é muito diferente do que falar de *punk*, *hardcore*, feminismo. Você não precisa de uma camiseta para ser isso, mas as pessoas compram porque querem fazer parte de um grupo. Havia pessoas que viviam frustradas com os resultados, mas que se sentiam parte de um grupo e estavam felizes com isso. Lomografia é capitalista, mas se apoiou num movimento social de socializar para todos. Por isso criaram a sociedade lomográfica, para poder capitalizar em cima.⁸¹

Dessa forma, não é incomum ver pessoas que não tem conhecimento prévio em fotografia dando seus primeiros passos na lomo.

6.4 AMADORISMO: A SIMPLICIDADE NÃO É NECESSARIAMENTE FÁCIL

Uma vez uma menina foi reclamar na loja que a *Fisheye* não funcionava. A atendente perguntou se ela tinha trazido alguma foto para verem e ela disse que tinha trazido a própria máquina. Ela tirou uma foto, depois abriu a câmera ainda com o filme dentro e mostrou como não aparecia nenhuma foto ali.⁸²

Essa situação, que soa como anedota, me foi relatada em momentos diferentes por Mabbom e Machado, para ilustrar como havia pessoas que não tinham nenhuma ideia de como fotografar com analógicas. Soa no mesmo tom uma segunda história, relatada por Machado. Ele contou que certa vez uma garota chegou à loja para comprar uma *Diana mini*, comprou o kit todo, com acessórios, que custava cerca de 600 reais. Ele achou curioso que ela

⁸¹ MATSUHASHI, Massao. São Paulo, 17 de dezembro de 2017. Entrevista.

⁸² SANTOS, Mabbom. São Paulo, 17 de dezembro de 2017. Entrevista.

não quis comprar nenhum filme. Já descendo a escada da loja, a garota volta e pergunta se a câmera vinha com cabo USB. Segundo ele, ela tinha visto a câmera e as imagens de uma amiga e queria uma igual, então ele pediu para ela esperar mais um pouco e poder explicar como funcionava. Essa situação era recorrente e ele convidava as pessoas a participarem dos *workshops*. “Tinha umas perguntas que você ficava de cabelo em pé, a pessoa não tinha a menor noção do que estava comprando”.

Massao que, assim como Mabbom, é fotógrafo profissional, disse que “essa história de ‘resultado imprevisto’ que a *Lomography* prega, nunca colou comigo”. Segundo ele, a empresa vendia a ideia de não precisar se preocupar para fotografar, mas com o mecanismo ultra simples é preciso fazer ajustes e pensar a fotografia fora da câmera, para que, ao clicar o botão, você consiga uma imagem: “Simplificar [para a *Lomography*] é limar os botões de uma câmera analógica. A pessoa não tinha como controlar, tinha que saber extrair a imagem com os parâmetros da câmera”. Até mesmo o manual de instruções da *Diana F+* condiz com esse pensamento de Massao, começa da seguinte maneira:

ESPERE SÓ UM MINUTO

Nós conseguimos imaginar o intenso ânimo que toma conta de você neste momento. Quem diabos quer ler um manual de instruções inteiro quando a DianaF+, em todas as suas deslumbrantes curvas plásticas, chama pelo seu nome? Mas por favor – lute contra esta tentação e leia todo este manual antes de começar. Aqui há todo tipo de informação crucial para fazer as suas primeiras fotos com a DianaF+ serem as melhores possíveis.⁸³ (LOMOGRAPHY, 2007a, p.2).

Da mesma forma, segundo Maruo, uma *Holga* deve ser utilizada com um filme ISO 800, informação encontrada no manual, mas que a maioria de seus usuários ignora. Somando-se a isso o fato de que uma película com essa sensibilidade não é das mais comumente comercializadas, é fácil encontrar lomógrafos frustrados. “A pessoa acha que vai tirar as fotos do Cartier-Bresson com uma câmera de plástico. Para mim, lomo é fotografia despretensiosa. Vou tirar com os amigos, vai ficar borrado, fora de foco, mas é lembrança”, explicou Maruo. Assim, Massao considera lomografia realmente divertida para quem possui um pouco mais de conhecimento, enquanto o pessoal amador queria fazer parte do grupo principalmente pela questão da sociabilidade. Sobre o aspecto econômico, Massao considera que a *Lomography*

⁸³ No original: “HOLD ON JUST A MINUTE

We can only imagine the intense excitement that grips you. Who the hell wants to read through an instruction manual when the Diana F+’s alluring plastic curves are calling your name? But please - fight this temptation and digest this entire manual before you get started. There’s all kinds of crucial info to make your first Diana F+ shoot the very best it can be.”

não tem concorrência, considerando que a única alternativa é o mercado de usados. “Como as câmeras originais ironicamente tem controle, tiraram o controle e deixaram mais fácil para uso, mas se tiver seis câmeras que prestam é muito”

6.5 A ESTÉTICA E O FOTOGRAFAR LOMOGRÁFICOS

No entanto, todas as características que poderiam desqualificar as câmeras lomográficas são consideradas algo interessante pela maioria de seus usuários. A falta de controle ou controles muito limitados favorecem a ideia de pensar pouco para fotografar. Os ruídos estéticos que aparecem devido às câmeras serem de plástico e simples são considerados como os desejados ‘resultados imprevistos’ e celebrados quando aparecem: “quando sai ‘cagado’ é melhor” - resume Mabbom, “quando sai um *light leak*⁸⁴ é da hora. Hoje a gente dá uma forçada no que era defeito para reforçar a estética”, explica Ricardo. E até mesmo o mau funcionamento das câmeras é visto como uma troca orgânica entre o fotógrafo e a câmera, que gera histórias ou imagens interessantes. Um dos lomógrafos entrevistados para o livro *Diana F+: Mais contos reais e histórias curtas* (2007b), Mark Sink, conta que usava sua *Diana* mesmo profissionalmente e que a lente dela tinha o costume de cair, o que aconteceu na frente de várias celebridades, inclusive do papa. E isso sempre gerava uma grande risada. Mabbom por exemplo, possui uma *Oktomat*. É uma câmera com oito lentes, as quais abrem em sequência, produzindo uma imagem com oito partes que revela o movimento. No entanto, a câmera dele tem um problema, fazendo com que as quatro lentes de cima abram em um clique e as quatro de baixo no clique seguinte. Para ele é interessante porque acaba produzindo uma imagem que pode ser composta de duas sequências completamente diferentes: “eu gosto da minha porque ela é ‘bugada’”.

Erica disse que ficava chateada porque era frequente esquecer de focalizar suas fotos, até que um dos lomógrafos lhe disse que “foco é luxo”, o que, segundo ela, foi libertador: “você para de pensar no padrãozinho”. A filosofia despreocupada da lomo proporciona não se preocupar com o resultado final da imagem como um fim em si mesmo, mas testar e fotografar o que der vontade e como der vontade: “na lomo, quanto mais doido você fosse, mais massa era”, contou Ricardo. Para se ter uma ideia, extraí o seguinte excerto do livro sobre a *Diana F+*:

⁸⁴ Mancha na imagem produzida por um ‘vazamento’ de luz, comum em câmeras fotográficas amadoras e potencializada na *Lomography* pela constituição plástica das lentes.

“O Quadro Completo”⁸⁵ (Esqueça Tudo Sobre Isso)

Sério, apenas deixe tudo isso de lado. Nós não vamos mais “procurar o quadro completo”, e não haverá mais “conseguir uma visão do todo” ou “dar um passo atrás para pegar tudo”. Todos esses conceitos implicam em uma parada abrupta - uma pausa consciente da sua motivação natural e dos seus instintos. Como nós dizemos dia após dia: Seja rápido. Quem tem tempo de considerar as implicações quando cerca de um milhão de incríveis fotos em potencial estão passando bem em frente ao seu nariz? Nenhum dono de Diana que se preze gastaria um tiquinho de energia com o quadro geral quando há tantos elementos cruciais para se focar.

(...) O leve borrado e o tom sonhador das imagens da Diana são mais uma interpretação da realidade do que a correta representação dela. Nesse sentido, é de alguma forma mais correto comparar a Diana a uma antiga máquina de escrever do que a uma câmera de megapixels dos dias de hoje”⁸⁶ (LOMOGRAPHY, 2007b, p.10).

Segundo Ricardo, “digital parece muito *clean*, parece um hospital com aquele tom azulado.” Para Massao, as câmeras lomo “tem estética diferente pela lente de plástico. A imagem é macia, não muito nítida”.

Jorge Sato explicou como escolhe qual câmera analógica vai usar da seguinte forma: “Quando quero mais controle ou versatilidade e fotografias mais “clássicas”, opto pela minha *Olympus Om1* ou *Rolleiflex*. Quando quero algo espontâneo ou surreal, opto pelas lomos. Para cada objetivo, uma ferramenta diferente para chegar lá.” Nota-se, no entanto, que a maioria não faz uma grande distinção estética entre as imagens lomográficas e as produzidas com outras câmeras analógicas, mas sim entre as digitais e as analógicas no geral, incluindo lomos. Maruo contou que usa câmeras analógicas em projetos autorais:

Se quero algo autoral, um projeto de muito tempo, aí vou optar por filme, uma linguagem adequada. Gosto de filmes com determinadas cores e não tenho isso com digital. O resultado de cores do digital é diferente, sem filtros que você coloca na lente é só uma temperatura de cor renderizada. Tanto o que você vê na imagem de negativo ou de cromo⁸⁷ tem percepção muito diferente de cores. Digital não consegue nível de saturação que o cromo tem. Você vê um mundo colorido muito diferente do que ele é. Com o grão do filme, a textura é diferente. Fotografia analógica tem menor nitidez. No digital, o excesso de nitidez é excessivamente real.

⁸⁵ O termo original, *The Big Picture*, pode ser compreendido tanto como uma visão geral, quanto como uma grande imagem, em termos de significado. Foi traduzido para ‘quadro completo’ por considerarmos que esse termo era o que mais aproximava os dois significados possíveis, já que o *frame* pode ser compreendido como um quadro.

⁸⁶ No original: “The Big Picture (Forget All About It)

Seriously, just put it all out of your mind. We’ll no longer “look for the big picture”, and there will be no more “getting an overview” or “stepping back to take it all in”. All of these concepts imply an abrupt halt to activity - a conscious pause of your natural drive and instincts. As we say day in and day out: Be fast. Who’s got the time to consider the implications when close to a million tremendous potential photos are streaming right past your nose? No Diana owner worth their chops would spend one iota of energy on the big picture when there are so many crucial elements to focus on.

(...) A blurry-soft and dreamy-toned Diana image is more an interpretation of reality than a correct representation of it. In a way, it’s somehow more accurate to compare the Diana to an oily vintage typewriter than to a megapixel machine of today”.

⁸⁷ Tipo de filme também conhecido como *slide*, positivo ou reversível, onde a imagem é gravada em suas cores originais e não em negativo. Geralmente, possui cores mais intensas e maior contraste que os negativos.

O analógico não foge da realidade, mas retrata um pouco diferente do que deveria ser. É uma visão. Você tá cansado de ver o real, você precisa algo que mude a forma de ver.⁸⁸

Ao mesmo tempo, existe uma tendência de migrar a estética da película para as imagens digitais. Aplicativos para *smartphones* (e mesmo programas de edição de imagens profissionais, como *Lightroom*) oferecem filtros que, aplicados às imagens, imitam uma estética analógica. E não apenas isso, mas a conversa entre os lomógrafos passou pelos aplicativos que imitam uma câmera fotográfica analógica. Alguns fazem com que você tenha que fotografar usando um visor extremamente reduzido e, apenas após fazer 24 ou 36 fotos e esperar três dias, possa ver suas imagens com aberrações cromáticas, desfoques aleatórios e data marcada na imagem (opcionais). Se as câmeras lomográficas já se enquadram no conceito de *toy cameras*, esses aplicativos não são levados a sério (*Huji* e *Gudak* são o nome de dois deles, inclusive, e seu layout é clara referência a câmeras descartáveis da Fuji e Kodak, respectivamente), e considerados apenas uma fonte de diversão, uma “febre do momento”, segundo sites especializados⁸⁹. Mas o fato é que a busca pela estética analógica é uma tendência atual. E a fotografia digital vem sofrendo influência dessa estética. Mabbom explicou que faz seus trabalhos profissionais preferencialmente em digital, e que utiliza analógica apenas quando o cliente paga. Mas mesmo ao fotografar com digitais, acaba procurando seguir uma estética que vem do analógico, potencializada pela edição. Massao criticou o fato de a própria *Lomography* a partir de 2014, ter lançado lentes para serem usadas em câmeras digitais, para “deixar a imagem digital mais feia entre aspas”, importando a estética das câmeras analógicas.

6.5.1 Espontaneidade e simplicidade

A diferença da lomografia em relação às outras analógicas vem na leveza das câmeras e despreocupação ao fotografar: “Ponto principal da lomo é que é descompromissada, não tem tanta neura de se preocupar, não pensava no jeito certo de usar, às vezes nem saía nada no filme” coloca Massao. Para ele, lomografia era interessante por simplificar o que estava carregando e fotografando. O fotógrafo considera que essa

⁸⁸ MARUO, Lucas R. Curitiba, 28 de dezembro de 2017. Entrevista.

⁸⁹ <https://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/huji-conheca-o-app-de-fotos-mais-bombado-do-momento-no-instagram/>
<https://www.tecmundo.com.br/software/125348-huji-cam-conheca-aplicativo-virou-febre-instagram.htm>
 Acesso em 20 fev. 2018

simplificação, e não o resultado final das imagens, era a experimentação em si, já que precisava se adequar às câmeras.

Machado diz que a lomo é encantadora por fazer as pessoas descobrirem o quanto a fotografia pode ser simples. Na época em que existiam as lojas, ele dava workshops frequentemente, cerca de uma ou duas vezes por semana, e ele adorava fazer as pessoas descobrirem o quanto aquilo era divertido, que havia muita curiosidade das pessoas e que apesar de caro, com o tempo, a experiência fazia com que se gastasse menos.

Erica chamou atenção para o fato de a pessoa que está começando a fotografar com analógicas encontrar na lomografia um aliado porque os comandos são muito práticos e não precisa pensar muito para fazer a foto. Mas, mesmo quem tem mais experiência com fotografia, utiliza lomo para clicar sem muita intenção, experimentar mesmo, então os resultados podem variar do imaginado, ou pode nem haver resultado. “Com a lomo eu vou testar, vou usar em situação casual, abrir mão da perfeição técnica e usar o que tem. Se saiu, ótimo, se não saiu, paciência”, explicou Maruo. “Os diferenciais são a imprevisibilidade, ajustes simples”, resume Ricardo, que carrega consigo sua *Lomo LC-Wide* todos os dias e fotografa o que encontra pelo caminho. Sato, que faz exposições das suas imagens lomográficas e tem inclusive uma de suas imagens⁹⁰ entre as mais populares no site da *Lomography*, com 1415 likes, contou que a maioria das pessoas que vão às exposições nunca ouviu falar sobre lomografia, e que é bacana mostrar que é possível fazer algo diferente com um equipamento simples que muitos acham que é de brinquedo (no sentido de não produzir imagens verdadeiramente).

Machado reflete que a lomo trouxe para sua prática fotográfica o conceito de fotografia de humor. Ele prefere imagens sobre a interação das pessoas com o ambiente do que fotos posadas, então explica que sua dinâmica de fotografar inclui escolher a cena e esperar horas para acontecer a fotografia que ele previu. O fato de as câmeras lomográficas serem compactas e parecerem de brinquedo faz com ele se sinta mais “corajoso” para sacar a câmera em um local em que não o faria com a câmera profissional digital.

O barato de fotografar com uma câmera lomográfica é perceber que fotografar é físico, tem um buraco por onde passa a luz e uma cortina que protege a entrada de luz que é o obturador. Esse é o princípio, pura física. Na lomografia você não tem esses recursos todos, e acaba prestando atenção no que realmente importa, a luz e o enquadramento, o mais difícil das pessoas entenderem no início eram as condições

⁹⁰ Essa imagem também faz parte deste estudo (ver seção. 7.1.2). Ela pode ser visualizada na categoria *Popular* do site na FOTOGRAFIA 10 (ver seção 2.6). Disponível em: <<https://www.lomography.com/photos/13297356?order=popular>> Acesso em: 11 mai. 2018.

de luz que impediam a imagem de sair. Tem que suar para conseguir fotos boas nesse sentido, porque é sol, parque, praia.

Eu adoro isso, esse desafio de botar as pessoas para fora de casa, é meio terapêutico. Fizemos eventos nas praias de Copacabana, Ipanema, alugamos uma *van* e fomos para um parque na Zona Norte do Rio, criamos competições para fazer as pessoas irem pra rua. É quase uma regra: a foto que eu faço em casa fica uma droga, a foto que eu faço na rua fica incrível!

No Brasil a gente tem condições de fotografar o ano inteiro, temos muito dias de sol, claro que também dá para fotografar com *flash*, tenho uma imagem que fiz no *frezzer* com melancia, mas eu tenho 200 fotos na praia que eu curto muito mais, que é a ideia da lomografia, me realizo.⁹¹

Esse contexto, descrito por Machado, de fotografar em ambientes externos é instigado pelo fato da maioria das câmeras da *Lomography* precisarem de uma quantidade de luz relevante para produzirem imagens em filme de ISO comum (400).

6.5.2 Número de fotos: limitações e a dinâmica de fotografar

Sobre a quantidade de fotos ser limitada, tanto os entrevistados, quanto os participantes do *lomo rolê* tiveram contato com fotografia analógica antes da era digital, o que resultou em aprender a escolher o que fotografar com mais critério. Mabbom considera que o pessoal que começa no digital fica com “uma mania feia pra caralho de fotografar demais”. O processo de fotografar para quem começou no analógico tende a ser um pouco mais ‘pensado’. Como explicou Massao: “vejo isso como algo para quem é mais novo na fotografia ou começou agora. Ser limitado a 36, 12 poses, nunca foi um problema para mim. Antes de fotografar, paro, penso, tomo um cuidado maior. A ideia do analógico ser até um pouco sagrado bate mais fundo neles”. Sato considera que a quantidade limitada faz a pessoa fotografar de forma menos ‘gratuita’ e que se dá mais valor para cada fotograma usado, uma sensação que fica mais explícita com médio formato. Ele lembra que às vezes se perde momentos por estar transportando, rebobinando ou trocando o filme, mas isso faz parte.

Ricardo e Erica têm cerca de 200 filmes em casa ainda por fotografar e me contaram que para eles a limitação maior é de tempo. No ano de 2016, ambos estavam desempregados e então a limitação era financeira, já que não era tão acessível se locomover e revelar as imagens depois. Por nem sempre começar um filme e terminar logo em seguida, Ricardo sempre anota o tipo de filme que está na câmera. Durante o rolê em São Paulo, um filme acabou e ele anotou o filme que estava colocando na câmera num papel de chiclete que

⁹¹ MACHADO, Philippe. *Criação e dissolução das lojas da Lomography no Brasil*. Rio de Janeiro, 06 mar. 2018. Entrevista concedida por *Skype*.

prende na parte posterior dela. “Eu tenho sempre uma caneta, anoto o filme que está na máquina, quando fotografei”.

Maruo descreveu que uma vez por semana sai com intuito de fotografar, mas nem sempre produz imagens. Às vezes considera que não é o dia de fotografar determinado assunto. Para ele é necessário acrescentar algo aos trabalhos que já foram produzidos, para não cair no clichê:

Tento entender o que quero passar com uma determinada fotografia e penso a imagem antes de produzir. Funciona melhor para mim quando troco ideias com coletivos artísticos sobre o projeto que estou desenvolvendo, mas na hora de fotografar eu saio sozinho. Não saio sem rumo, para mim, não funciona mais. Eu planejo a foto e depois executo.⁹²

Segundo ele, as pessoas que começam a fotografar querem fotografar tudo, querem fotografar o mundo, mas, apesar de considerar que tudo pode ser fotografável ele lança questionamentos: “Em qual contexto? Qual a ideia disso?”

6.5.3 Nostalgia: componente intrínseco da fotografia

Os lomógrafos que participaram dessa fase não consideraram fotografar com lomos algo especificamente nostálgico. Ressalva-se aqui o fato de que todos já tinham contato com outras analógicas anteriormente, vários deles com câmeras antigas deixadas por algum membro da família, ou mesmo adquiriram câmeras realmente antigas, então, para eles, a relação com a lomografia vai por outros vieses, no caso, a sociabilidade, a experimentação e estética própria.

Mas, lomografia não foge do que é o fim de toda produção fotográfica, capturar um momento de tempo e torná-lo revisitável. Para Sato, “Nostalgia é uma emoção bonita que realmente o filme tem o poder de resgatar. Acredito que esse sentimento ajude a criar imagens mais profundas e carregadas de ideias.” Maruo faz a relação entre fotografia e nostalgia, tomando como foco a lomografia:

Foto é uma máquina do tempo com a história adulterada. Vou lembrar como eu quero que seja, não como foi. Quanto mais tempo passa, mais cria uma história sobre a fotografia; tem a ver com nostalgia porque a lomo é materializar o que tinha, tentando voltar ao momento vivido.⁹²

⁹² MARUO, Lucas R. Curitiba, 28 de dezembro de 2017. Entrevista.

7 A CONVERSA MÁGICA: UMA ANÁLISE POSSÍVEL DAS LOMOGRAFIAS

Até agora surgiram vários elementos da relação da lomografia e seus participantes e entre os lomógrafos. Mas como esses elementos se expressam nas imagens produzidas lomograficamente? Para responder a essa pergunta, foi solicitado aos pesquisados que enviassem duas a três imagens que fossem mais significativas da sua produção lomográfica. Sobre cada imagem, havia uma breve ficha técnica a ser completada e o pedido de dois comentários: em que contexto a fotografia havia sido produzida e porque era considerada significativa. Também foi solicitado nessa fase que descrevessem como era o seu processo lomográfico e se *nostalgia* e *experimentação* eram fatores relevantes para eles.

A partir da análise das informações fornecidas sobre o contexto da captura das imagens e o porquê delas serem relevantes para cada lomógrafo, pode-se notar que⁹³:

- a) **Lomografia faz parte dos momentos de lazer, notadamente passeios e viagens.** Ao contrário do que se propõe, como uma atividade associada ao cotidiano, ela se enquadra mais como *hobby*, não uma atividade que compõe o dia-a-dia, mas momentos especiais;
- b) **Lomografar é uma atividade social.** A relação com as pessoas conta muito, e fotografar lomograficamente raramente é um ato solitário. Pode ser que apenas um indivíduo produza a foto, mas o momento é de interação, inclusive as pessoas envolvidas são sempre citadas no contexto, principalmente sua relação com o lomógrafo (meu primo, minha família, meu pai, minhas amigas) quando não são inclusive o tema da imagem ou parte dela;
- c) **Fotografia é imagem e a estética é um dos pontos fortes da lomografia.** Cores, contraste, vinhetas, saturação, processos de revelação que potencializam essas características, dupla exposição, composição, foco e desfoque. Tudo isso são fatores de relevância para um lomógrafo considerar uma imagem entre suas preferidas, tendo sido citados em mais de metade das descrições.⁹⁴ Algumas imagens são relacionadas a pinturas, outras, a sonhos;
- d) **Fotografias que representam uma experiência lomográfica nova são importantes para os lomógrafos.** Mesmo lomógrafos com uma produção mais extensa enviaram lomos que representam a primeira vez ao fotografar

⁹³ Considere-se que não foram fornecidas informações a respeito de três lomografias, e que os dados apresentados são contabilizados em referência ao número total de lomografias, estas incluídas.

⁹⁴ Aqui se considerou apenas quando estas eram citadas referindo-se a significância da imagem, e não como esclarecimento a respeito de sua obtenção.

com uma câmera ou utilizar uma técnica, acessório ou tipo de revelação. Quase um terço das imagens se refere a alguma experiência nova;

- e) **Boas sensações e memórias de momentos felizes são temas recorrentes.** Cerca de 30% das descrições se referem a algum desses temas ou a ambos, o que era esperado, considerando os tópicos a e b. Aqui podemos traçar um paralelo com a definição de nostalgia, sendo que uma lomógrafa considerou que sua imagem podia mesmo se confundir com alguma produzida nos anos 70. Outro componente interessante foi uma certa dose de humor que apareceu na descrição de várias imagens, ou associações à alegria e divertimento;
- f) **Você sabe o que fotografou antes de fotografar, ou depois.** Contrariando um bocado as regras da lomografia, um quarto das imagens foram pensadas, aguardadas, clicadas e inclusive expostas em galerias e museus, compondo exposições com conceitos formulados (e não apenas uma *lomowall* com afinidades estéticas).

Os pesquisados que receberam essa parte da pesquisa foram aqueles que deixaram seu contato quando da resposta do questionário, aqueles que participaram do *rolê* e os contatos que surgiram daí. Da mesma forma que os lomógrafos não se mostraram muito interessados em responder ao questionário na fase 1, essa fase também teve uma participação relativamente pequena. O *corpus* dessa pesquisa é formado por 37 imagens, produzidas por onze lomógrafos. Um dos lomógrafos, que inclusive participou do pesquisa no *lomo rolê* enviou as imagens, mas não as informações e comentários complementares, apesar de repetidas solicitações, mas optou-se por incluí-lo na pesquisa mesmo assim. O mapa do *corpus* pode ser encontrado no APÊNDICE E que não está encadernado junto a essa dissertação, mas a compõe em formato de encarte. Intenciona-se que se possa deixá-lo aberto e se faça a leitura concomitante de imagens e texto do capítulo, sem que para isso seja necessário ir e voltar entre páginas. As informações e descrições fornecidas pelos lomógrafos aparecem na íntegra no APÊNDICE D. Nesse capítulo, as imagens estarão referenciadas pelo nome dado por seu criador, com o número subscrito pelo qual podem ser encontradas no catálogo, ou apenas por este último, quando o nome esteja ausente.

Sendo assim, esse capítulo vai percorrer as imagens do *corpus*, em uma análise de seu conteúdo e estética. Procurou-se aqui encontrar o que cada imagem diz, não verbalmente, mas magicamente, pela perspectiva de Flusser. Salienta-se que a leitura de imagens é sempre uma leitura entre outras possíveis, já que uma leitura circular.

Ao circular pela superfície, o olhar tende a voltar sempre para elementos preferenciais. Tais elementos passam a ser centrais, portadores preferenciais de significado. Deste modo, o olhar vai estabelecendo relações significativas. O tempo que circula e estabelece relações significativas é muito específico: tempo de magia. Tempo diferente do linear, o qual estabelece relações causais entre eventos. No tempo linear, o nascer do sol é a causa do canto do galo; no circular, o canto do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao canto do galo. Em outros termos: no tempo da magia, um elemento explica o outro, e este explica o primeiro. O significado das imagens é o contexto mágico das relações reversíveis. (FLUSSER, 1985, p.7)

As imagens foram divididas em quatro grupos significantes. Esses grupos são apresentados no mapa do *corpus* de forma que se possa percorrê-los em uma trajetória circular. O que norteou a divisão foi a ligação temática entre elas. Essa escolha foi pautada por refletir a interação do lomógrafo com o ambiente que o cerca, com as pessoas e seres e com o próprio ato fotográfico. A imagem *Na estrada*, no entanto, abrange todos os grupos e pode dar uma carona para transitar entre eles. Nela há a própria estrada, que parece oferecer três destinos, todos levando a esse ponto longínquo, que é o céu e pode ter montanhas. A estrada destina o olhar a esse céu que se dissolve em luz e dá a possibilidade de escapar da foto e ir ao infinito, o ponto onde é sabido as perpendiculares se encontram. Mas há vários pontos e, portanto, vários caminhos possíveis. O primeiro grupo é então o *Mundo Mundo Vasto Mundo*, que tem como tema principal elementos naturais.



O trânsito se dá pelo elemento urbano, que nesse caso são os carros. Coexistem aqui múltiplos tempos, o carro antigo que parece novo em folha, o presente no carro comum que contorna aquilo que se conhece melhor, (no caso as pessoas, das quais se falará mais tarde) e o futuro, o foco central e incerto, desconhecido, para onde esses carros se dirigem. Esse grupo é caracterizado pelas sensações contrapostas de permanência e dinamismo. Representadas respectivamente por construções, que parecem cruzar o tempo, presentes no antes, no agora e no depois, nessa lomo tendo como elemento a estrada, e meios de transporte, a forma como os humanos nos conectamos e nos movemos pelas permanências. O grupo se chama, assim, *Megalomópolis*.

Transitando pelo tempo, têm-se as pessoas. Não estão apenas seguindo suas atividades e compondo “o clima” do lugar. Dão a conhecer sua face, seu humor, o foco do seu interesse. Elas dão o tom da foto, a história contada por essa imagem é sobre elas. Então, tem-se um grupo em que as lomos são sobre pessoas. Mas tem-se também uma lomo que é sobre um cachorro, assim que esse grupo intitula-se *Olhos nos Olhos*.

Na estrada também nos traz algo invulgar. É uma imagem, mas é também boa parte de um filme, algo que é possível pela câmera utilizada, a *Lomography Spinner 360*. Para obter essa foto é necessário puxar uma cordinha que faz a câmera dar uma volta completa enquanto captura a imagem. Desse modo, as imagens produzidas com essa câmera são quase sempre *selfies*. Mas nem sempre panorâmicas, já que alguns lomógrafos fotografam imagens verticais ou diagonais muito interessantes. A presença do trilho, que a imagem invade, e das informações que a margeiam inspiram organicidade, reforçam o analógico. O formato não é completamente estranho ao observador, mas é inesperado. O fato de a imagem abarcar mais do que 360 graus também traz o elemento de repetição, dando um sentido de continuidade de tempo e, no caso dessa imagem, a sensação de que se possui três caminhos que levam a diferentes lugares e não uma única estrada que se estende de um lado a outro. A posição dos carros proporciona ainda uma outra interpretação, pode-se dizer que eles estão em uma rotatória insana onde se pode trafegar em sentido horário e anti-horário, a que, a qualquer momento, podem escolher deixar por uma das vias. A deformidade dos elementos que se vê ao mesmo tempo em partes e em momentos diferentes faz relacionar essa imagem com a ideia de dobra espaço-temporal. Ou seja, a estética diferenciada possibilitada pela técnica e a presença desses elementos significantes faz com que essa imagem guarde um certo quê que não é apenas poético, filosófico, de ficção (ou possibilidade) científica ou de interesse humano, mas uma soma de todos eles e, por isso mesmo, tão inusitado. O último grupo representa e leva o nome de *Extrapolações*.

7.1 MUNDO MUNDO VASTO MUNDO: PAISAGENS

Nesse grupo, o elemento principal das lomografias é o ambiente natural. Exceto pela *Lomo 23*, todos agregam ainda algum elemento humano de interação com esse ambiente, sejam pessoas, objetos e inclusive algumas construções, mas esses elementos estão ali compondo o ambiente e não se sobressaindo a ele.

A *Lomo 23*, apesar de mostrar apenas imagens do céu justapostas, por sua disposição⁹⁵, dá a sensação de que se olha por uma janela, mantendo uma relação com o elemento humano. O azul e as nuvens flutuantes trazem tranquilidade. Para vê-la, se ergue a cabeça, mesmo que apenas imaginariamente, dentro dela mesma, o que inspira confiança.

7.1.1 Bucólicas

Das imagens que pertencem a *Mundo Mundo Vasto Mundo*, cinco inspiram uma sensação bucólica, sendo que uma delas é inclusive intitulada *15. The Shepherds*⁹⁶, que em tradução livre significa *Os Pastores*. A imagem nos traz a calma e a simplicidade da vida no campo, um ambiente de grandes dimensões e pequenos anseios, de vida pacata. Assim são também as cores da imagem e seu enquadramento, sem grandes surpresas ou dramaticidade. Ambos os pastores seguem em direção a um ponto onde o espaço parece findar, pela convergência de linhas entre a planície, o lago e a montanha, refletindo uma vida com fim em si mesma, que não se abre ao desconhecido. A lomógrafa, Marta Bañón, conta que essa é a montanha mais alta da Espanha peninsular, tendo chegado aí por uma rota que haviam empreendido durante alguns dias. Nesse momento, se preparavam para descer e, tendo avistado os pastores, ‘deu a volta’ e os fotografou. De conhecimento desse fato, entende-se que pastores e lomógrafa iam em direções opostas. Ou seja, ao vê-los, olha-se para trás, para aquilo e aqueles que se afastam de nós, como se essa fotografia fosse um aceno ao passado.

*1. Fishing gear*²² e *Land Ahoy!*¹⁴ mostram barcos com céus muito bonitos. Enquanto a primeira segue na ideia de permanência e tranquilidade que temos em *15. The Shepherds*, inclusive é da mesma lomógrafa, a segunda nos convida a navegar e seguir em direção a uma luz que ao mesmo tempo é prelúdio de acolhimento e esperança.

*Urca*²⁷ é uma imagem singular dessa minisseção. Seu ator, Jorge Sato, a considera parecida com uma pintura. De tom envelhecido, inverte os papéis de protagonista e coadjuvante dos dois morros que encerram um dos cartões postais mais conhecidos do mundo, o Pão de Açúcar e sua companheira inseparável mas raramente mencionada, a Urca. A Urca leva aqui o título da imagem, seu ponto central e se concentra no encontro da maioria das linhas mais fortes da imagem, propiciada pelo leve girar da câmera entre as múltiplas exposições que compõem essa imagem, fato que também a leva a ser seu ponto mais nítido.

⁹⁵ A câmera usada é a *ActionSampler*, que possui quatro lentes que abrem em sequência com uma pequena fração de tempo entre elas, dispostas em formato de *grid*.

⁹⁶ Note-se aqui que o número *15*. é parte do título da imagem e refere-se a posição dessa no filme da lomógrafa. As outras imagens de Marta Bañón são nomeadas da mesma maneira.

Essa nitidez é potencializada por ser a parte mais escura da imagem, já que a pedra desnuda do Pão de Açúcar, o mar, a areia e o céu refletem mais luz, ficando portanto apagados na exposição múltipla. Essas questões técnicas dirigem o olhar para o morro, mas as várias linhas também o inspiram a vagar pela imagem, num movimento de “U”.

O tom, o movimento e a repetição da imagem faz o observador sentir-se deitado em uma rede, um tanto ébrio, num tempo passado, talvez como se estivesse na pele do típico malandro carioca⁹⁷. A última das imagens bucólicas é *Alegria*₃₂. Nela vê-se um garoto que desce por um gramado em um pequeno carrinho, com um sorriso enorme. Por perto algumas pessoas parecem o observar, mas seus rostos, assim como as árvores estão borrados porque a câmera parece ter acompanhado o movimento do menino. O fato dessa lomo não fazer parte do grupo de personagens deve-se à imagem ser tomada em sua maior parte pela paisagem, que lhe dá esse verde profundo; a falta de foco no rosto do menino, associada com a vinheta, lhe dá um ar onírico. Essa é uma fotografia de um lugar onde as pessoas se encontram, se divertem e tem um clima agradável, meteorológica e emocionalmente falando. Esse é a fotografia de um sentimento e não de uma pessoa, como seu nome revela.

7.1.2 Mar de gente

As três últimas imagens desse grupo foram tiradas próximas ao mar. Esse elemento em comum apenas toma parte relevante da imagem em *Cristo*₂₆. O que as une é a presença de muitas pessoas em momento de lazer, presentes na cena justamente por sua paisagem. Três músicos, trajados de forma típica nordestina, se apresentam entre quiosques de praia em *Nordeste cultural*₁₂. O filme *Lomography Redscale* dá a lomo os tons de fogo, remete ao calor escaldante do sol, que sabemos próximo ao zênite pela economia de sombras. Nenhuma das pessoas da imagem parece dar conta dos músicos, que fazem uma apresentação apenas para o espectador da foto que os observa. Talvez os observe de longe, já que não escuta sua música, por meio de uma luneta. É o observador um espião, que tenta desvendar a identidade desses homens misteriosos, de rostos escondidos pela sombra. A lomógrafa, Goretti Feitosa, não nos dá respostas, mas nos dá tons para pintar o quadro: “o Ceará é um lugar de gente batalhadora. E a praia é o lugar mais democrática culturalmente e economicamente falando. Sinto orgulho da minha gente”.

⁹⁷ Figura da cultura popular brasileira surgida em meados do século XX caracterizada pela boêmia, o gosto pelo samba, uma certa aversão ao trabalho, sendo adepto de contrabandos e pequenos roubos, romantismo e o desfrute da vida.

As duas lomos seguintes guardam uma relação interessante entre si. São imagens que somam uma estátua que é ponto turístico de um lugar a uma vista do próprio lugar. Ambas as imagens foram tomadas com dupla exposição, mas enquanto em *O palhaço e a cidade*¹¹ as duas exposições se sobrepõem completamente, em *Cristo*²⁶ a lente foi parcialmente protegida, alternadamente em cada um dos cliques, fazendo com que haja apenas essa intersecção suave em que parte da imagem vai se dissolvendo na outra⁹⁸. Nela, Jorge Sato consegue seu intento de mostrar um Cristo que abraça o Rio. Já a Iracema de Goretti Feitosa, estátua que se localiza na praia de mesmo nome em Fortaleza, parece flutuar em uma nuvem, como se levantasse voo e fugisse dali, da cidade e da aglomeração de pessoas. Essa estátua é chamada *Iracema guardiã*, e protege a cidade com seu arco, mas aqui se pode fazer a leitura de que ela a ataca, como se fizesse força de cima para baixo. As pessoas também são vistas de baixo para cima e a sua posição se assemelha à dos prédios, criando uma unidade entre a parte material e humana da cidade. É interessante notar que a imagem foi feita com a câmera *Fisheye n°2*, nome que se refere a sua lente peculiar e significa em português olho de peixe. Se desprezarmos a estátua, podemos alinhar as pessoas e os prédios em duas curvas que se cruzam como no desenho de um peixe. A nuvem no centro do ‘peixe’ também remete a ideia de olho (nesse caso, humano).

FOTOGRAFIA 33 - OLHO DE PEIXE



FONTE: Arquivo pessoal de Goretti Feitosa. Com alterações desta autora.

Na história, escrita por José de Alencar, Iracema é uma índia que ataca um português que se perdeu na mata. Depois os dois se apaixonam e o filho da relação representa o nascimento do povo cearense, unindo dois mundos. A relação da imagem com a história de

⁹⁸ É possível ter sido utilizado um acessório para lente para produzir o efeito, denominado *Splitzer*.

Iracema se produz na sobreposição das exposições, no alinhamento entre pessoas e prédios, na idealização do humano, característica do período romântico em que a obra foi escrita, que aqui aparecem como aquém da materialidade, visto que flutuam no céu.

No céu também flutua o Cristo da imagem de Sato, acima das nuvens, do mundo e dos homens, a figura do deus onipresente. Mira os homens, que parecem se preocupar mais com as coisas mundanas, já que miram a cidade. As mãos da estátua estão levemente voltadas para cima, dando a impressão de que se estendem ao que na imagem não se pode ver, algo além da compreensão. Esse deus que a tudo vê de cima, com o rosto dividido pelas sombras, não esboça sorriso ou candura. Parece que os homens, atentos demais a seu próprio mundo, sem tomar conhecimento da divindade, a desgosta, de certa forma, mas a ela segue a natureza que lhe é própria, com seus braços em posição incansável.

7.2 MEGALOMÓPOLIS: URBANIDADES

A primeira imagem tomada aqui é intersecção deste com o grupo anterior. Da deidade imensa e onipresente da última imagem de que se falou anteriormente, passa-se aqui a uma figura bem mais modesta. Cercado de apóstolos em disposição que copia *A última ceia*, famoso afresco de Leonardo da Vinci, em *Bom Jesus*₃₇, Cristo continua no topo da imagem, mas não tem a imponência do anterior. Mais acessível, senta-se entre humanos e assemelha-se às proporções das pessoas reais presentes na imagem. Como o anterior, é ignorado em sua figura pelas pessoas. O ônibus (que faz ainda a vez de mesa da ceia), carrega o nome da deidade e segue na direção oposta a que as pessoas miram, reforça a ideia de que o mundo dito dos homens, aqui representado principalmente por mulheres, vai na contramão do divino. O único que mira nessa direção é um garoto, parece olhar o ônibus. A escadaria remete à almejada proximidade com deus pelos praticantes da religião, que devem conquistá-la aos poucos por meio de boas ações. O ônibus pode ser lido como a religião, que leva os discípulos para o caminho correto, ou, de forma mais mórbida, como uma versão urbanizada do barqueiro Caronte, que na mitologia grega era responsável por levar as almas do mundo dos vivos para o mundo dos mortos pelos rios que os dividiam.

Acima desse deus em estado humano, vários elementos urbanos e inclusive uma nuvem em forma humana (ou de Darth Vader, para os amantes de ficção científica e futuros distópicos). Um deus portanto limitado, relegado ao espaço que lhe sobra, com semblante assustado e mãos fora de vista, impotente. A sacola pousada sozinha na escada, esquecida ou

abandonada, também ignorada pelos que a cercam, carrega todas as esferas da vida a que os humanos negligenciam, que espremam em um pequeno espaço e fingem não ver.

FOTOGRAFIA 34 - HUMANO ACIMA DO DIVINO



FONTE: Arquivo pessoal de Phillipe Machado.
Detalhe com alterações desta autora.

Aqui se encerra a participação humana no grupo urbanidades. Nas outras imagens, quando raramente aparecem pessoas, seu tamanho é tão pequeno que se tornam parte do cenário e não agentes nele.

7.2.1 Azul é a cor mais quente

Em *Cheaspeake City - AGFA CT Precisa*⁰¹, vê-se dois símbolos restritivos, o da arma de fogo e o círculo vermelho com faixa em diagonal, universalmente proibitivo. O fato curioso é que, ao mesmo tempo que o cartaz poderia ser lido como uma expressão pacífica, encerra em si certa contraditoriedade e algumas dúvidas. Seria suficiente para fazer valer a vontade da pessoa proprietária de não haver ali alguém que portasse uma arma, ou se alguém a portasse poderia fazer valer, mesmo que possivelmente de forma criminosa, sua vontade sobre a da dona? Na possibilidade de a pessoa proprietária do local estar preparada para este fato e possuir ela mesma uma arma, intencionando fazer valer sua vontade, não estaria então violando suas próprias regras? A pergunta que resume toda contraditoriedade seria: afinal, qual propósito deste cartaz?

Com a atual crise de tiroteios em massa nos Estados Unidos esta é uma foto emblemática (Na data de 22 de março de 2018, havia ocorrido em média um tiroteio por semana em escolas⁹⁹). Inclusive, a foto foi publicada em 09 de outubro de 2017, cerca de uma semana depois do tiroteio em massa mais fatal da história do país, que ocorreu no dia

⁹⁹ AHMED, Saeed; WALKER, Christina. There has been, on average, 1 school shooting every week this year. CNN, 21 mar. 2018. seção U.S. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2018/03/02/us/school-shootings-2018-list-trnd/index.html>>. Acesso em 22 mar. 2018.

primeiro, quando um homem atirou numa multidão que assistia a um show da janela do seu quarto de hotel nas proximidades do evento, matando 58 pessoas e ferindo outras 851, e depois atirando em si próprio, também de forma fatal.

Max Stevens, autor da foto, dá uma dimensão totalmente diferente do que a imagem representa para ele. O título da lomo carrega o nome do filme *slide* que ele usou, conhecido por seu azul intenso e efeitos interessantes na revelação *x-pro*¹⁰⁰, sendo o azul a cor que toma maior parte da imagem e tendo ele realmente utilizado o processo cruzado de revelação. Ele comenta que ama a estética dessa imagem, os grãos da emulsão, os azuis oníricos que terminam na escuridão da vinheta produzida pela *Lomo LC-A* original. Mas em primeiro lugar, o lomógrafo cita que a imagem o faz rememorar bons momentos passados com a família, já que a capturou num passeio enquanto os visitava (Stevens mora na Polônia, sua família mora nos EUA, na cidade que dá nome à foto). Aparece aqui novamente a associação afetiva com o fotografar lomográfico.

Stevens nos leva ao outro lado do Atlântico em *Gdańsk - AGFA RSX₀₂* nessa imagem imponente de guinchos usados na construção de navios, como todas as imagens desse lomógrafo, foi feita em filme *slide* e passou por processo cruzado, que lhe confere contraste e saturação. Há equilíbrio entre os elementos e a sensação de profundidade dada pela repetição dos dois guinchos maiores e dos outros dois no horizonte ao fundo, posicionados em sentido oposto fazem com que não se fuja da imagem. Os olhos descem pela ponta dos guinchos, encontram o horizonte e tornam a subir por seu corpo, criando o movimento cíclico e contínuo, como numa engrenagem.

7.2.2 Quatro ou quantas paredes?

O tom profundo de azul, a escuridão das formas, as torres perfurantes se unem em uma atmosfera macabra em *Metropolis*₂₈. A forma completamente negra ao centro que se assemelha a um paralelepípedo parece portar algo secreto e misterioso, a quintessência da imagem, guardada fora de alcance. Aliás toda a área central mais escura assemelha-se a um satélite artificial, enquanto as pequenas luzes no azul nebuloso remetem a uma galáxia. Há ainda a forma etérea de um anjo de costas, um guardião desbotado e desprezioso. A

¹⁰⁰ Processo cruzado de revelação, onde o filme positivo é revelado segundo o processo do filme negativo, ou seja o C-41 no lugar do original E6, ou vice-versa. Esse processo resulta em cores mais saturadas e levemente alteradas, além de ser consideravelmente mais barato, porque mais comum, tornando-se popular entre os lomógrafos.

imagem faz parte da exposição *São Paulo Neo Noir*, de Jorge Sato, encerra em si o clima dos filmes do movimento e pode-se dizer que o anjo representa o detetive característico dessas obras, um cínico de moral ambígua e relativa, numa cidade cruel e fria que dele não toma conhecimento.

FOTOGRAFIA 35 - O ANJO



FONTE: Arquivo pessoal de Jorge Sato. Detalhe com alterações desta autora.

Nessa minisseção, encontram-se imagens que tem como foco principal construções e estruturas de centros urbanos. *Ibirapuera e sua arquitetura*₀₅ e a *Lomo 08* são as únicas em preto e branco de todo *corpus*. A ausência de cor dá dramaticidade à *Lomo 08*, onde uma parede surge em meio à vegetação. Sua forma geométrica destoa das formas orgânicas que a cercam e seu contraste com o céu suavemente tingido de nuvens dá força ao seu elemento central. Seu despropósito em meio à cena, que de outra forma estaria enquadrada em *Mundo Mundo Vasto Mundo*, e seu aspecto bidimensional dá um toque surreal à imagem. A imagem do Ibirapuera e seu prédio de arquitetura modernista, assinado por Niemeyer, compõe com o PB e o desfoque um quadro antigo um tanto melancólico, sentimento favorecido pela ausência humana, refletindo a frieza das cidades.

7.2.3 História em quadrinhos: Fragmentos

Cidades são formadas por muitos elementos que com frequência se repetem à exaustão. A estética lomográfica propicia a existência de algumas imagens peculiares que refletem essa característica. Três das lomografias que aparecem aqui são possibilitadas pelo uso de câmeras singulares, que possuem múltiplas lentes que captam imagens sequenciais. *Do*

*mar à cidade*₁₀ e *Lomo 24* são produzidas com a câmera *Super Sampler*, que possui quatro lentes dispostas lado a lado, e no entanto foram usadas para fotografar elementos estáticos, com ligeiro movimento da própria câmera. Na primeira, o espigão conduz o olhar ao paredão de prédios, são os elementos principais da imagem, enquanto céu e mar adornam seu entorno, dando a sensação de vermos uma imagem panorâmica. Aqui a fragmentação se assemelha a um recurso usado em histórias em quadrinhos onde um cenário, ao invés de ser desenhado em um único quadro longo, divide-se em mais quadros, mostrando não só o ambiente mas dando a sensação da passagem do tempo. Na segunda fotografia, a lateral de um edifício rouba a atenção da imagem, destacando-se por sua ausência de cor, posição central e linhas retas. Esse fragmento, que não se posiciona de acordo com a verticalidade da árvore, que se pode reconhecer como um edifício, mas não se apresenta como tal, que é só uma parte de um todo incerto e por conhecer, uma página em branco, que não se vai conhecendo e tornando-se familiar, mas ao contrário, vai se afastando e sumindo, traça um paralelo entre as relações humanas de superficialidade nas cidades.

Em *Lomo 25*, Karol Khaled repete o efeito de usar uma câmera sequencial ao fotografar edifícios, sendo que dessa vez a escolhida é a *Oktomat*, com oito lentes dispostas em *grid*. A imagem recorta um edifício grande, tomando parte da fachada onde uma infinidade de janelas se colocam lado a lado, andar após andar. Nas palavras da própria lomógrafa: “Acho que demonstra um pouco do mundo que vivemos hoje. De muitas informações e poucos espaços”.

Seguindo a ideia de repetições e fragmentos propiciadas pela estética lomográfica, tem-se em *Lomowall sp₆* uma expressão diferente das anteriormente citadas. A repetição não é feita pela câmera, mas sim pelas fotografias da exposição icônica da *Lomography*. O uso da *Fisheye 2* cria um planetinha lomográfico, no qual vive apenas um habitante solitário. Daí pode-se fazer uma crítica a qual peço licença para colocar em primeira pessoa, já que por ser lomógrafa e fotógrafa esta é uma autocrítica: Estamos nos comunicando globalmente por meio de fotografias ou perdemos o potencial humano no meio desse mar de imagens?

7.2.4 Tanta volta pra nenhuma resposta: cinesias urbanas

Essa minisseção foca na mobilidade, nas linhas de conexão das cidades. Seu expoente é *Merging with the city*₂₉, cortada pelas linhas da faixa de pedestres em sua metade inferior e pela luz dos carros que já se foram na metade superior. Engloba, literalmente, já que com formato ovalado, o dinamismo e a permanência das cidades, na qual o elemento humano

é central, mas descaracterizado. Seu corpo se imprime nas faixas, a permanência expirável da carne. Sua face é cortada pelas luzes, a dinamicidade do pensamento. Não vê, não fala. Sua cabeça é uma taça que recebe o que a cidade lhe dá. O título da imagem, *Em fusão com a cidade* (em tradução livre), encerra o panorama distópico desta lomografia.

A cidade se curva no uso de lente olho de peixe em *Av. Paulista*₀₄. Os prédios perdem sua característica de rígida imponência, as pessoas na moto e fotógrafo, por meio da sua sombra, se ligam em seus caminhos. Ainda assim, o formato circular impede que o olhar e a moto escapem da imagem, dando a sensação de arena de gladiadores, ou, numa perspectiva menos terrível, de um globo da morte em versão outdoor.

As dezenas de linhas diagonais que cruzam a imagem em *Gdańsk AGFA*₀₃ e o posicionamento do trem no mesmo sentido em que o olhar tende a percorrer imagens (de cima para baixo da esquerda para direita, ao menos em civilizações ocidentais) fazem com que nosso olho passe pela fotografia tão rápido, dando a sensação de intenso movimento apesar de estar congelado pela imagem ou mesmo que tenha sido fotografado parado.

7.3 OLHOS NOS OLHOS: PERSONAGENS

Também aqui iniciamos com uma imagem de intersecção: *Self Portrait*₃₀ de Massao Matsuhashi. Nela, o lomógrafo aparece suave e desfocadamente sobreposto a uma imagem urbana, borrifado pelas luzes dos veículos. Sua cabeça é cortada pelo trilho do negativo, já que tem mente de fotógrafo, e a imagem parece estar imersa numa névoa fina que nos impede de ver propriamente, como numa manhã úmida e fria. Esse fotógrafo, que se revela parcialmente, abre o grupo *Olhos nos Olhos*, onde o foco são personagens.

*Vai uma melancia?!!!!*₃₄, interroga num gesto a figura mais interessante do grupo. O céu de um azul piscina exuberante se sobressai entre todos os outros azuis do *corpus*. A cor natural da melancia entre o rosa e o vermelho puxa a foto para a gama tropical, da qual o cenário já não teria como fugir, e a camisa é a redundância final e exagerada, como o tamanho de uma melancia. O vendedor se esconde do sol e do olhar do observador na sombra do seu chapéu e apresenta a seriedade de quem cumpre seu trabalho. As sementes ausentes são substituídas por uma multidão de pontinhos no mar e um se leva a perguntar, bem no tom despojado da imagem, como não querer ser mesmo um formiguinha nesse paraíso em forma de fruta?

Para seguir no clima praiano, *4xDOG₃₅* brinda o *corpus* com a alegria de um banho recém-tomado. É a única imagem em que o personagem não é uma pessoa, mas um cachorro. Ele é o centro da imagem no ato da sacudidela característica pós-banho. A imagem reporta a sensação de liberdade e bem-estar.

A *Lomo 15* remete a uma antiga foto analógica amadora. Flash direto, não há muita preocupação com uma concepção de imagem, mas apenas um registro descontraído do momento. O fotografado é o lomógrafo que fez parte da pesquisa, sua descrição a respeito da imagem é de que ele não tem muitas imagens de si próprio em lomo e que esta lhe recorda uma noite com amigos queridos que hoje vivem em diferentes lugares do mundo. É uma lomografia de cunho nostálgico por sua estética e relação afetiva.

7.3.1 Flores na cabeça e pétalas no coração: lomografia de casais

Falando de nostalgia, a fotografia que abre essa minisseção, a *Lomo 17*, é um passeio até os anos 70, segundo sua própria criadora. O tom levemente lavado da imagem faz parecer que as cores foram levadas pelo tempo; as roupas floridas do casal e o vestido em patchwork, usados em pleno dia de seu casamento, revisitam o estilo hippie. O noivo segura algo que não se pode ver e sua feição mistura sorriso e o cenho franzido pelo sol. O sorriso tímido da noiva, seu corte de cabelo, o colar de pérolas e a tiara levam inclusive mais atrás no tempo, um estilo anos 50.

Marta Bañon traz uma selfie de casal em *8.U_{S21}*. O formato quadrado, a posição alta da câmera, as expressões dos dois faz com que essa pudesse ser facilmente uma fotografia de *Instagram*. Mas o *light leak* que tinge a lomo de vermelho no canto inferior esquerdo trai sua real natureza e dá um toque poético romântico à imagem.

As duas imagens seguintes, *Lomo 18* e *Lomo 19* de Juliet Flynn mostram apenas uma pessoa. Mas a relação entre elas e sua homogeneidade estética as faz uma unidade. A primeira é uma dupla exposição acidental entre a primeira foto lomográfica da autora e uma foto em que ela mesma aparece, tirada por seu marido sobre a outra por esquecimento de rodar o filme durante a lua de mel do casal. O tom lavado e as flores lhe dão um ar suave. Na lomo seguinte quem aparece é o marido, que está em meio a um movimento e a sobreposição o faz parcialmente se camuflar entre os arbustos. Ambos usam roupas escuras, o que faz com que as folhas que lhes sobrepõem fiquem mais evidentes. Apesar de as fotos terem sido tiradas em momentos e inclusive em países diferentes, entrelaçam-se e ligam o casal por meio das imagens.

7.3.2 Antes de anoitecer

O tom âmbar presente nas imagens em que o dia se despede, conectam as lomografias desta minisseção. Em *Super Star*₃₁ a fotografada parece ter sido pega de surpresa, como por um *paparazzi*, durante um passeio ao entardecer. Ela não posa para a imagem, ao contrário, parece ter olhado para o fotógrafo apenas no momento da imagem, quando a presença do fotógrafo chama a sua atenção enquanto continua seu caminho em direção perpendicular a este. O flash que a ilumina traz o começo da noite, sugerindo continuar desfrutando o clima tropical na próxima balada, enquanto o sol se despede e leva consigo a praia.

Já para o senhor de *World's End*₁₆, a despedida do sol marca o fim da jornada. O nome da lomo toma emprestado o título do lugar onde foi tirada e curiosamente, segundo o criador Guillermo Bozin, da sua data, que ficou popular na internet devido a um presságio de que o mundo acabaria nesse dia (21/12/2012). Pode-se dizer que é o fim do mundo ao menos para o senhor, o fim da jornada de sua vida, e que ele aos poucos some e se despede com esse sol para onde seu corpo se volta, mas deixa um último sorriso, como contando que seu tempo aqui valeu a pena.

7.4 AO INFINITO E ALÉM: EXTRAPOLAÇÕES

Esse grupo reúne imagens que extrapolam a utilização da câmera e trazem resultados que por sua estética e/ou técnica são extraordinárias. É o grupo das experimentações, do inusitado, da interação criativa entre o(s) fotógrafo(s), a câmera e o meio.

7.4.1 Manequins surreais

Revisitando as imagens ‘de casal’ tem-se em *Juntinhos*₁₃ uma dupla um tanto bizarra. Os manequins vestidos de noivos em uma vitrine parecem quase segurar as mãos, mas a postura rígida, os rostos sem face, a coloração de um tom verde, a repetição, faz com que pareçam um grupo alienígena prestes a dizer “levem-nos ao seu líder”. Ao mesmo tempo o pedaço de parede e o vidro os separam do observador, encarcerando-os. *Aliens* invadindo a terra vestidos de noivos, um bom argumento para um filme *trash*, algo que, suponho, nunca se viu em nenhum filme de ficção científica.

*Surrealismo analógico*₃₄ brinca com a mistura de duas imagens feitas com o uso de *Splitzer*¹⁰¹. Do lado esquerdo um pedaço de corpo feminino, sem cabeça nem braços, veste roupas íntimas, donde uma etiqueta pende, enquanto a sua volta apenas roupas íntimas masculinas e o que parece ser um braço de homem. Do lado direito um boneco de cavalo se atrela ao manequim feminino, enquanto uma igreja ao longe pousa sobre sua cabeça. O manequim parece se contorcer, a modo de se afastar do cavalo, mas fazendo com que seu quadril se aproxime dele e seu busto dos braços do homem. O tom irreverente e quase cômico que a imagem traz ao primeiro olhar dá lugar a uma análise de objetificação do corpo feminino, da bestialidade do machismo e da (ineficaz) opressão sexual por parte da religião.

7.4.2 Lomo ou não lomo, eis a experimentação

Duas imagens foram feitas com câmeras analógicas não lomográficas, que apresentam maior controle de resultados. No entanto, o fato do fotógrafo, Guilherme Vieira, considerá-las como parte de sua produção lomográfica e a descrição de como foram produzidas, que inclui interação e experimentação, permitiram que não fossem excluídas desse *corpus*.

*Um dia de domingo*₀₇ representa o ato de andar de skate. Da pessoa que o pratica vemos apenas seus pés, o skate em voo, o movimento borrado. O skate tem cores relativamente vibrantes mas o cenário tem tons lavados e o efeito de um *light leak* vermelho à direita. Só que a história por trás dessa imagem não é bem assim. Vieira descreve o processo:

“Quando revelei e ampliei as fotos, elas não ficaram como eu imaginava, então resolvi intervir nas ampliações. Utilizando água sanitária consegui dissolver as camadas de tinta do papel fotográfico obtendo alguns efeitos interessantes que em alguns casos parecem *light leaks*. Esse ensaio me mostrou que as intervenções e experimentações na fotografia analógica podem ir além da revelação, sem necessariamente passar por processos mais trabalhosos de ampliação.”

Ou seja, basicamente as cores da imagem foram literalmente lavadas e a água sanitária deu aquela manchada que é o terror de qualquer lavanderia e aqui deixou a imagem interessante, como roupas num processo de *tie-dye*.

Para fechar a análise desse *corpus* toma-se uma imagem emblemática, a *Lomo 09*. Vê-se, possivelmente da janela de um veículo, um rio que passa, a balaustrada levemente

¹⁰¹ Acessório que protege parte da lente alternadamente, para que se possa fundir diferentes cenas em uma única imagem.

borrada pelo movimento. Aparentemente o vidro reflete e deforma a mão de um passageiro desse veículo, que tenta fazer o rio transcorrer entre seus dedos, numa brincadeira de criança que toma aqui a dimensão de uma brincadeira com a passagem do tempo. A balaustrada e o rio se entrecruzam com a mão, numa união e ao mesmo tempo dissociação de propósitos. A mão convida a entrar na água ou a escapar pela ponta dos dedos e fugir da imagem para um universo mais além.

No entanto essa é na realidade uma dupla exposição. A imagem foi feita por dois fotógrafos em duas máquinas e em cidades diferentes. Explico: Vieira fotografou o filme todo em sua máquina, rebobinou, e passou para sua companheira, Gabriela Pires, que então fez as fotos dela sobre as dele, sem que ambos soubessem qual seria o resultado. Segundo Vieira, o processo de interação descrito era comum na sociedade lomográfica. A deformidade da mão é devida a lente usada pela segunda fotógrafa, uma grande angular.

Duplas exposições encerram em si de forma indubitável o conceito que se desenvolveu no segundo capítulo desta pesquisa sobre tempo entrelaçado. Assim as imagens sobrepostas são somas de diferentes tempos que criam uma nova narrativa. Exatamente a ideia de *nostalgia* em que esta é vista não numa escala de tempo linear, mas numa trama em que passado e presente se entrelaçam de forma afetiva e significativa.

Sendo assim, toda dupla exposição transforma esse conceito em imagem. Mas nessa lomo temos esse conceito amplificado, uma vez que não apenas estamos somando momentos mas criando uma amálgama entre dois fotógrafos, dois lugares e dois tempos, mudando o curso do rio dessa história com as próprias mãos e as câmeras que elas envolvem.

7.5 INTERPRETAÇÕES ENTRELAÇADAS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE FINAL

A divisão das imagens do *corpus* pretende refletir quatro relações dos lomógrafos, que se dão por meio da lomografia:

- a) as relações dos lomógrafos com o mundo - *Mundo Mundo Vasto Mundo*;
- b) com a intervenção humana no mundo - *Megalomópolis*;
- c) com as conexões humanas - *Olhos nos Olhos*;
- d) e com a fotografia, como forma de se relacionar com as anteriores - *Ao Infinito e Além*.

Em *Mundo Mundo Vasto Mundo*, nota-se que há um tom de contemplação, um leve distanciamento, uma disposição equilibrada e harmoniosa de elementos. As pessoas se fundem na paisagem, fazem parte dela. Aparecem em atividades prazerosas e momentos de

lazer. Esse grupo reflete que os lomógrafos se relacionam com o mundo enquanto algo a ser desfrutado, admirado.

Megalomópolis, no entanto, traz tensão. Há movimento, fragmento, ironia. Como representante das cidades, onde as pessoas se aglomeram, a tensão se torna fria e sugerida, já que relativamente ausente do elemento humano. Quando presentes, as pessoas são minúsculas, reforçando o aspecto de distanciamento. A exceção, a lomo de intersecção com o grupo anterior, *Bom Jesus*³⁷, tampouco nos revela melhor conexão: as pessoas aparecem de costas, rostos de perfil, sem interação. A maioria apenas parada. Esse grupo reflete a relação dos lomógrafos com a intervenção humana no mundo como opressiva, o ambiente das cidades como espaços de desconexão, desencontros.

Em *Olhos nos Olhos*, a conexão é resgatada. Não há imagem em que o fotografado não olhe para a câmera. As pessoas e o cachorro estão em interação com o fotógrafo, sabem-se mutuamente presentes. O grupo nos revela uma relação franca, afetiva e descontraída. Aqui também não há tensão, exceto pela lomo de intersecção com o grupo anterior, *Self Portrait*³⁰. Ao assumir ambos os temas, essa imagem se conecta mais a análise do grupo *Megalomópolis*, já que a pessoa fotografada é o próprio lomógrafo, logo, a relação que se expressa é entre ele e a cidade.

Por fim, *Ao Infinito e Além* reflete a relação dos lomógrafos com a fotografia, enquanto algo passível de diversas alterações, testes, descobertas e ambiguidades. Nos mostra a lomografia enquanto o jogo das possibilidades, atividade de divertimento e experimentação.

No capítulo *Pesquisa online: novas descobertas* apresentou-se o questionamento que norteou essa pesquisa: O que instiga as pessoas a lomografar, quando é possível obter resultados semelhantes digitalmente? Naquele momento, a hipótese era de que um sentimento nostálgico seria o motivo por trás da prática. O questionário inicial já apontava que a *nostalgia* era um de três elementos que pesavam nessa dinâmica, ao lado de *experimentação* e *diversão*.

No capítulo *Magia e Jogo na fotografia lomográfica* procurou-se entender o que era *experimentação* dentro da fotografia. Tem-se que a imagem experimental é criada pelo fotógrafo de forma consciente. Não existe previamente no mundo e não é necessariamente significativa, sendo resultado de uma técnica ou estética que extrapola o uso comum do meio.

Analisando as informações referentes às imagens do *corpus* e nos dados do questionário, temos que há sim lomógrafos interessados em descobrir novas possibilidades de criação de imagens, mas o *experimental* na lomografia é com frequência confundido com uma forma descompromissada de fotografar ou ao resultado acidental inusitado e interessante. Isso

não significa que a imprevisibilidade não possa ser uma característica de uma imagem experimental, pelo contrário, ela é com frequência um fator muito relevante, apenas que a imprevisibilidade por si só não é experimental.

Isto posto, tomamos ainda as características do processo fotográfico e das relações entre lomógrafos identificadas pelas entrevistas, na participação no *lomo rolê* (ver cap. 6), e nas informações fornecidas juntamente com as imagens do *corpus*. Condensando-se todas os elementos que cada uma das etapas dessa pesquisa desvendou, define-se que *nostalgia*, *experimentação*, *diversão* e *afetividade* são os aspectos que instigam a prática da lomografia. Tais aspectos estão presentes tanto no ato de fotografar lomográfico, quanto nas fotos lomográficas.

GRÁFICO 8 - ELEMENTOS DA LOMOGRRAFIA NAS IMAGENS E NO ATO FOTOGRÁFICO



FONTE: A autora (2018)

O ato de fotografar lomográfico inclui a *nostalgia* como parte de seu processo da mesma forma que outras práticas analógicas. Aqui a conexão se dá por meio do contato com o filme ou com a imagem instantânea, da materialidade. E é claro, pela relação com o tempo, por um lado propiciada pela consciência que o limite de fotografias impõe, de que cada momento é único; por outro, pela espera, às vezes de vários meses, entre a produção da foto e o contato com a imagem em si, após a revelação.

A imprevisibilidade e as características físicas de construção das câmeras, são fatores que influenciam diretamente na *experimentação*. Somam-se a isso as diferentes técnicas de intervenção, seja antes, durante ou depois do clique.

A *experimentação* é, inclusive, parte da *diversão* de fotografar com lomos. Há também o aspecto lúdico, na interação com as várias câmeras e acessórios, com formatos e cores curiosos e efeitos inusitados, de constituição física simples e leve que já se propõe descontraída, o conceito de *toy cameras*. A *diversão* aparece ainda na conexão entre pessoas, a qual ela divide com o aspecto da *afetividade*. Esta última é entendida como sociabilidade com laços de proximidade, romântica, familiar e de amizade.

Com relação às fotos lomográficas, *nostalgia* e *experimentação*, são proporcionadas pela peculiaridade *estética* da lomo. As imagens que remetem ao passado são associadas com a *nostalgia*, enquanto imagens inusitadas inspiram um sensação de novidade, de futurismo e são associadas à *experimentação*. *Nostalgia* é evocada quando as cores são mais ‘desbotadas’, com imagens em preto e branco ou com tons neutros, quando se percebe o grão do filme de forma mais aguçada e, quando associado aos quesitos anteriores, quando o foco está deslocado. Cores vibrantes, manchas, exposições múltiplas, *light painting* e disposições geométricas ou mesmo abstratas falam mais facilmente ao aspecto *experimental*.

Nas imagens lomográficas, os aspectos de *diversão* e *afetividade* se relacionam aos conteúdos fotografados. Crianças, animais, atividades que sugerem movimento ou uma relação irônica entre os elementos, momentos de lazer ou viagens se relacionam ao aspecto da *diversão*. *Afetividade* é representada por pessoas queridas e momentos especiais que são fotografados com intuito de serem guardados como memória do momento. Nesse sentido, a *nostalgia* aparece quando evocada pelas fotos revisitadas.

CONCLUSÃO

Seguiremos o roteiro deste estudo com os apontamentos já colocados, fazendo as intersecções necessárias para apresentar as conclusões que só são possíveis com o conhecimento completo do texto. Acompanhamos no primeiro capítulo, *Da Kodak a lomografia: a trajetória da fotografia espontânea*, como se desenvolveu a fotografia espontânea na fotografia, tendo sido influenciada pelo surgimento de câmeras fotográficas que possibilitavam uma relação diferente entre fotógrafo e seus temas de interesse. Notadamente, não foram as câmeras que produziram as imagens emblemáticas que se apresentou, mas sim, a sensibilidade de fotógrafos que souberam utilizá-las na expressão da sua concepção de mundo através da fotografia. Vê-se aqui uma relação de duplo sentido, onde fotografia e cotidiano estão amalgamados, influenciando-se mutuamente. Essa concepção condiz com a terceira regra de ouro da lomografia, onde fotografar não é visto como uma interferência na vida, algo de um momento, mas parte dela. Como vimos no capítulo final, essa filosofia não é seguida ao pé da letra, já que as imagens lomográficas enviadas pelos entrevistados representavam momentos especiais ou de lazer, notadamente viagens, e não o dia-a-dia em si. O questionário também revelou que menos da metade dos lomógrafos interessa-se pelo cotidiano enquanto tema para suas lomografias (45,4%).

Naquele capítulo, apresentamos também o objeto de pesquisa, a lomografia. Justificamos essa escolha pela larga disseminação da lomografia e curiosa permanência em mundo repleto de opções digitais, além de seu hibridismo. Aqui, mesmo que todo o processo de fotografar, desde a tomada da foto, revelação e interferências, seja feito de forma analógica, sua divulgação é predominantemente digital. A inquietação que motivou o presente estudo é representada pela pergunta: O que instiga as pessoas a lomografar, quando é possível obter resultados semelhantes digitalmente?

Como desenvolvimento da hipótese inicial, buscamos compreender a nostalgia em *Nostalgia e tempo entrelaçado*. Neste capítulo, vimos como o conceito de nostalgia se modificou de um processo doloroso para um sentimento agridoce, capaz de modificar memórias e a relação com o mundo. Por fim, a amargura se dissolve e compreendemos que isso acontece quando encaramos o tempo de forma não linear, mas entrelaçada. O conceito de tempo entrelaçado nos permite sobrepor passado e futuro ao momento presente, eliminando-se a tensão pelo distanciamento de qualquer um destes tempos. Nesse contexto, o passado é resgatado por meio de objetos analógicos, modos de fazer e expressões associadas a eles. Por esse pensamento, entendemos as câmeras lomográficas como objetos de tempo entrelaçado, já

que produzidas no presente, apropriando-se de formatos e processos do passado e propondo-se como objetos e produtoras de imagens do futuro. Assim nostalgia não está somente no resultado final, mas no processo como um todo de fotografar de forma analógica.

A primeira fase dessa pesquisa, o questionário cujos resultados foram destrinchados no capítulo *Pesquisa online: Novas descobertas*, indicou que os lomógrafos teriam interesse nessa prática principalmente por seus aspectos de diversão, experimentação e por sua estética. A experimentação aqui está associada à imprevisibilidade e às possibilidades de intervenção propiciadas pelo fato de lomografia ser analógica e haver uma relação de materialidade com a fotografia durante todo o processo. A estética aparece associada à nostalgia e à experimentação, e é influenciada pelas características peculiares das câmeras. Essas peculiaridades não são vistas pelos lomógrafos como defeitos, mas sim como efeitos. São para eles interessantes, e motivo de optarem fotografar com lomos ao invés de digitais ou mesmo outras câmeras analógicas. Soma-se a isso o fato de as câmeras serem estruturalmente simples, o que facilita a tomada da foto ‘sem pensar’ e a possibilidade de carregá-las a tiracolo para qualquer lugar. No entanto, a análise do *corpus* da segunda fase da pesquisa revelou que várias lomografias enviadas estavam associadas a momentos de lazer e especiais, como já dito, e que várias imagens foram concebidas antecipadamente, contrariando esses aspectos. Isso faz sentido quando olhamos para as desvantagens da prática elencadas pelos lomógrafos, onde o gasto para se tirar lomografias (filme, revelação, impressão) aparece em segundo lugar (42,1%), fazendo com que eles não queiram perder cliques.

Mesmo assim, percebemos que há uma baixa expectativa quanto aos resultados das imagens, sendo que imagens que de outra forma seriam consideradas ruins por estar fora dos padrões de nitidez, enquadramento e cor, são consideradas interessantes pelos lomógrafos. Esse aspecto abre margem para os processos experimentais e para a liberdade do ato fotográfico, encarada como diversão. As câmeras instantâneas aparecem aqui unindo diversão, afetividade e nostalgia. Em relação à diversão e afetividade, elas unem as pessoas em volta da imagem que vai aparecendo aos poucos e são usadas como presentes. Em um mundo onde imprimir fotografias tornou-se algo muito raro, elas resgatam a materialidade das imagens de forma instantânea, em uma pequena fração do tempo já se pode olhar o passado. Aqui temos a nostalgia de tempo entrelaçado. São ainda memórias afetivas, distribuídas pela casa.

No capítulo *Magia e jogo na fotografia lomográfica* buscamos dois conceitos da teoria de Vilém Flusser para compreender a lomografia. Por meio da magia, entendemos que há um espaço de comunicação na comunidade lomográfica essencialmente mágico, já que ali

ela se comunica por e para imagens. Entende-se aqui a comunidade lomográfica como o conjunto daqueles fotógrafos analógicos (não necessariamente que fotografem com equipamentos da empresa *Lomography*) que seguem a filosofia de inserir a fotografia como parte do seu cotidiano, experimentando e criando processos, divulgando e visualizando imagens de outros fotógrafos participantes. A intenção das interações entre os lomógrafos virtualmente é alargar o conhecimento das imagens lomográficas por meio da divulgação de suas imagens e beber dali inspiração para suas próximas lomografias, dessa forma, expandem o universo fotográfico. Enquanto isso, ao texto é relegado um outro espaço, ou seja, obviamente existe comunicação conceitual na comunidade lomográfica, mas há uma outra comunicação possível, mágica.

Entendemos o processo experimental enquanto jogo, onde o objetivo é extrapolar as possibilidades do aparelho e das relações estéticas entre os elementos da fotografia de forma consciente, criando imagens antecipadamente imaginadas pelo fotógrafo. O resultado pode ser não significativo, quando a fotografia é abstrata, e pode acontecer de ser diferente do imaginado pelo fotógrafo, por influencia de fatores atrelados à imprevisibilidade. Na lomografia, o que se associa a experimental é geralmente uma forma de fotografar descompromissadamente ou a utilização de alguma técnica estética que tenha como componente intrínseco a imprevisibilidade. Dessa forma o resultado é antecipadamente inesperado dentro de padrões esperados. Mas há aqueles que extrapolam as possibilidades do meio através de conexões inusitadas entre os elementos fotografados e processos verdadeiramente experimentais de intervenção nos negativos. O jogo então é a busca consciente pelas conexões possíveis, alterado a cada interação mágica com outras lomografias, e jogado por meio da produção de lomos, que expandem o universo imagético.

A lomografia é um movimento que abraça todos os resultados possíveis, por sua filosofia de fotografar sem se preocupar com a imagem final, mas testar o que der vontade e se divertir no processo. Nesse ínterim, muitas pessoas participam do movimento motivadas pela sociabilidade e diversão e não pela obtenção de imagens, que às vezes se perdem por falta de compreensão técnica. Isso aparece no capítulo *Lomo rolê: Observação participante da sociabilidade entre lomógrafos*. Esse capítulo inicia a apresentação dos resultados da segunda fase da pesquisa, com as entrevistas e a pesquisa de campo. Aqui se aponta mais profundamente a importância da sociabilidade para os lomógrafos, proporcionada em larga escala pelos eventos e espaço da *Lomography*. Eles favorecem que a comunidade de fotógrafos analógicos se reúna e interaja, criando laços profundos de amizade ou mesmo românticos entre si. Pessoas queridas ou momentos vividos junto a elas também são temas

recorrentes na produção lomográfica pesquisada. É um reflexo da lomografia desde o princípio, inclusive os três proprietários da *Lomography* são unidos por relações afetivas: amizade de infância e casamento. A prática lomográfica é social porque compartilhada desde sua produção até sua divulgação.

A fotografia analógica, como um todo, carrega um componente afetivo por muitos adeptos começarem a fotografar com câmeras analógicas herdadas de algum antepassado querido, novamente, um apelo da nostalgia de tempo entrelaçado. Nesse contexto, a estética nostálgica inspirada pelas lomografias é produzida de forma consciente e intencional, buscada por aqueles que fotografam com câmeras lomográficas como forma de trazer interesse e importância às imagens que produzem.

No capítulo final, *A conversa mágica: uma análise possível das lomografias*, temos a oportunidade de explorar o universo significativo dos lomógrafos por meio das fotografias produzidas por eles. Cada grupo demonstrou uma relação dos lomógrafos. Primeiro com o mundo, depois com a intervenção humana no mundo, com as pessoas e por último com a própria fotografia. Percebemos como o mundo é visto como algo a ser desfrutável, a importância das relações afetivas, as tensões silenciosas e a diversão no experimental. Condensamos as descobertas desse estudo, que demonstrou que o que instiga as pessoas a lomografar é uma gama de quatro elementos, presentes no ato de fotografar lomograficamente e nas lomografias: a nostalgia, a experimentação, a afetividade e a diversão. Aqui queremos dar uma resposta ao questionamento lançado na seção *Histórias em quadrinhos: Fragmentos*. Relembro: ‘Estamos nos comunicando globalmente por meio de fotografias ou perdemos o potencial humano no meio desse mar de imagens?’ Provavelmente não há uma resposta certa a esse questionamento, mas, no caso de termos nos perdido, sugiro a lomografia como forma de reconexão possível da prática fotográfica ao elemento humano. Afinal, nostalgia fala à nossa história, nossa relação com o tempo; experimentação invoca a mente humana, a curiosidade e criatividade; afetividade agrega a conexão com o outro; diversão, o despertar para o mundo, o desfrute de tudo que é tátil.

As imagens foram apresentadas em um mapa de disposição cíclica, que nos permite deixar o olhar vagar circularmente. Dou-me a liberdade de publicar duas imagens de Lucas Maruo a que infelizmente tive acesso tardiamente e que são emblemáticas da *experimentação* e *nostalgia*. A primeira é uma imagem feita com *pinhole* artesanal construída em caixa de fósforos. Na segunda, o filme enroscou na máquina de revelação, o que o destruiu parcialmente. A imagem é resultado de uma sopa de filme e o fotógrafo considerou que, portanto, o negativo passou por dois processos de destruição. O tema da imagem, uma rua

pacata, unida a estas alterações, me parece como uma lembrança que vai se apagando da memória.

FOTOGRAFIA 36 - EXPERIMENTAÇÃO E NOSTALGIA NAS FOTOS DE LUCAS MARUO.



FONTE: Arquivo pessoal de Lucas Maruo

Vilém Flusser nos fala sobre o tempo da magia, onde as relações são cíclicas, não lineares e portanto, não causais. Esse pensamento está em total consonância com o conceito de tempo entrelaçado que desenvolvemos para essa pesquisa. Imagens entrelaçam o tempo, mas imagens lomográficas vão além, extrapolam, entrelaçando o tempo, pessoas e possibilidades no seu processo como um todo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Geraldo de. **A menina do sapato**. 1949a. 1 fotografia. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6490/geraldo-de-barros%20geraldo3:https://www.moma.org/collection/works/98200%20Geraldo%204:%20https://www.flickr.com/photos/sescsp/3749933248/in/photostream>> Acesso em: 01 mai. 2018.

_____. Sem título. 1949b. 1 fotografia. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6490/geraldo-de-barros%20geraldo3:https://www.moma.org/collection/works/98200%20Geraldo%204:%20https://www.flickr.com/photos/sescsp/3749933248/in/photostream>> Acesso em: 01 mai. 2018.

_____. **Fotoforma**. 1949c. 1 fotograma, 30 x 38,4cm. Disponível em: <<https://www.moma.org/collection/works/98200>> Acesso em: 1 mai. 2018.

_____. **Sobras**. 1996-1998 [?]. 1 álbum. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/sescsp/3749933248/in/photostream/>> Acesso em: 1 mai. 2018.

BECK, Juile. When Nostalgia Was a Disease. **The Atlantic**, Boston, 14 agosto 2013. Seção Health. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/health/archive/2013/08/when-nostalgia-was-a-disease/278648/>> Acesso em: 13 ago. 2016.

BECKER, Howard. **Método de pesquisa em ciências sociais**. Tradução Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

BIERRENBACH, Cris. In: ITAÚ CULTURAL. Enciclopédia Itaú Cultural. São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21857/cris-bierrenbach>> Acesso em: 30 abr. 2017.

_____. **Retrato Íntimo**. 2003a. 5 c-print de raio-x. 85 x 60 cm. Disponível em: <<https://crisbierrenbach.com/pessoal/foto/retrato-intimo/>>. Acesso em: 1 mai 2018.

_____. **Sem nome (Tríptico)**. 2003b. 1 daguerreótipo. 25 x 19cm.

_____. **Sem nome (Cílios)**. 2008. 1 fotografia. 72 x 72cm.

BOURDIEU, Pierre. **A middle-brow art**. Tradução Shaun Whiteside. Stanford: Stanford University Press, 1990. 218p.

BOYM, Svetlana. Nostalgia and Its Discontents. **Hedgehog Review**. Charlottesville, v.9 Issue 2, 2007. Disponível em: <http://www.iasc-culture.org/eNews/2007_10/9.2CBoym.pdf> Acesso em: 9 ago. 2016.

BRUGUIÈRE, Francis Joseph. **Cut-paper Abstraction**. 1927-1931[?]. 1 fotografia, 18,73cm x 23,81cm. Disponível em: <<https://www.sfmoma.org/artwork/78.22>> Acesso em: 1 mai. 2018

COBURN, Alvin Langdon. **Vortograph**. 1917. 1 fotografia. Disponível em <<https://www.theguardian.com/artanddesign/gallery/2014/dec/08/the-astonishing-experimental-photography-of-alvin-langdon-coburn#img-5>> Acesso em: 1 mai. 2018

DAVIS, Fred. **Yearning for yesterday**. New York: The Free Press, 1979.

DORAN, Darcy. An old-fashion start-up: A Soviet-era camera led to a business built round analogue film. **Financial Times**, Londres, 24 julho 2012. Seção Entrepreneurship. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/a88adfd8-cf39-11e1-bfd9-00144feabdc0>> Acesso em: 06 mai. 2018

ERDKAMP, Jos. **Kodak of 1888**. Não paginado. Disponível em: <<http://www.kodaksefke.nl/kodak-original-1888.html>> Acesso em: 26 set. 2016.

FINDING Vivian Maier. Direção: John Maloof, Charlie Siskel. Nova York, NY: IFC Films, 2013. 84 min, cor.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Editora Hucitec, 1985. Disponível em: <http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Vil%C3%A9m_Flusser_-_Filosofia_da_Caixa_Preta.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2017.

FOTO CLUBE SANTA CATARINA. **A invenção**. Blumenau, 2011. Seção História da fotografia. Não paginado. Disponível em: <<http://www.fotografiaparatodos.com.br/fotografia/?p=37>> Acesso em: 26 set. 2016.

FRANCIO, Ana Karenina. **O futuro é analógico: um comparativo entre Lomografia, Instagram e Moda**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <www.academia.edu/7197132/O_FUTURO_É_ANALÓGICO_um_comparativo_entre_Lomografia_Instagram_e_Moda> . Acesso em: 2 set. 2015.

GOES, Tony. ‘Stranger Things’ não tem nada de estranho, por isso faz tanto sucesso. **Folha de S. Paulo**, São Paulo. 26 julho 2016. Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2016/07/10003318-stranger-things-nao-tem-nada-de-estranho-por-isto-faz-tanto-sucesso.shtml>> Acesso em: 14 ago. 2016.

HAVLENA, Willian J.; HOLAK, Susan L.. **“The good old days”: Observations on nostalgia and its role in consume behavior**. 1991. Disponível em: <<http://www.acrwebsite.org/search/view-conference-proceedings.aspx?Id=7180>> Acesso em: 2 ago. 2016.

HEITLINGER, Paulo. **Richard Leach Maddox (1816 - 1902)**. Faro, 2007. Seção Fotografia: os pioneiros. Não paginado. Disponível em: <<http://www.tipografos.net/fotografia/maddox.html>> Acesso em: 26 set. 2016.

HINE, Christine. Virtual methods and the sociology of cyber-social-scientific knowledge. In: HINE, Christine (Ed.) Virtual methods. Oxford: Berg, 2005. p.1-13.

HUNTER, Peter. **Erich Salomon, photographer**. Buenos Aires, 2011. Não paginado. <<http://www.comesana.com/english/salomon.php>> Acesso em: 20 abr. 2018.

HUTCHEON, Linda. **Irony, Nostalgia and Postmodern**. Toronto, 1998. Disponível em: <<http://www.library.utoronto.ca/utel/criticism/hutchinp.html>> Acesso em: 2 ago. 2016.

JURGENSON, Nathan. **The faux-vintage photo**. 2011. Disponível em: <<http://thesocietypages.org/cyborgology/2011/05/14/the-faux-vintage-photo-full-essay-parts-i-ii-and-iii/>>. Acesso em: 18 set. 2015.

KOSSOY, Boris. **O maestro**. 1970. 1 fotografia. Disponível em: <<http://boriskossoy.com/projeto/viagem-pelo-fantastico/>> Acesso em: 1 mai. 2018.

LOMO Camera: Shoot from the hip. Direção: Alex Graham. Londres: BBC, 2004. Disponível em: <<https://www.lomography.com/magazine/196647-a-bbc-documentary-the-lomo-camera-shoot-from-the-hip>> Acesso em: 23 jan. 2018.

LOMOGRAPHY. **Diana F+: Instructions Manual**. Viena: Lomography, 2007a. 48 p.

_____. **Diana F+: More True Tales & Short Stories**. Viena: Lomography, 2007b. 304 p.

_____. **Lomo Life: O Futuro é Analógico**. Tradução de Fernando Scavone. Título original: Lomo Life: The future is analog. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014a. 192p. Volume A História

_____. **Lomo Life: O Futuro é Analógico**. Tradução de Fernando Scavone. Título original: Lomo Life: The future is analog. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014b. 192p. Volume As Câmeras

_____. **History**. 2015a. Disponível em: <<http://www.lomography.com/about/history>>. Acesso em: 18 set. 2015.

_____. **The ten golden rules**. 2015b. Disponível em: <<http://www.lomography.com/about/the-ten-golden-rules>> . Acesso em: 18 set. 2015.

_____. 2017a. **Lomography**. seção Photos. Disponível em: <<https://www.lomography.com/photos/>> . Acesso em: 10 set. 2017.

_____. 2017b. Disponível em: <<https://www.lomography.com/homes/elfoo/albums/2152809-last-summer-days/22224757>> Acesso em: 10 set. 2017.

_____. 2017c. Disponível em: <<https://www.lomography.com/photos/22223724?order=trending>> Acesso em: 10 set. 2017.

_____. 2017d. Disponível em: <<https://www.lomography.com/photos/13575312?order=popular>> Acesso em: 10 set. 2017.

_____. 2017e. Disponível em: <<https://www.lomography.com/photos/14669886?order=popular>> Acesso em: 10 set. 2017.

_____. 2017f. Disponível em: <<https://www.lomography.com/photos/14084727?order=popular>> Acesso em: 10 set. 2017.

_____.2017g. Disponível em:
<<https://www.lomography.com.br/photos/5921702?order=popular>> Acesso em: 10 set. 2017.

_____.2017h. Disponível em:
<<https://www.lomography.com/photos/21925231?order=trending>> Acesso em: 10 set. 2017.

_____.2017i. Disponível em:
<<https://www.lomography.com/photos/15587347?order=popular>> Acesso em: 10 set. 2017.

_____.2017j. Disponível em:
<<https://www.lomography.com/homes/hodachrome/albums/2109697-turquoise-illusions-in-winte9r/21133922>> Acesso em: 10 set. 2017.

_____.2017k. Disponível em:
<<https://www.lomography.com/search/photos/21725613?order=relevance&query=2017-18-01>> Acesso em: 10 set. 2017.

_____.2017l. Disponível em:
<<https://www.lomography.com/photos/15674548?order=popular>> Acesso em: 10 set. 2017.

_____.2017m. Disponível em:
<<https://assets.community.lomography.com/f7/432049f6c8483eed094a526555ffae0d1ab0f7/1216x803x1.jpg?auth=5f4369c28e729ac281eb32ad2513fcd765ebfdb>> Acesso em: 10 set. 2017.

_____.2017n. Disponível em:
<<https://www.lomography.com/photos/21982163?order=trending>> Acesso em: 10 set. 2017.

_____.2017o. Disponível em:
<<https://www.lomography.com/photos/12799691?order=popular>> Acesso em: 10 set. 2017.

_____.2018a. Disponível em: <<https://www.lomography.com/photos?order=popular>> Acesso em: 08 mai. 2018.

_____.2018b. Disponível em: <<https://www.lomography.com/photos>> Acesso em: 08 mai. 2018.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2014. 2 ed.

MEDEIROS, Margarida. **Imagem, Self e nostalgia: o impacto da fotografia no contexto intimista do século XIX**. Lisboa, 2006. Disponível em:
<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/medeiros-margarida-imagem-self-nostalgia.pdf>> Acesso em: 13 ago. 2016.

MUSEUM OF MODERN ART. **Subway portrait**. Seção MoMALearning. Disponível em:
<https://www.moma.org/learn/moma_learning/walker-evans-subway-portraits-1938-41> Acesso em: 26 set. 2018.

MOHOLY-NAGY. **Photogram**. 1939. 1 fotograma, 50,2 x 40,1 cm. Disponível em:

< <http://moholy-nagy.org/art-database-gallery/>>. Acesso em: 1 mai. 2018

MYLIO. **Here's How Many Digital Photos Will Be Taken in 2017**. 20 jul. 2016.

Disponível em: <<http://mylio.com/true-stories/tech-today/how-many-digital-photos-will-be-taken-2017-repost>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

NATIONAL MEDIA MUSEUM. **Kodak No.1 circular snapshots**. Disponível em:

<<https://www.flickr.com/photos/nationalmediamuseum/albums/72157606845434332/with/2780164703/>> Acesso em: 26 set. 2016.

RAY, Man. **Rayograph**. 1923. 1 fotograma, 29,4 x 23,5cm. Disponível em:

<<https://www.moma.org/collection/works/46483>>. Acesso em: 1 mai. 2018

RECUERO, Carlos Alberto. **Fotografia nas Ciências Sociais: Um pouco de história, esclarecimentos e de orientações para o seu uso como linguagem**. Pelotas, n.d. Disponível em:

<https://www.academia.edu/4422666/Fotografia_nas_Ciencias_Sociais_Um_pouco_de_historia_esclarecimentos_e_de_orientacoes_para_o_seu_uso_como_linguagem> Acesso em: 14 ago. 2016.

REYNOLDS, Michael. **Chinese people look at the the Great Lomowall**. European

Pressphoto Agency. Legenda. Disponível em: <<http://www.epa.eu/arts-culture-and-entertainment-photos/culture-general-photos/chinese-people-look-at-the-the-great-lomowall-a-mural-of-sixty-thousand-lomographic-images-from-65-countries-photos-00225188>> Acesso em: 26 set. 2016.

SAPATA, Maurício. **O que é fotografia de colódio**. São Paulo, 2012. Não paginado.

Disponível em: <<https://retratistadecolodio.wordpress.com/sobre-a-fotografia-de-colodio-3/>> Acesso em: 26 set. 2016.

SNAPSHOT. In: OXFORD. Oxford Dictionaries. Oxford: Oxford University Press, 2018.

Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/snapshot>> Acesso em: 07 mai. 2018.

SNAPSHOT. In: MERRIAM-WEBSTER. Merriam-Webster Dictionary. Springfield, MA:

Merriam Webster, 2018. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/snapshot>> Acesso em: 07 mai. 2018.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. Título original: On photography. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 223p.

TATE. **Subjective Photography**. Londres: 2018. n.p. Disponível em:

<<http://www.tate.org.uk/art/art-terms/s/subjective-photography>> Acesso em: 30 abr. 2018.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. **Walker Evans (1903–1975)**. Seção Heilbrunn Timeline of Art History. Nova York, 2004. Não paginado. Disponível em:

<http://www.metmuseum.org/toah/hd/evan/hd_evan.htm> Acesso em: 26 set. 2016.

_____. **Subway passengers**, New York City. Disponível em:

<<http://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/1971.646.18/>> Acesso em: 26 set. 2016.

THE NATIONAL MUSEUM OF AMERICAN HISTORY. **Original Kodak Camera, Serial No. 540**. Washington. Não paginado. Disponível em: <http://americanhistory.si.edu/collections/search/object/nmah_760118> Acesso em: 26 set. 2016.

TIME. **100Photos**: The most influential photos of all time. Nova York: TIME, 2018. Disponível em: <<http://100photos.time.com/photos/erich-salomon-the-hague>> Acesso em: 08 mai. 2018.

UNIVERSITY OF DELHI. **Cinema technology and reception**. Disponível em: <http://vle.du.ac.in/file.php/429/Cinema_Technology_and_Reception/5.png> Acesso em: 26 set. 2016.

VIVIAN MAIER. About Vivian Maier. A riddle, wrapped in a mistery, inside an enigma. Chicago, 2018. Disponível em: <<http://www.vivianmaier.com/about-vivian-maier/>> Acesso em: 07 mai. 2018.

WACQUANT, Loïc J. D. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Tradução Angela Ramalho. Título original: Corps et âme: Carnet ethnographiques d'un apprenti boxeur. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WILSON, Janelle L. **Nostalgia: Sanctuary of meaning**. Duluth: University of Minnesota Duluth Library Press, 2014. p.21-37. E-book. Disponível em: <<http://d.umn.edu/lib/d-commons/libpub/monographs/nostalgia/index.htm>> Acesso em: 29 jul. 2016.

WHITE, William Foote. **Sociedade de esquina**: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Trad. Maria Lúcia de Oliveira. Título original: Street corner society: The social structure of an italian slum. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

YATES, Dwight Alan. Nabokov's Ada and the texture of time . **Theses, Dissertations, Professional Papers**. Paper 3056. Missoula, 1970. Disponível em: <<http://scholarworks.umt.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=4075&context=etd>> Acesso em: 13 ago. 2016.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO - VERSÃO PORTUGUÊS

Lomography - PT

Esse questionário é parte de uma pesquisa de mestrado em Sociologia sobre Lomografia. É direcionado apenas a lómgrafos. Obrigada por sua ajuda!

ENGLISH VERSION: <https://goo.gl/forms/twtoich8ojOvchEs1>
VERSIÓN EN ESPAÑOL: <https://goo.gl/forms/r7TenFoRazOKOHj1>

* Required

Perfil

1. Em que continente você nasceu? *

Mark only one oval

- ☐ África
- ☐ Antártida
- ☐ Ásia
- ☐ Oceania
- ☐ Europa
- ☐ América do Norte
- ☐ América Latina (América do Sul e Central)

2. País de residência (em ordem alfabética na língua inglesa) *

Mark only one oval

- ☐ Afghanistan
- ☐ Akrotiri
- ☐ Albania
- ☐ Algeria
- ☐ American Samoa
- ☐ Andorra
- ☐ Angola
- ☐ Anguilla
- ☐ Antarctica
- ☐ Antigua and Barbuda
- ☐ Argentina
- ☐ Armenia
- ☐ Aruba
- ☐ Ashmore and Cartier Islands
- ☐ Australia
- ☐ Austria
- ☐ Azerbaijan
- ☐ Bahamas, The
- ☐ Bahrain
- ☐ Bangladesh

(Esta lista foi suprimida)

- ☐ Wallis and Futuna
- ☐ West Bank
- ☐ Western Sahara
- ☐ Yemen
- ☐ Zambia
- ☐ Zimbabwe

3. Qual a sua idade? *

Mark only one oval

- ☐ 14 ou menos
- ☐ 15 - 17
- ☐ 18 - 21
- ☐ 22 - 29
- ☐ 30 - 39
- ☐ 40 - 49
- ☐ 50 - 59
- ☐ 60 ou mais

4. Qual seu gênero? *

Mark only one oval

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Prefiro não responder
- ☐ Other: _____

5. Qual seu atual status de relacionamento? *

Mark only one oval

- ☐ Casado(a)
- ☐ Viúva/viúvo
- ☐ Divorciado(a)
- ☐ Separado(a)
- ☐ Em uma união estável
- ☐ Solteiro(a), vivendo com parceiro(a)
- ☐ Solteiro(a), nunca casado(a)

6. Qual das seguintes categorias melhor define seu status profissional? *

Mark only one oval

- ☐ Empregado(a), trabalhando em período integral
- ☐ Empregado(a), trabalhando meio-período
- ☐ Não empregado (a), recolhendo seguro desemprego
- ☐ Não empregado(a), procurando emprego
- ☐ Não empregado(a), NÃO procurando emprego
- ☐ Aposentado(a)
- ☐ Inválido(a), incapaz de trabalhar.

7. Qual seu grau de escolaridade? *

Mark only one oval

- ☐ Não frequentou escola
- ☐ Ensino infantil , Pré-escola
- ☐ Ensino Fundamental Incompleto
- ☐ Ensino Fundamental completo
- ☐ Ensino Médio Incompleto
- ☐ Ensino Médio completo
- ☐ Ensino Superior Incompleto
- ☐ Ensino Superior completo
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado

Fotografia digital

8. Qual das seguintes alternativas melhor descreve seus hábitos com relação à fotografia digital? *

Mark only one oval

- ☐ Sou fotógrafo(a) profissional
- ☐ Sou fotógrafo(a) amador(a) e sei como operar uma câmera DSLR
- ☐ Fotógrafo com câmeras digitais simples
- ☐ Geralmente só faço fotografias digitais com celular
- ☐ Eu nunca faço fotografia digital (Ignore as próximas questões e siga para a próxima página)

9. Com que frequência imprime suas fotografias digitais?

Mark only one oval

- ☐ Sempre
- ☐ Na maioria das vezes
- ☐ Cerca de metade das vezes
- ☐ De vez em quando
- ☐ Nunca

10. Quais são seus temas favoritos quando fotografando de forma digital? (Marque todos que se aplicam)

Check all that apply:

- ☐ Pessoas
- ☐ Animals
- ☐ Natureza
- ☐ Arquitetura
- ☐ Fotografia de rua
- ☐ Esportes
- ☐ Objetos
- ☐ Família/Amigos
- ☐ Dia-a-dia/lar
- ☐ Viagem
- ☐ Comida
- ☐ Eventos
- ☐ Trabalho
- ☐ Other: _____

Lomography

11. Há quanto tempo fotografa com câmeras lomográficas? *

Mark only one oval.

- ☐ menos de 1 ano
- ☐ 1 - 2
- ☐ 3 - 5
- ☐ 6 - 9
- ☐ 10 - 19
- ☐ mais de 20 anos

12. Quantas câmeras lomo você possui? *

Mark only one oval.

- ☐ Nenhuma. Eu empresto ou alugo quando quero usar.
- ☐ 1
- ☐ 2 - 4
- ☐ 5 ou mais

13. Você fotografa com outras câmeras analógicas? *

Mark only one oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

14. Caso a resposta seja sim, quais as diferenças você percebe entre câmeras lomográficas e outras e porque isso é relevante para você?

15. Você fotografa com câmeras instantâneas? *

Mark only one oval.

Sim

Não

16. Se sim, comente porque ter a imagem impressa instantaneamente lhe interessa.

17. Quais das seguintes características da Lomografia faz com que você queira praticá-la? (Selecione todas as que se aplicam) *

Check all that apply.

☐ Estética das fotos

☐ Experimentação

☐ Resultados imprevisíveis

☐ Filosofia da Lomography (10 regras de ouro)

☐ Fácil manejo

☐ Tempo de espera

☐ Limite de poses

☐ Grupos que se reúnem para fotografar

☐ Comunidade virtual

☐ Design das câmeras

☐ Variedade de câmeras com diferentes efeitos

☐ Nostalgia

☐ Diversão

☐ Other:

18. Quais dos seguintes você considera como desvantagens da Lomography? (Selecione todas que se aplicam) *

Check all that apply.

☐ Tempo de espera

☐ Limite de poses

☐ Resultados inesperados

☐ Gastar dinheiro para fotografar e revelar o filme

☐ Preço das câmeras

☐ Opções restritas nas câmeras

☐ Other:

19. Quais dos seguintes são seus temas preferidos quando fotografando com lomos? (Selecione todos que se aplicam) *

Check all that apply.

☐ Pessoas

☐ Animals

☐ Natureza

☐ Arquitetura

☐ Fotografia de rua

☐ Esportes

☐ Objetos

☐ Família/Amigos

☐ Dia-a-dia/lar

☐ Viagem

☐ Comida

☐ Eventos

☐ Trabalho

☐ Other:

20. Você costuma fotografar em grupos? *

Mark only one oval.

Sim

Não

21. Se sim, por quê?

27. Se sim, por quê?

22. Você mesmo revela seus filmes? *

Mark only one oval.

☐ Sim, eu mesmo revelo meus filmes sempre

☐ Às vezes eu revelo meus filmes e às vezes entrego para o laboratório revelar

☐ Não, eu os entrego ao laboratório para revelar

☐ Other: _____

23. Depois de capturadas as imagens, quanto tempo você leva para revelar o filme? *

Mark only one oval.

☐ O mais rápido possível, de preferência no mesmo dia ou no dia seguinte.

☐ Alguns dias

☐ Algumas semanas

☐ Vários meses

24. E suas impressões? *

Mark only one oval.

☐ Eu mesmo imprimo as fotos sempre

☐ Às vezes eu imprimo as fotos e às vezes envio o filme para o laboratório imprimir

☐ Eu envio o filme para o laboratório imprimir

☐ Eu nunca imprimo as fotos

☐ Other: _____

25. Como você divulga suas imagens lomográficas? (Selecione todos que se aplicam) *

Check all that apply.

☐ Lomography.com

☐ Facebook ou outra rede social

☐ Site ou blog pessoal

☐ Flickr ou outro site de compartilhamento de imagens

☐ Exposições, feiras, lomowall

☐ Livro, zine ou outra forma impressa pessoal

☐ Revistas, jornais, ou outra forma impressa não pessoal

☐ Other: _____

26. Além da fotografia, você usa outros equipamentos analógicos? *

Mark only one oval.

☐ Sim

☐ Não

Lomografia e Sentimentos

28. Descreva quais sentimentos você associa com cada uma das imagens a seguir: 1.º



29. 2.º



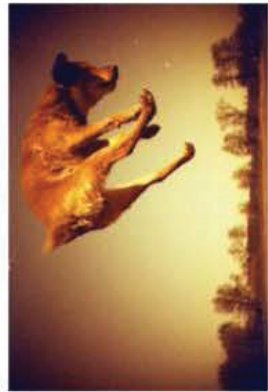
30. 3.º



31. 4.º



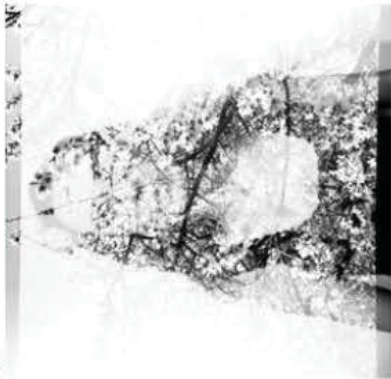
32. 5.º



33. 6.º



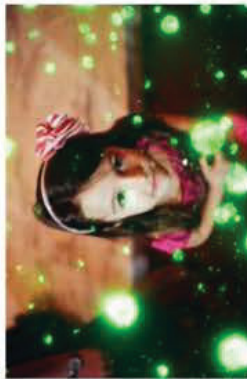
34. 7.º



35. 8.º



36. 9.º



37. 10.º



38. 11.º



Obrigada!

Obrigada por responder.

Se você quiser saber mais sobre a pesquisa, por favor, entre em contato:

largas.amanda@gmail.com

<https://www.facebook.com/amanda.largas>

39. Caso queira contribuir em outras fases dessa pesquisa, por favor, deixe seu contato.

APÊNDICE B - LISTA DE DIVULGAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Páginas e grupos no Facebook por meio dos quais o questionário foi divulgado e período da publicação

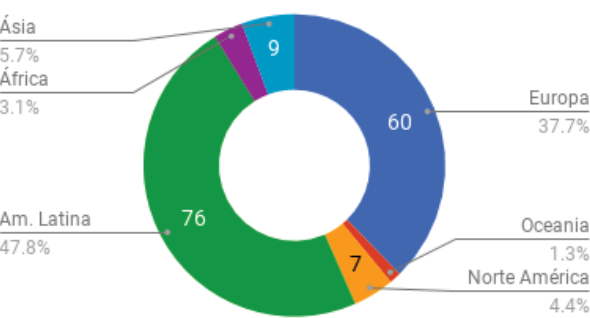
Postagens primeiro período 26 a 28 de junho de 2017	Postagens segundo período 8 e 9 de agosto de 2017	Postagens primeiro período 26 a 28 de junho de 2017	Postagens segundo período 8 e 9 de agosto de 2017
Amor Pela Fotografia			
	Analog Photogs	Lomografos Floripa	Lomografos Floripa
	Analog way of life	Lomography	Lomography
	ANALOG & MAGIC MULTI EXPOSURES	Lomography Argentina	Lomography Argentina
Analog bazar cz/sk	Analog bazar cz/sk	Lomography Asia Pacific	
ANALOG CAM & FILM GROUP	ANALOG CAM & FILM GROUP		Lomography Australia
Analog cameras buy&sale in Europe			Lomography Australia/NZ
Analog Fotograf Makine Pazari		Lomography Benelux	Lomography Benelux
Analog Fotoğraf Topluluğu - Analogue Photography Society	Analog Fotoğraf Topluluğu - Analogue Photography Society	Lomography Brasil	Lomography Brasil
	Analog Geeks Scandinavia	Lomography Chile	Lomography Chile
	Analog Lovers...		Lomography China
Analog only	Analog only	Lomography Colombia	
Analog Photo in Europe and not only		Lomography Embassy Singapore	Lomography Embassy Singapore
Analog photography	Analog photography		Lomography Embassy Store - South Africa
Analog Photography / Fotografia analogica	Analog Photography / Fotografia analogica	Lomography Gallery Store - NYC	Lomography Gallery Store - NYC
	ANALOG POLAND		Lomography Gallery Store - Toronto
	Analogue Brasil		Lomography Gallery Store Hong Kong
Analog way of life			Lomography Gallery Store Paris
Analogue Love	Analogue Love		Lomography Gallery Store Tokyo
Analogue Street photography	Analogue Street photography		Lomography Israel
Câmaras Analógicas Porto	Câmaras Analógicas Porto	Lomography Italia	Lomography Italia
Consultas Sobre Fotografía Analógica	Consultas Sobre Fotografía Analógica		Lomography Istambul
Dubai Analog Photography	Dubai Analog Photography	Lomography Lomowalk	
	E POR FALAR EM FOTOGRAFIA...	Lomography Medellín	
	FILM CAMERA PHOTOGRAPHY	Lomography Mexico	
	Film Lomography		Lomography Japan
	FilmNeverDie Shooters		Lomography Lithuania
	FilmNeverDie.com		Lomography Lomowalk
	Floripa Analógica	Lomography Nonthaburi Snapper	Lomography Nonthaburi Snapper
Foto Mercado Analogico Argentina	Foto Mercado Analogico Argentina		
Fotografia Analógica - Natal, RN	Fotografia Analógica - Natal, R	Lomography Peru	
FOTOGRAFIA ANALOGICA ITALIA	FOTOGRAFIA ANALOGICA ITALIA	Lomography Philippines	
FOTOGRAFIA ANALOGICA ITALIA BIANCO E NERO	FOTOGRAFIA ANALOGICA ITALIA BIANCO E NERO	Lomography Portugal	Lomography Portugal
FOTOGRAFIA ANALOGICA SALVADOR		Lomography Shop Vienna	
Fotografia Curitiba			Lomography Spain
	Fotógrafos em Construção		Lomography Türkiye
	Fredy Heer	Lomography UK	Lomography UK
	Gallery Store Seoul	Lomowalk	
Grupo Queimando Filme	Grupo Queimando Filme		Lomography 台中大使館
LOMO ANALOG SP	LOMO ANALOG SP		Lomography 台北大使館
Lomo-Rolê			Magnum Photos (lomography)
Lomogracinha	Lomogracinha	Minas Analógicas	Minas Analógicas
	Lomografia	Pernambuco Analógico (FOTOGRAFIA)	Pernambuco Analógico (FOTOGRAFIA)
Lomografia & Fotografia Analógica	Lomografia & Fotografia Analógica		Petzval Lens Lomography
Lomografia Ceará	Lomografia Ceará	Photo Analogica	Photo Analogica
Lomografia São Paulo	Lomografia São Paulo		Seattle Lomo Adventurer Club
		The Analogue Diary	

APÊNDICE C - RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO

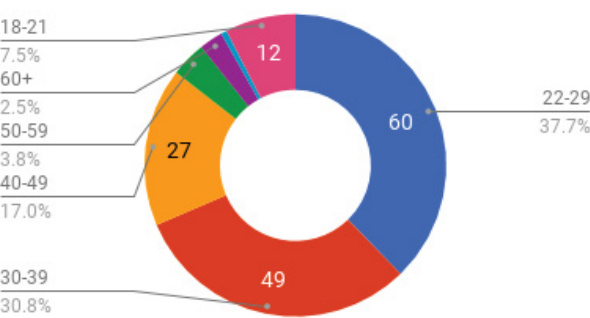
Note-se que os gráficos em fomato de donut exibem duas versões do mesmo dado, os números totais no interior do gráfico e, abaixo de cada categoria, a porcentagem referente. A porcentagem é calculada em relação ao número de respostas, geralmente 159, ou seja, o total de respondentes. Quando calculada em relação a número diverso, esta informação está apontada no gráfico ou dado correspondente.

PERFIL

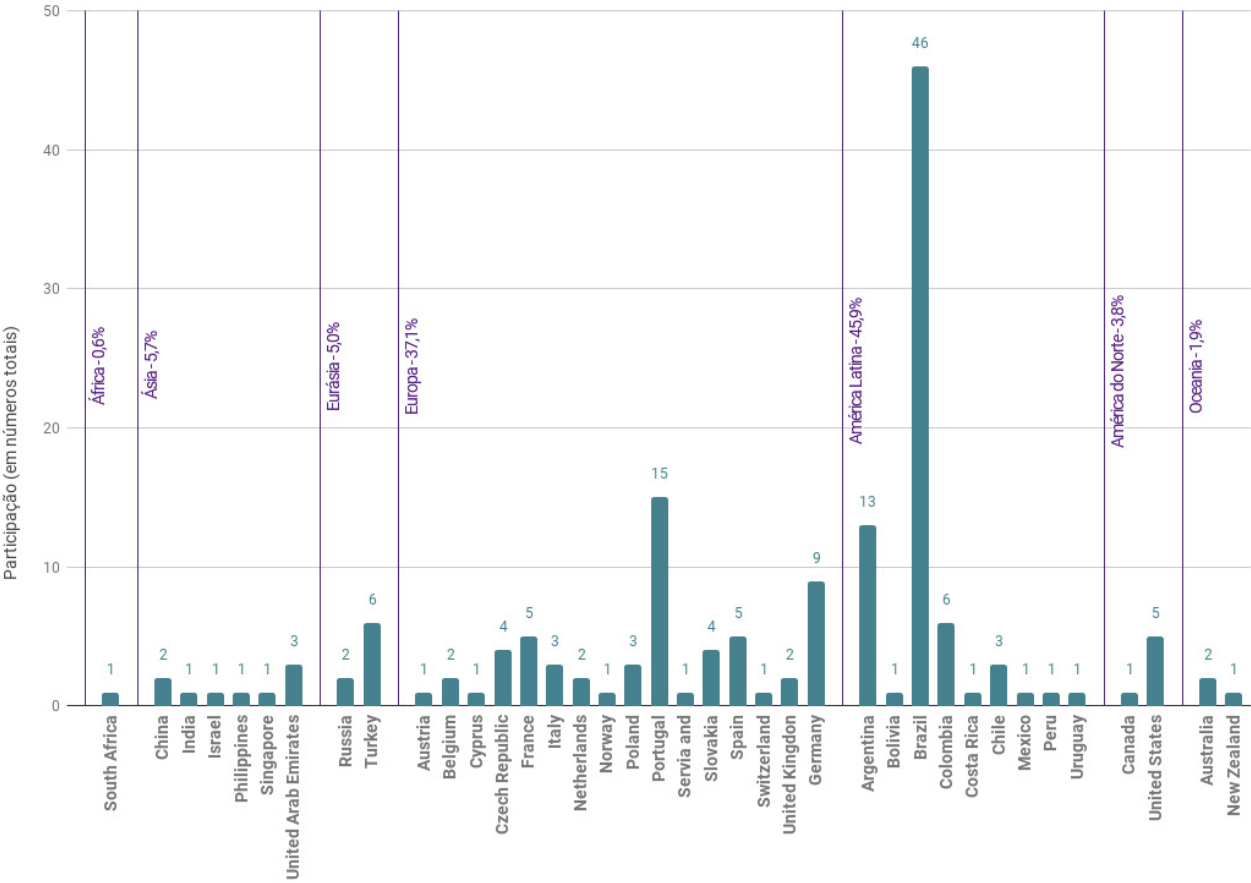
1. Continente de origem



3. Idade

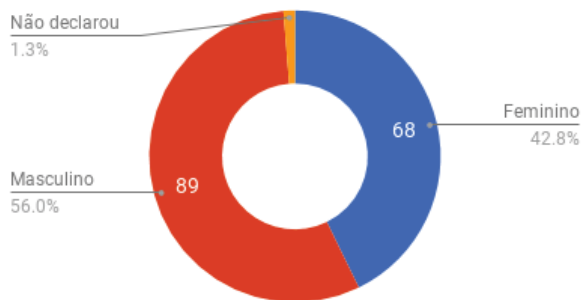


2. Participação vs. País de residência

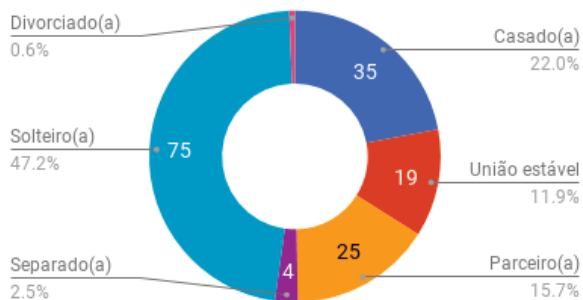


Países (em ordem alfabética na língua inglesa, separados por continente)

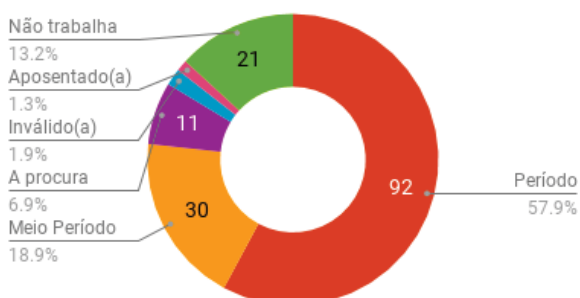
4. Gênero



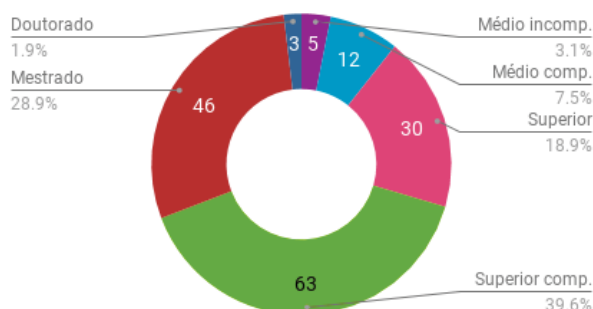
5. Status de relacionamento



6. Status profissional

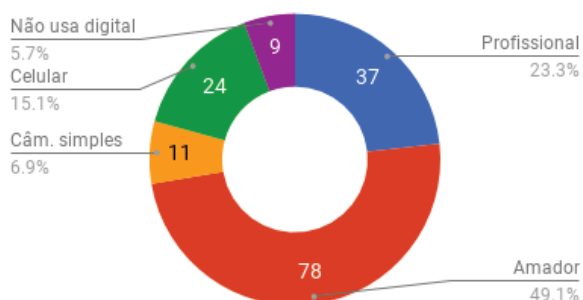


7. Escolaridade



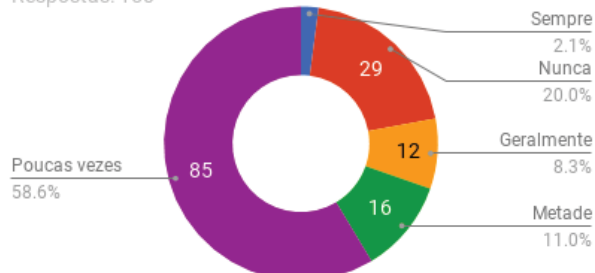
FOTOGRAFIA DIGITAL

8. Fotografia digital



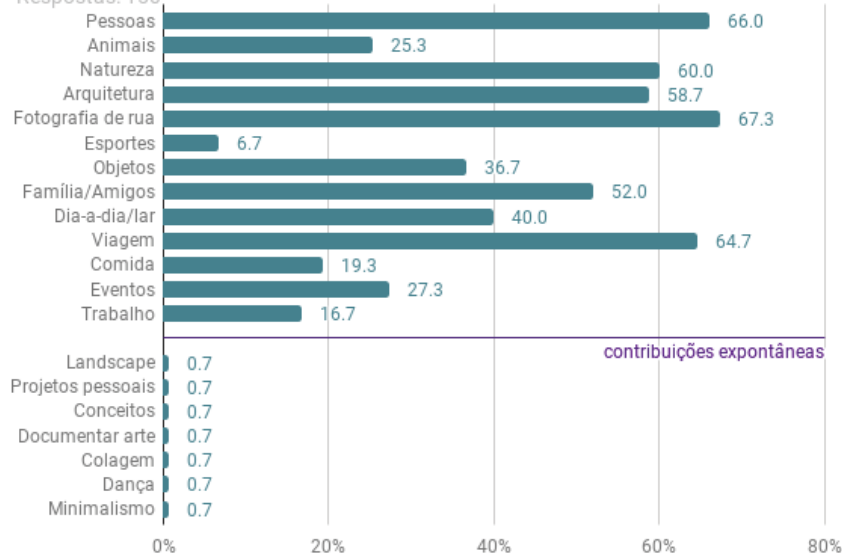
9. Frequência de impressão - fotografia digital

Respostas: 150



10. Temas preferidos - Fotografia digital

Respostas: 150*

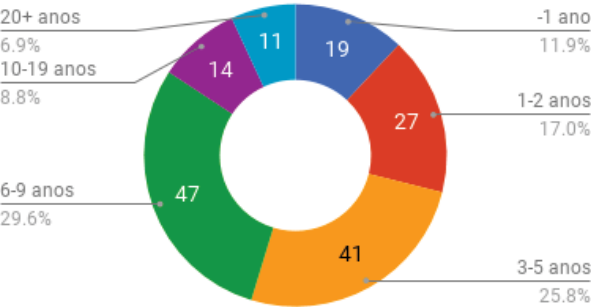


contribuições espontâneas

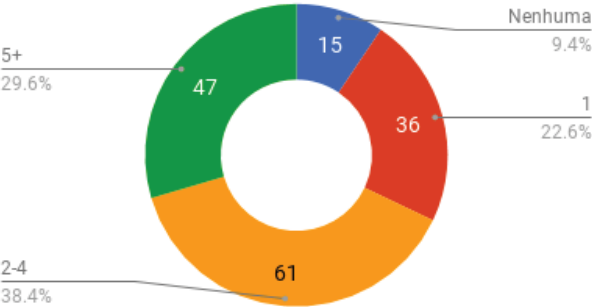
*Os outros 9 não fotografam com digital

LOMOGRAFIA

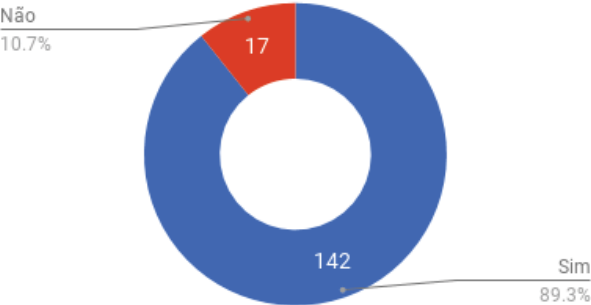
11. Há quanto tempo pratica lomoграфия



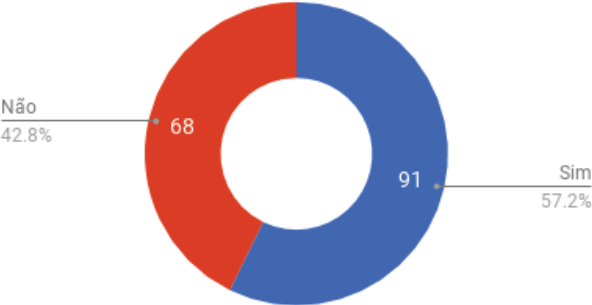
12. Quantas câmeras lomo possui



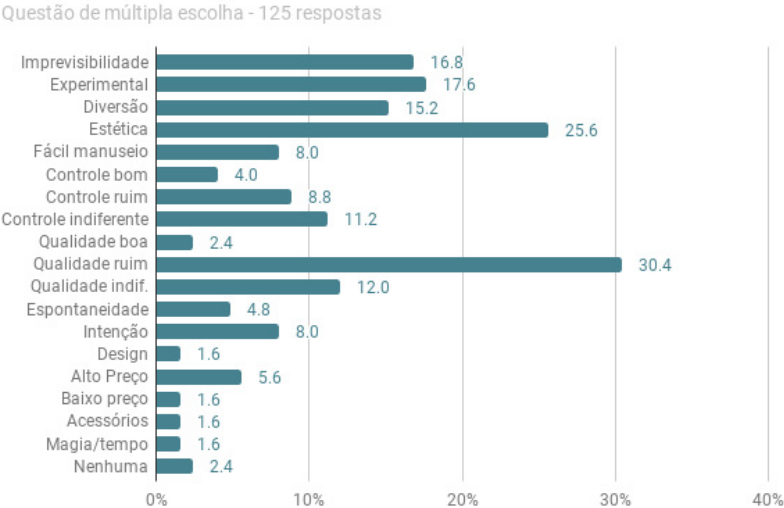
13. Fotografa com outras câmeras analógicas



15. Fotografa com câmeras instantâneas



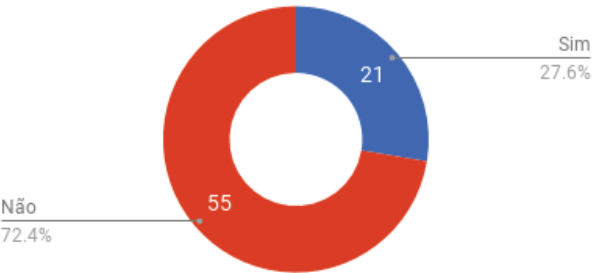
14. Diferença entre câmeras lomográficas e outras analógicas



É possível consultar a tabulação destes dados ao final do APÊNDICE C

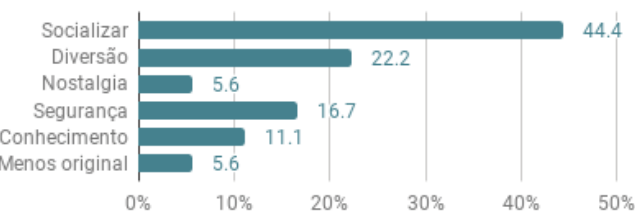
20. Fotografa em grupos

Questão inserida posteriormente. Total de respostas: 76



21. Interesse em grupos

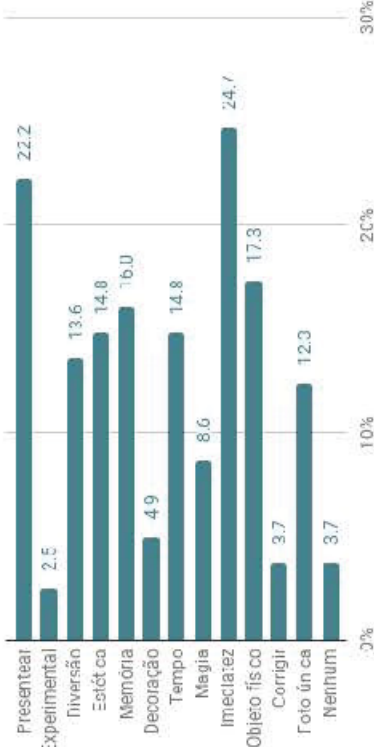
Questão aberta subordinada à anterior (incluídas posteriormente) - 18 respostas



Tabulação disponível ao final do APÊNDICE C

16. Interesse em instantâneas

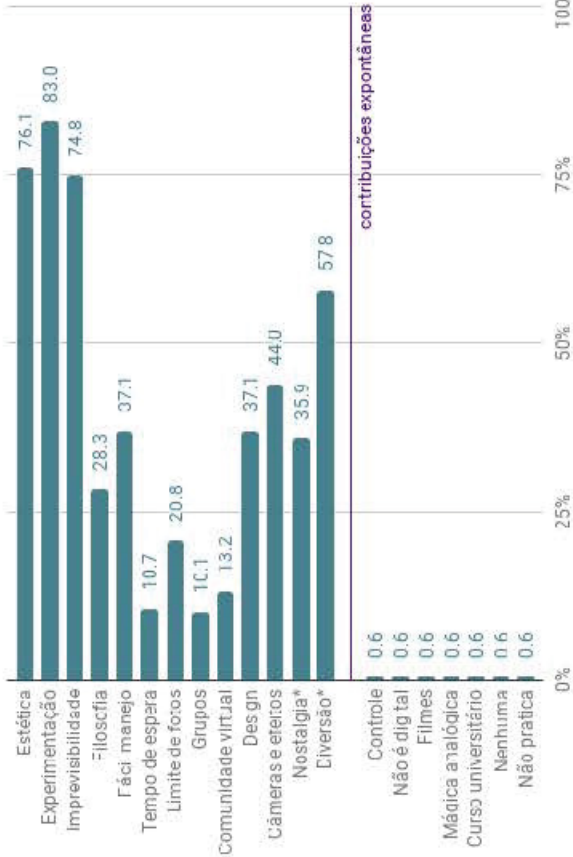
Questão aberta - 81 respostas



É possível consultar a tabulação de dados ao final do APÊNDICE C

17. Aspectos de interesse - Lomografia

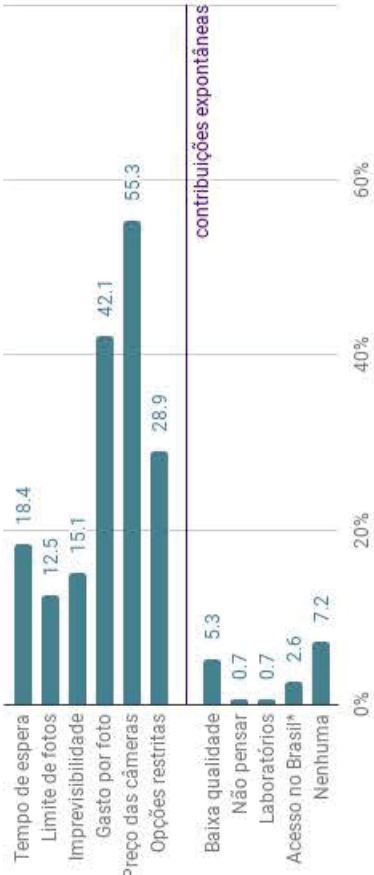
Questão múltipla escolha com possibilidade de contribuição - 159 respostas



*Incluídas posteriormente - porcentagem calculada em relação a 71 respostas

18. Desvantagens - lomografia

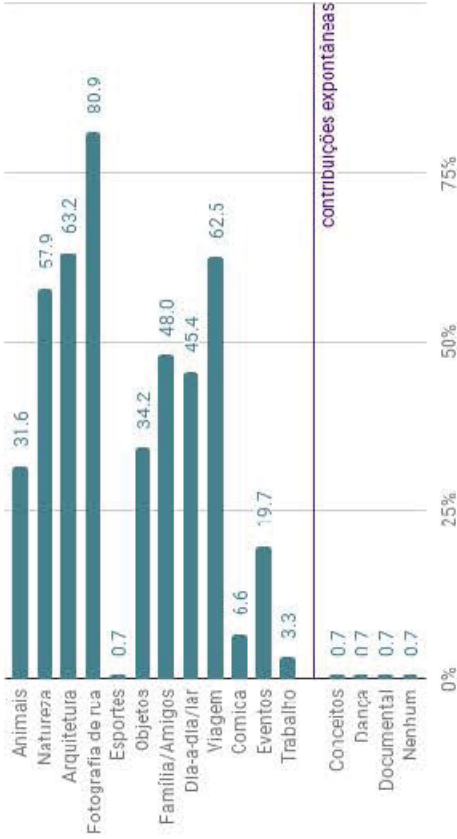
Questão múltipla escolha com possibilidade de contribuição - 159 respostas



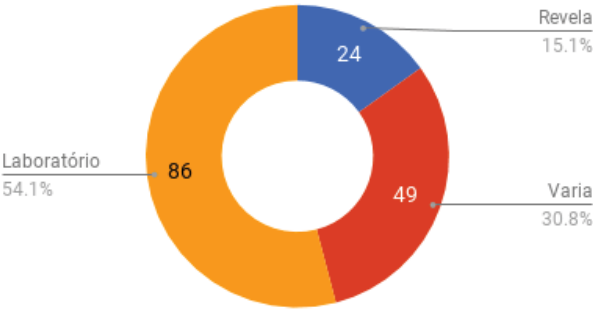
*Se calculado apenas em relação aos residentes no Brasil (46): 8,7%

19. Temas preferidos - Lomografia

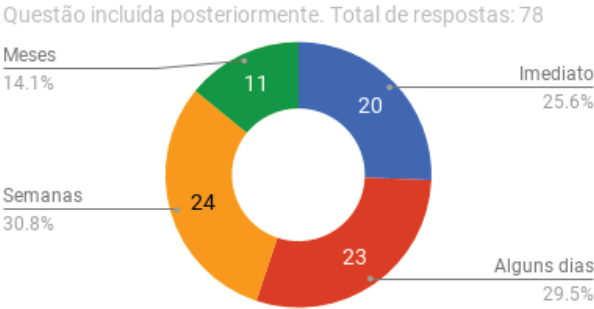
Questão múltipla escolha com possibilidade de contribuição - 159 respostas



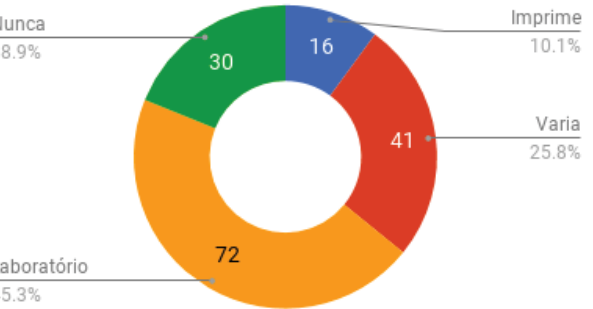
22.Revelação dos filmes



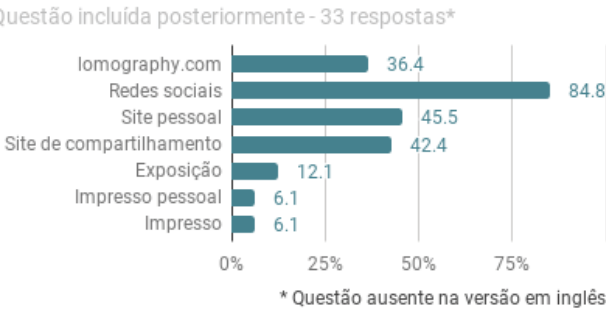
23. Quanto tempo tarda a revelar o filme



24. Impressões de fotografias analógicas

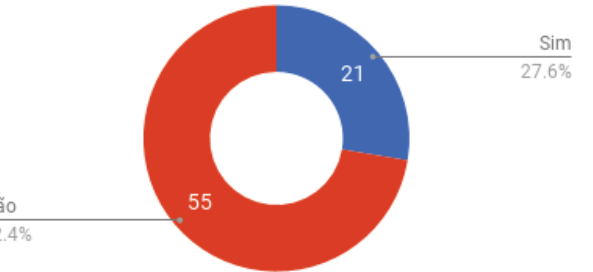


25. Divulgação de lomografias



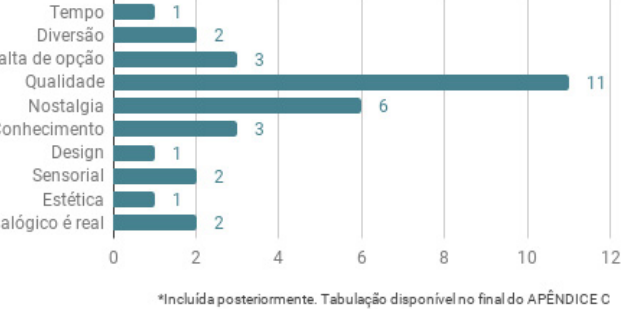
26. Usa outros aparelhos analógicos

Questão incluída posteriormente. Total de respostas: 77

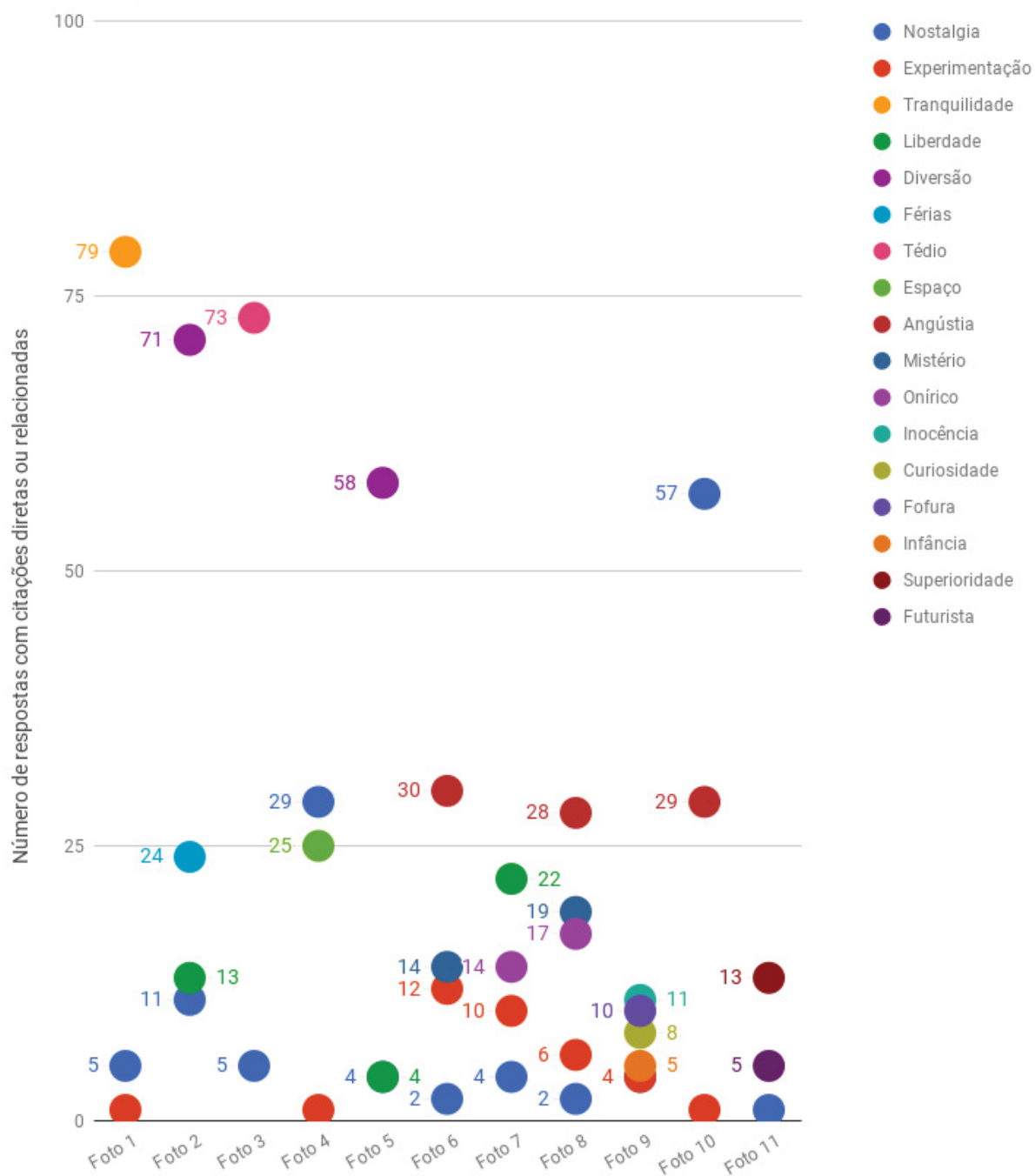


27. Por que usam analógico

Questão aberta subodinada à anterior: 33 respostas*



28. Lomografia e sentimentos



É possível consultar a tabulação destes dados ao final do Apêndice 3

TABULAÇÃO DOS DADOS DAS PERGUNTAS ABERTAS

As cores definem idéias correlatas. O significado de uma mesma cor pode variar entre as perguntas.

14. En caso afirmativo, ¿cuál es la diferencia que observa entre las cámaras de lomografía y otras cámaras analógicas y por qué es relevante para usted? 22

responses

Me genera curiosidad las imágenes que capturó con las cámaras lomo por sus resultados impredecibles

Las fotografías con la cámara lomo tienen un punto de sorpresa y de originalidad en su colorido y definición. Los resultados son impredecibles y eso genera curiosidad y expectativa

Lomography es más simple de usar y no tiene restricciones que otras cámaras a veces tienen.

Las cámaras de lomografía las uso por sus resultados curiosos, las otras por sus cualidades independientes de cada una

Facilidad de uso

Las lomo permiten procesos mas creativos y azarosos, lo que permite mas plasticidad en la imagen. Esto es relevante para mi, pues mi pasión por la fotografía es la experimentación y la creación plástica.

Me gusta la lomografía porque me permite experimentar mas.

La estética de la imagen

Es más lúdica, siempre te sorprende.

Lomography otorga ciertos acabados estéticos que vienen preconcebidos de fabrica con la cámara, las demás cámaras analógicas (no todas) suelen fotografiar de manera más cercana a la realidad

Los colores y efectos logrados.

Las analógicas carecen de variedad en el control manual

Posibilidades creativas y técnicas. Facilidad en la toma. Resultados sorprendentes.

Una Fuji fue mi primer instantánea cuando no Lomography no las producía. Luego pasé a las de la marca.

Las cámaras lomograficas tienen efectos distintos al distorsionar la imagen ya que muchos de ellos resultan al azar y las cámaras analógicas convencionales toman la foto según los ajustes que uno quiera poner. Me gusta más sentir la incertidumbre de como irá a salir la foto sin tanto ajuste de velocidad o apertura sino solamente disparar sin pensar.

Las camaras de lomography tienen un look vintage, hacen lo q dicen, las demas por ejemplo canon a1 no dejan de ser camaras profesionales q se diferencian de las lomo por la nitidez

la diversión la dejo para la lomografía

La definición por la calidad de la óptica... son cosas diferentes

Ninguna

La proposición que entregan las cámaras es diferente, no toman las fotografías de la misma forma, por lo tanto, la fotografías son diferentes.

Los colores son más vivos y alegres con las lomográficas, los efectos que se crean al tomar fotos con las lomo son geniales y las analógicas son mas serias sea en color o BnN pero me

parecen igual de geniales, yo estoy practicando con todas las que pueda. Solo disfruto del momento.

La textura de las imágenes, las tonalidades y contrastes en las imágenes.

14. If yes, what is the difference you notice between lomography cameras and others and why is it relevant for you?54 responses

Quality of product, i don't want a easily broken camera such as Zenith brands I prefer old cameras. The quality is better.

Simple lens

How they are made and the quality of pictures.

The clarity of other cameras

They create a different look but the cameras are not very reliable. I nearly don't use them any more.

effects

quality and price. lomo cameras are way too expensive compared to the other cameras with the same or better output

The results with lomo cameras are unpredictable

Easy settings, more lo-fi photos, more creative possibilities, accesories such as splitter or color filters for flash.

Too expensive. Other analog cameras have similar or better results.

Lomography cameras are kind of a joke if you know real analog cameras, but they are helpful to keep film alive.

Other cameras are more reliable

Lomography lens not as sharp as others, less depth of field, no control over exposure/aperture/shutter speed

the nature of each Camera is unique (multilenses, panoramic, 110 film, fisheye, etc), so, the waiting and surprise of the results are the real deal in this "way of life"

Lomography cameras are more like toys and you can experiment with it

The frame is not the same, the sharpness and the blurriness are not the same

Difference between analog SLR cameras and Lomo cameras is of course the sharpness. I would prefer the lenses to be more sharp but then, that's the positioning of Lomo cameras. They want their photographs to NOT look sharp. However as a photographer I would like to see Lomo cameras with glass lenses rather than plastic ones.

My other camera's take sharper photos, my lomo is a fisheye so more of a gimmick thing than a serious camera.

each camera helps in getting specific results, i choose cameras depending on my output.

The texture is highly different in a good way. Lomo style is completely different from the other analogs.

Lomo cameras are very light and plastic. I choose to use these when I don't want to make so much settings. Simple fun.

Lomography cameras feel more flashy but instable. And people pay much more attention to me when i'am carrying one (it makes it harder to shoot street photography most of the time)

lomography is still for idiots!

I shoot 35mm. I tried medium format Yashika, which felt clumsy and hard to focus. "Newer" analog cameras might have an indicator for focus. Digital analog cameras feel more like digital DSLRs, but have more functions as "old" analogs.

Lomo cameras are very **simple and easy** to use, while using other cameras is more time consuming, with Lomo I can **shoot almost instantly** without loosing the perfect moment. And it's also very easy for shy person like me- I don't attract much attention.

Limos are **poor quality and fragile**. They are **fun**

other cameras are vintage while I like to buy new stock of everything, including cameras. with lomography, i know no one used it before.

The **quality of others** is higher, I control the results better

more control, more **expectable** results

14. Caso a resposta seja sim, quais as diferenças você percebe entre câmeras lomográficas e outras e porque isso é relevante para você? 49 respostas

A lomografia torna a imagem mais criativa, onírica, capacidade de deixar a imagem **lúdica**.

Bom as cameras lomográficas são uma marca, e como fotografar com uma pentax, canon ou outra qualquer, so que essas tem o diferencial dos **efeitos inesperados** pelos seus **proposais defeitos**.

Controles manuais de exposição

Câmeras lomográficas são **brinquedos divertidíssimos**. As adoro, mas raramente tem usos sérios. Por sorte a vida não é feita só de seriedade.

Câmeras mais **duráveis**, e ter todo o controle sobre o resultado.

As restantes câmaras são muito melhores e tiram fotografias com **melhor definição**. São também mais fáceis de usar.

Fotografar sobretudo com lentes Leica e Carl Zeiss devido à **qualidade**

As lomográficas são mais **artísticas**, permitem **experimentações**.

Controle maior na hora de fotografar e **depende da ocasião** para ser relevante ou nao, tem horas que prefiro Lomo por ser mais **experimental**

Qualidade final

Acho que câmeras tem **pouca qualidade** ótica se comparadas com outras slr ou rangefinders com lentes de vidros, então uso **descompromissadamente** e sem esperar muita qualidade, nitidez, etc.

As lomográficas que utilizo são médio formato, possibilitando um **enquadramento** diferente da minha analógica 35mm. As **cores e características** das lomográficas permitem uma **estética única**.

A **saturação e contraste** são maiores na minha La Sardina, acredito que o diferencial seja a lente, apesar de não oferecer **muita nitidez**.

A lomo é sempre uma **surpresa** quando você revela o filme, mas as vezes não um surpresa tão boa

Câmeras lomo permitem **vários efeitos** em uma câmera só, no caso de alguns modelos.

Fotografar **sem pensar** muito, objectivas de **menor qualidade** **ótica** permitem **resultados criativos**.

Espontaneidade e originalidade.

As câmeras profissionais analógicas permitem um maior controle relativamente às câmeras lomográficas.

Captar um momento e redescobrir esse mesmo momento é um dos motivos.

Uma maior escolha de **lentes e efeitos** a **preços** mais baixos

Acho que a principal diferença são os tipos de câmera que **tem estruturas bem específicas, como as multilentes e as panorâmicas**. Algumas câmera por serem bem "toscas" em sua construção facilitam **modificações artesanais**.

as câmeras lomográficas são interessantes de utilizar porque permitem que mais luz entre no diafragma e isso se torna um bom material pra ter um **segundo ponto de vista** sobre determinado filme, porém, a maior parte dessas câmeras tem a estrutura do corpo **não muito resistente** e o **custo**

Plastic lenses

Quality on lomography **is not the point**. I have a Lubitel 166B even if is on 120 format, the **quality is very poor**. The lens is made with cheap glass, sometimes on other cameras is made with plastic. Lomography is **fun**, is the **unexpected** and have fun with it. But if you wanna shoot a portrait, and you wanna have the certain of having a good picture, is better use another camera. Like Bronica, (Etr or SQ), Pentax (K1000 on 135, or 645, 6x7 ecc).

I can switch lenses.

Huge difference in "**quality**", but it's always a question about what **kind of expression** you want in your final photo

I find the Lomography cameras that I own (an original Lomo Smena and a La Sardina) **not very reliable**. It's **fun** to shoot with them but I feel that I **lose control** of many elements which I would be able to control in another type of camera. I might use them for personal projects, but for professional projects I would probably rely a lot more on my 35mm Nikon or my 6x7 Pentax.

My lomography cameras are more my **toy cameras**. I use high grade film cameras for most of my travel and portrait photography. There's no real relevance they're just fun **different ways and have different strengths**.

In my opinion there are **no significant differences**. Lomography got the more **creative** cameras with **funny effects** (panorama, sprockets, ...), other cameras got **less plastic** and more serious. This doesn't apply to the latest lomography products which are expensive but better quality.

Fast, **Fun**, Good **Colour Saturation**, **Unpredictable** in a good way

No lomography cameras make **better shots**, they are **more reliable**.

the **look** of the pictures, same motif looks very special, and **different to other cameras**.

lomography cameras tend to have plastic lenses that aren't as sharp as a normal SLR

Lomography cameras have a lot more **experimental** quality, and the element of **surprise** makes it quite **fun** to use.

The pictures are **less blurry**

Lomo's have special features, ex. multiexposition. **Different exterior**.

I like using SLRs for their versatility, direct view through the lens and overall **quality**. I'm not interested in compact cameras (e.g. LC-A); in case of TLR (Lubitel) I cin still find czechoslovakia made Flexarets for fraction of **price** with better lenses.

Cost vs quality

Lomography invites for a certain **point & shoot** style without thinking too much

durability, lenses, options (MX etc.)

No other camera is like the Diana Mini. It's **crappy** in the **best way**. The LC-A 120 is the cheapest medium format camera with relevant exposure control, and it's awesome.

Better quality on profesional analog cameras

Lomography cameras use **plastic** more often so the camera still works well but **isn't extremely expensive**. I also like **experimenting** and they allow enough room to do so.

Lomography cameras are of a **cheap** construction **but cost more**. But, I want to support the creation of new analog cameras. Also, for instant, the multiple **exposure** features are better than Instax alternatives.

Its hard to say. All my cameras have **different personalities**. I feel like the photos i take with lomo cameras have a certain **surreal** quality. Real moments captured **as if they were dreams**.

My Lomo camera is all **plastic**; my other analogue camera is **metal**. Other than that, it's too early to say.

benefício (pelo menos pra quem mora na américa latina) é bem desfavorável, aqui esses produtos são **caríssimos**

Qualidade das fotografias, em máquinas tipo Leica M7

O lance da **experimentação** é diferente e eu amo.

A lomo tem **aberrações cromáticas** que são características de cada modelo da câmera, é algo que adoro, mas ao mesmo tempo sinto falta na minha fish eye de controles manuais.

As lomoográficas são mais **simples** de usar, por norma é **apontar e disparar**. Para as outras é necessário ter em atenção a velocidade de obturador, exposição, filme, profundidade.. Assim a foto lomo **quase não tem regras**, com as outras é preciso investir tempo.

As fotos tiradas com lomos permitem uma **surpresa** quando recebemos o material revelado, pois é permitido **brincar** com a fotografia.

Diversas, em termos de **estética** ou mesmo configurações técnicas da câmera. Enquanto a Holga 135bc (lomo que uso) é uma rangefinder quase automática, uso outras SLR manuais como a Canon AE-1 por exemplo que são bem diferentes.

Operação pode ser mais complexa da lomo ou será supre simples. A linguagem que uso, enquadramento, tema, conceito, expectativa de resultados com câmeras 'nao-lomo' são mais controlados. Com as Lomos sou **mais autoral**, me dou **mais liberdade**, **experimento** mais, erro mais...

a **qualidade da lente** é bem evidente, e as câmeras lomo que possuio possuem poucas funções, fazendo sempre depender do automático ou da **sorte**, enquanto as outras analógicas que possuio realmente consegui aprender a fotografar

As câmeras lomoográficas possuem uma **infinitude** de possibilidades de **efeitos** diversos, controláveis ou **acidentais**, que fazem com que cada imagem seja **visualmente inusitada** ou criativa. Permite **novas experimentações** em cima de cenas usuais. Não ambiciona ser uma cópia do real, e sim, uma **releitura**.

As lomo são mais para **diversão**, **testes**, parecem de brinquedo e são mais **fragéis**.

Geralmente as lomos são um pouco diferentes das analógicas clássicas

Lomo **mais leve**, geralmente menor, um pouco mais frágil, fácil de guardar, poucos ajustes para o clique

Controle

Pouca relevância.

Lomo uso de **forma ludica**, experimental. As outras não, uso quando quero mais controle sobre abertura, velocidade etc.

Tenho mais de 50 câmeras, de 35mm até 4x5.

Qualidade de imagem.

Tenho uma SRL da Canon e uso bem mais ela hoje pela questão ter poder sobre a minha foto e decidir como eu quero que ela saia, mas a lomo é a backup.

acredito que nas câmeras lomoográficas tenho mais **liberdade de criação** e me sinto mais a vontade com **o imprevisto e erros** decorrentes dela

Melhores lentes, melhor **mecânica**, **mais robustez**

A magia de esperar para ver qual é o resultado. Pensar antes de fotografar porque não a podes cortar no photoshop

Melhora na produção da imagem e mais sintonia com o processo de edição analógico

A **lidadez**, a **incerteza**, os **efeitos**

A **qualidade**, o **contraste**. Mas só tenho a La Sardina por isso não posso dizer que é culpa da Lomografia, apenas não se pode comparar a La Sardina com uma Canonet por exemplo.

Maior possibilidade de **controles** e **previsibilidade** de resultados.

a **estética** das fotos é bem diferente: gosto das duas, porém uso a lomo para trabalho mais artísticos, para explorar a possibilidade **das cores e da lente**.

Simplicidade

Nas outras tenho a versatilidade da troca de lentes e controlo total da câmara

16. En caso afirmativo, comente por qué es interesante para usted tener la imagen impresa instantáneamente. 14 responses

Es **divertido**, visualmente el formato es bonito y **decorativo**. Adicional es una forma rápida de obtener una imagen en un **formato físico**

El **recuerdo es instantáneo** y se puede conservar sin tener que hacer un paso adicional

Una especie de **ritual fotográfico** que se había **perdido** con tanta fotografía digital

Porque me permite concentrarme en la **experiencia temporal inmediata**.

Disfruto de tener la foto **instantánea**

No me llama la atención particularmente.

Queda **impresa** con seguridad. Es **divertido** verla en el **momento**. Si salió mal **se puede tomar nuevamente**. Se puede **regalar**.

Creo que la idea de tener la foto es capturar **el momento exacto de un recuerdo**. No hay dos opciones es **solo una oportunidad**.

Me gusta para **recuerdos** de cosas importantes como una reunión con **viejos amigos que quisiera que conservaran el recuerdo**.

Nos acerca a la fotografía digital por la **instantaneidad** con la cual se pueden apreciar los resultados finales

Inmediatez

La **inmediatez** del **recuerdo**.

La proposición que entregan las cámaras es diferente, no toman las fotografías de la misma forma, por lo tanto, la fotografías son diferentes.

La sensación es casi similar al momento que revela una foto, capturas el momento y esperar a que salga la imagen **es muy adictivo** y no te conformas con una vez. Quieres mucho más.

16. If yes, comment why is it interesting for you to have the image printed instantaneously. 40 responses

It's a **fracture of a second** that cannot be recreated by **copies**.

Sharing

Amazing to **gift** to friends and family.

It's not the print. It's the unique look of the images.

I can **give** it to a friend. It's an instant memory.

Shooting with Polaroid cameras (the REAL Polaroid cameras like SX70) have their own aesthetic which I really love.

the reaction to the surprise of the **outcome**

only the photo **style** of an instant camera is interesting for me

capturing the **moment** as an **object**

I believe that when you hold a moment in your hand (and not just on a screen) it makes it more memorable. Also we have loads of photographs in our hard-drives and phones but how often do we sit and go through it. When it's printed picture, you see it, you touch it and that is a beautiful way of living that moment again. That's a very personal opinion though as photographer.

It's a great feeling, and lots of fun for people involved in this shoot.

It has some meanings in my life in particular ways. It's a very good shape of art.

because the photos and the memories became more tangible

simultaneously documentation of the memories might be useful sometimes

Bcs to have a certain situation directly printed. An instant has a special value which is accepted by the people.

There are two reasons why I think having an instant print is important: there's a romantic one and there's a practical one. Romantically, I think there's some magic surrounding instant photography.

We live in a time where everything is digitally instant, but not a lot of things are physically instant so there's something special in a photo materializing right in front of your eyes. Another important

factor is that an instant photo is (kind of) unique: there's only one copy of it. On the practical side,

when on a shoot, an instant print can be a preview. Obviously with digital cameras it's possible to

immediately see a picture, but that's all kinds of wrong and a whole other topic. But in the past and

now-a-days there's still people who have instant backs for their medium or large format cameras

and can use instant prints to have a preview.

Having something to give away to friends

Fun, great to give away

i'm to curious to wait till the film is completely shot and developed sometimes and i can give them to

friends as little gift/memory to hold the moment alive

I won an instant camera. That's why I use it. Otherwise I would not buy an instant camera.

the joy and spontaneous fun in instant photography

It's a very social experience. I tend to use instant cameras to photograph friends, and the fact that

you can watch the process happen is very exciting for everyone in the group.

It's magical.

Souvenir

It gives you immediate results.

I preferred original Polaroid 669 for the colors and tones it would make, not so much the fact that it

was instant. The first time was an experience, but living in an already digital and instant world, it was

nothing special.

It's great to share pictures with the person being photographed

You can boast about your shooting skills immediately

It's fun and it has a completely different look.

Multiple exposures / internegative

There's so much fun for it to go family around and I like that. Also I give them to people as gifts

when I travel, the rest are documented in a scrapbook

It's great for testing ideas without having to develop and print in the darkroom. (I don't own a film

scanner)

It's nice to have the candid here and now.

I consider it as magic. It's super easy, you can see the results in a few minutes, you don't have to

wait, go to the shop, pay for developing.

Nostalgia

Instant feedback

because I can give the foto away to friends on the spot

I can hang it on the wall/fridge and look at it constantly, reminds me of the good time I had while taking it

7-5 years ago I noticed that all the pictures I took with my phone was on my laptop but I never

looked at them nor printed them. I decided to buy an instant so I would do a photo album (then I

bought a Sardina and finally at least, a digital camera)

it's better for the people, I develop all my films at home, so I don't have problems making the print,

but I really find it interesting to have it in a minute for other people (which I'm photographing etc.)

16. Se sim, comente porque ter a imagem impressa instantaneamente lhe interessa.27 responses

Já tive uma, mas vendi devido ao custo benefício. É legal ver a imagem ali na hora, mas esperar

pela revelação de um filme é uma expectativa muito mais prazerosa.

Fotografia casual e de momento

Não pelo instantâneo e sim para experimentar novos resultados e tipos de câmeras.

Gosto da espontaneidade que ela representa. Hoje em dia estamos em busca da foto perfeita, e

nada é perfeito, por isso gosto tanto da instantânea, se a foto sair ruim, dá pra lembrar o momento

que ela te faz recordar

Para algumas ocasiões é interessante pela possibilidade de garantir o momento "guardado".

Diversão

É a recompensa instantânea :

Para pendurar na parede/geladeira

Pra dar de presente e pra usar na decoração

Uma fotografia instantânea é única, não existem cópias, pode-se tirar e, nesse preciso momento

oferecer a um amigo ou a um desconhecido.

A partilha da fotografia na hora faz parte de uma amizade.

Ver de imediato o resultado

porque não existe material mais bem projetado dentro da fotografia em termos de

compartilhamento de memórias, quando você tem a foto nas suas mãos instantaneamente (o que

de uma forma ou outra só o processo analógico pode proporcionar) você pode tocar na imagem,

isso ativa o ponto sensorial, e isso importa muito.

Na realidade faz muito tempo que não uso, mas amava a sensação de assim como no quarto

escuro a imagem vir surgindo aos poucos.

Por ser diferente do habitual e por ser o que sai sem a banalização da foto em quantidade.

Estética específica. Deixa qualquer registro doméstico muito interessante visualmente, é uma

câmera prática e legal de usar. Uma pena os filmes serem tão caros.

Uso normalmente em festas onde quero compartilhar o momento, ter a foto palpável.

pois é mágico ver o momento em que a foto passa a aparecer

Em tempo de tantas imagens sendo produzidas e ficando arquivadas em núvens digitais, a

concretização delas torna-se ainda mais fascinantes, sobretudo quando são rapidamente

transformadas em um objeto. Sem passar antes por seleção, tratamento ou redes de

relacionamento digitais.

Me interessa o original único.

Estética do filme instantâneo.

Eu acho legal a impressão instantânea hahaha e poder guardar logo a foto em algum lugar. O

tamanho reduzido também é fofo.

É engraçadinho porem é muito caro e eu tenho pouco controle.
Imprimo cada vez menos fotos, é uma forma de **guardar** alguns momentos
Porque se trata de outra mídia em intersecão com o digital/analogico.
Pela **singularidade do momento**
Por ser uma **experiência diferente**

21. En caso afirmativo, ¿por qué?3 responses

Hacer lomowalks
hace que la fotografia sea más divertida, la interacción le da un sentido más familiar,
nostálgico.
Es más **seguro** salir en grupo, por ejemplo en mi país la delincuencia aumentó demasiado.
Pero si tuviese la oportunidad de salir sola, lo haría sin pensarlo. Puedes ser más original sin tanta gente pretendiendo fotografiar casi lo mismo que tu.

21. If yes, why?12 responses

Not yet but I want to.
gives me the chance to **dive into the crowd** more easily
Nice people of the local Lomo community.
Because I organise photography events and **teach** others how to take photos
It's simply more **fun** and **socialising**. :)
communication and **fun**
Fun :)
Sometimes I shoot with a **very good friend** of mine. He owns plenty of lomo cameras which i then can use. furthermore it is always **more fun** together + we can wait and enjoy the pictures together afterwards.
it's interesting to see **through the different** eyes of various photographers/lomographers with the same location
Sometimes I take part in photowalks with different communities or friend groups, it's just a good way to **meet people** who have the same interests as you.
It is a way **to socialise**. In a country where I don't speak the language, socialisation is difficult.
Only rarely because my **lomography buddies** are in different countries and there's nobody local. My friends started because they saw the results from my first disposable and they all went out and got their own. Then we kind of learnt to bounce off each other

21. Se sim, por qué?3 responses

Nunca tive oportunidade
Segurança
Pela **socialização** com pessoas com os mesmos interesses

26. Además de la fotografía, ¿usted utiliza otros equipos analógicos?10 responses

27. En caso afirmativo, ¿por qué?5 responses

Le otorga más emoción al realizar las cosas **sin que sean tan inmediatas**.
Simplemente me atrae no tiene explicacion
Vinilos
Porque **es lo que tengo**
mera **diversión o apego** con ciertos objetos

26. Besides photography, do you use other analog equipments?45 responses

27. If yes, why?21 responses

I need them sometimes. That's the main reason of course.
quality
Turntables & vinyl
Quality.
I prefer analog to jump off the race for the latest and "best" equipment as these seem to come in a constant stream these days. The analog has reached it's peak and there's no way to "upgrade" the needed equipment. Also, as an added bonus, I feel a lot of the analog equipment **performs better** (at least to my eyes, ears and liking) than the equal digital products.
The only other analog equipment I use is a turntable, because of the **sound** and **nostalgia** as well.
I prefer the control it gives me over its functions and the thought and **knowledge** that goes into it
I enjoy good **design**, **fun**
the **sound of vinyls**, the **taptic** and **smell** of books
I'm a **nostalgic** person and prefer analog to digital
I use analog tube guitar amplifiers for their **unique sound**. resilience under heavy load and generally high power output
Vinyl records are **enjoyable**.
Art & **Nostalgia**, old motorcycles, paint & brushes, Cinema cameras
I just like the idea of analog signal
Analog is real. Digital is ones and zeros.
I believe in **keeping old** technologies alive
You can't have phones and stuff in the darkroom so with it has to be Walkmans and old radios that don't omit light. Obviously photography is the one **forcing me** into using old technology
It forces me to slow down and make more **thought-out decisions**. For work, I am a graphic designer and video editor. Analog creates a great break from staring at screens.
Some things **look better** on film
because I like having to think about what i'm doing and **understand** the analogue processes that are at the basis of our digital world
for more **high-level** work

26. Além da fotografia, você usa outros equipamentos analógicos?16 responses

27. Se sim, por qué?7 responses

não sei
Porque sou um entusiasta da Fotografia
Porque vinil tem sim o **melhor som**, mas tem que ter um equipamento decente pra escutar, e não uma maletinha...
Retro Há equipamentos de há 15 ou 20 anos **insubstituíveis** (v.g. Giradiscos).
Não costumam precisar de **baterias**
Tenho os produtos e acredito os processos!
outra **estética** e modo diferente do digital.

28. Descreva quais sentimentos você associa com cada uma das imagens a seguir:

1.
 Amor
 Relax
 leveza do cotidiano
 Felicidade
 Casualidade
 Irrelevante.
 indefinido
 Tranquilidade
 Baixo contraste
 calma
 Relax, informalidade

descontração

Alegria
 Descanso
 Bem-estar
 Expectativa positiva
 tranquilidade, espontaneidade.
 Despojamento.
 Tranquilidade, desaceleração, alegria

cosy
 Tranquilidade
 memória, recordação
 Férias
 Lomografia

Relaxe
 Descanso
 Bem estar
 Intimidade
 hospitalidade
 Amizade
 Tranquilidade
 Tranquilidade
 Tranquilidade
 Relaxamento, felicidade, alegria, descanso
 Almoço de domingo
 Sensação de relaxamento
 cena do dia a dia, experimentando lomografia,
 descontraidamente
 Relaxando
 calma
 Paz, tranquilidade...
 desejo/antigo
 paz
 preguiça
 Curti
 Sossego
 Tranquilidade
 Repouso
 Relaxado
 Paz
 Chill
 Chill
 admiração, alegria
 Relax
 Tranquilidade
 alegria
 conforto, família
 Felicidade

2.
 Alegria
 Alegria
 férias
 Alegria
 Liberdade
 Entediante.
 férias
 Amizade
 Falha de foco
 paz
 Férias, movimento, espontaneidade
 espontaneidade
 Diversão
 Férias

28. Describe which feelings you associate with each one of the following photos:

1.
 looks like testing camera, its boring
 Sunny afternoon. Peaceful feeling
 Relax
 Relax/joy
 relax
 Relax
 Leisure und warmth
 relax
 feeling happy with one s life
 Relax
 calm, relaxing

Nice portrait.
 Chilling mood. Nice composition, terrible
 overexposure.
 lazy
 Relaxed
 peace of Mind
 happiness
 nice
 relaxation

relaxed
 Relaxed, warm
 friendship
 Easy life
 content
 I didn't like the photo. Colours are not bad but the
 shot is not good.
 laugh
 funny
 joy
 shit
 chill and fun
 Leisure
 Peace
 Take a break.
 Freedom, happiness, smell of flowers, in love
 Fun
 Relaxed

peace, fun, relaxed
 bored
 vacation, frash air, light
 lounging
 leisure.
 relaxed
 happiness
 happy, relaxed
 Chilling
 Calmness
 Chilling
 contentment
 Moment, summer, enjoyable, friends.
 relaxed, carefree
 chillout
 Relaxation
 Leisure time
 Friendliness
 Nostalgia
 Relax
 self-doubt

2.
 blurry but content looks fun
 Free feeling
 Summer
 Happiness
 summer
 Chilly weather
 Holiday and freedom
 play
 holidays
 Fun
 happiness
 Happiness
 Joy. Well composed, nice sharp/usharpness
 summer fun

28. Describa qué sentimientos usted asocia con cada una de las imágenes siguientes:

1.
 Tranquilidad
 Alegría
 Relax
 relajado, alegre, tranquilo
 Tranquilidad
 Tranquilidad
 Tranquilidad
 Felicidad
 tranquilidad
 tranquilidad
 Espontaneidad
 Nostalgia, recuerdos, vida cotidiana, estilo de
 vida, descanso

f
 Marihuana
 NS/NC
 cotidiano
 Pose
 Paz
 Camaraderia
 Me da sensación de tranquilidad como momento
 de descanso
 Relax
 Relajo
 Relax
 Plenitud

Felicidad
 Relax
 Una época que ya no está
 Felicidad
 armonía
 Paz

Relax
 Relaxation
 relax
 Calm, happy, relaxed
 nostalgia
 Lazy
 relax
 relax

2.
 Diversion
 Felicidad
 Frescura
 alegre, emotivo, activo
 Diversion
 Diversion
 Diversión
 Extremo
 accion
 alegría
 Dinamismo
 Viaje, nostalgia, recuerdos, felicidad
 f
 Humedad

Adeus
 Ócio
 descontração e liberdade, diversão.
 Felicidade.
 movimento, congelar o momento único
 saudade
 Divertido
 alegria, diversão
 Liberdade
 Lomografia

Diversão
 Verão
 Felicidade
 Leveza
 calma
 Divertimento
 Alegria
 Diversão
 Alegria de férias

Férias, brincadeira.
 Fim de tarde no mar
 felicidade, férias
 ida à praia, com a família
 Saudosismo da juventude
 serenidade
 Memória afetiva
 movimento/confusão
 felicidade
 diversão
 Curti
 Diversão
 Nostalgia
 Liberdade
 Frio
 Vida
 Acerta o foco
 Um dia feliz

liberdade
 Atlântico Norte
 nostalgia
 férias
 nostalgia
 Espontaneidade
 3.

Tédio
 Tédio

a espera
 Monotonia
 Tédio.
 Uma das estéticas que mais me agrada na
 lomografia, relativamente indescritível.
 trabalho
 Tédio
 Super saturada
 aborrecimento
 Interrogação

aborrecimento
 Intimidade
 Odeio esperar
 Impaciência
 Necessidade de aprovação
 odeio quando fazem essa cara, é muito falso,
 previsível e planejado, sem sentimento algum.
 Tédio.
 espera, monotomia
 warm
 Enfado
 aborrecimento
 Diversão
 Lomografia
 Aborrecimento
 Games
 Aborrecida
 Tédio
 impermanência

Dark
 joy in Life
 freedom
 nice
 joy
 holiday
 Cold, fun
 fun
 Holidays
 summer fun
 Too much blurry. I like blurry photos but that's
 just too much. But I liked the blue tones and the
 vinnette
 happiness
 funny
 nostalgia
 shit
 fun, free
 Snapshot
 Fun
 Spontaneous fun
 Cold and wet, joy, wind on a wet body, salt
 drying on the body
 Joy
 Joyous
 freedom
 fun
 vacation, salt, fresh
 fun, summer, sea
 leisure, action, fun. i very much like this picture.
 joy
 nostalgia
 love
 Running but fun
 Spontaneity
 Fun
 thrill
 Cold, quick
 refreshing
 fun

Fun
 Fun
 Fun
 Fun
 Joy
 confusion

3.
 boring
 Killing time.

Everyday
 Symmetry
 waiting
 Vintage
 Living in the city
 contemplation
 man vs technology, human out of focus
 Bored
 boredom
 Interesting correspondence between the eyes and
 the washing machines!
 Indifferent
 bored
 Saturated colour
 boredom on Waiting

concerned
 funny
 boring
 grumpy
 Boredome
 upset
 Saturation
 introspective
 It feels like classic lomo :) Good.
 dissatisfaction
 nothing
 anxiety
 nervous

NS/NC
 nostalgia
 Frescura
 Frio
 Libertad. Espontaneidad.
 Diversion
 Diversión
 Frio
 Libertad
 Angustia

Libertad
 Diversión
 Diversión
 Amistad
 serenidad
 Alegría

Fun
 dynamic
 Old family holidays, cold sea, simple joys,
 innocence, lack of complexity
 summer fun
 Fun
 enjoyment
 holiday
 Fun vacation
 3.
 Aburrimiento
 Nostalgia
 Aburrimiento a través del Juego de imágenes.
 Originalidad
 consentido, nostálgico, pensativo
 Estres

Aburrimiento
 Simetricidad
 Mmmm
 espera
 instantaneamente
 simetría

Vida cotidiana, nostalgia, tristeza
 f
 China tistle
 NS/NC
 amor

Disconformidad
 Aburrido
 Aburrimiento. Frustracion. Obsesion.
 Ansiedad
 Aburrimiento
 Aburrimiento
 Tension
 Perfecta
 Tristeza
 Vida cotidiana
 Aburrimiento
 Espera
 vacío

Tédio	bored	Desgano
Tédio	Symmetry	
Estranhamento	Bored	
Melancolia de espera	Waiting sucks	
Espera, aborrecimento.	Sadness, defiance, change, symmetry	
Espera	Loneliness	
cotidiano, momentos mundanos	Thoughtful	
instantaneidade	bored, sad	
Tédio	wonder	
tédio	composition	
Tédio, ócio criativo, página em branco..	bored	
tédio/saturado	boredom, colors, symmetry, city life. great picture	
pensamentos	listless	
tédio	thoughtfulness	
	I like colors in this picture. Washing machines are also looking as eyes.	
Curti	Boring	
Belas cores	Boredom	
Frustração	Waiting	
Tédio	boredom	
Tedio	Sad, posed,	
Tedio	no feeling of the picture, but kind of nice colors	I know the feeling of doing laundry.
Brisando	boredom	waiting
Modern	Bored	Errm, not much.
chateada	Boredom	exotic holidays
Dúvida	Boredom	Bored
aborrecimento	Boredom	waiting
perda de tempo	Retro	boredom
nostalgia, familiaridade	Mystery	Moody
Aborrecimento	paranoia	
4.	4.	4.
Nostalgia	looks like an empty beach, boring	Lejania
Fluidez	Relaxing	Nostalgia
experimentação na fotografia de viagem	Nothing	Paz
Socego	Autumn	activo
Imensidão	summer	Paz
Desnecessário, gasto de filme.	Summer vibes in northern france	Paz
indefinido	Warm colors	Nostalgia
Calor	abstract	Impresionismo
Interessante!	calm	desequilíbrio
saudades	Lonely
Miragem	emptiness	mmm
distância	nothing	Recuerdos, nostalgia,
Nostalgia	Some kind of interest. Nice picture	f
Arte	nostalgic	Wash
Lonjura	Dream	NS/NC
Paciência	faraway, so close	que?
não sei, parece vazio. adorei.	travel	Caluroso
Tranquilidade.	unclear	Minimalismo
cores, pontos, impressionismo	tranquillity	Nostalgia
paz	can't see so confused	Nada en particular
Paz	Calm, silence	Paz
melancolia	being on a rainy day	Felicidad
Imensidão	Memories	Paz
Lomografia	dreamy	Historia
	It feels very nostalgic, not a good shot but a great texture. Still doesn't feel like lomo so much, kind of like an other analog. Still good.	
Mau dia de praia	blues	Calma
Planeta	nothing	Viajes
Longitude	idleness	Nada
Nostalgia	bad film	Soledad
infância	vintage	nostalgia
Experimentação	Puristic	Soledad
Plenitude	Boring	
Nostalgia	Blurry	
Encanto	Heat, dryness, strange sounds	
Férias, Verão, nostalgia	Oblivion	
Verão	Distant	
leveza	"Fernweh"	
alegria vazia	enjoyment	
"O que é tudo isso? "	dreamy	
paz	minimalis	
Minimalismo	wideness	
morrendo	serene	
abstrato	nostalgia	
old is cool	Really interesting. I like combination of this kind of pink and blue colors. It looks like a painting.	
	Quiet and resting	
Curti	Uncertainty	
Recordacao	Feels nothing	
Paz	vagueness	
Solidão	Sad, old	
Distante		
Tranquilidade		

Nostalgia
Nostalgia

nostalgia
Paul Signac em Saint Tropez

nostalgia
outono
surpresa. intrigante
Nostalgia

5.
Liberdade
Leveza
wow!
Paz
Surrealismo
Agradável, divertido.
lazer
Diversão
Vinheta
felicidade
Elasticidade, Lomografia
divertido

Surpresa
Domingo no parque
Irascível
Suspensão
movimentação
Felicidade
movimento, quente, medo
felicidade
Animação
alegria
Amor
Lomografia

Amizade
Diversão
Felicidade
Diversão
espontaneidade
Brincadeira
Adrenalina
Amor
Alegria e liberdade
Divertimento, companheirismo, brincadeira,
alegria
Espontaneidade
diversão
dia a dia de um cao
Ação
aconchego
Criatividade, loucura, quebra da ordem natural
das coisas.

agonia
amor
diversão
Curti
Alegria
Apreensão hahaha
Alegria
Diversao
Liberdade
Fofa
"Preciso arrumar um cachorro pra tirar uma foto
assim asap"
diversão
Fiesta
nostalgia
sem limite
surpresa
Aflição

6.
Paz
Encantamento
perfeita a foto, a lomo pode fazer ensaios
fotográficos, penso em algo de moda
LSD
Sopa de filme

nostalgic, summer
nostalgia

Abstract
Isolation
Impression
Content
Hot weather
tranquility
5.
i am simple man i like dogs
Happiness
Joy
Flying dog
life
Sunset
Fun
absurdity
cute, capturing the moment
Friendship
freedom
nothing
Meh, a flying dog. Use your smarthone and dont
waste film
fun, funny
Vignette
yes, you can fly
freedom
nice
the madness
playtime
Fun, activeness
summer play
Playfulness
love
The tones are good, frame and shot is good. Too
much noise but not a deal breaker.
power
funny
enthusiasm
art
funny
Dynamic
Cute
Van Halen: Jump

Playfulness, barking, nice summers day
Fear
Happy
haha
not much
snapshot

motion
opportunity moment. funny picture. hope the dog
is all fine and jumped by himself..
excited
excitement
funny
Fun jump
Nostalgia
I'm a doggo woof. Fren look at me!
calmness
Summer, energy
joy

laughter
Awesome
Joy
Fear
Amusing
Fun
obligation

6.
nice
Free spirits. Having fun with friends being
ourselves.
Sex
Nature and naturist
back to basics

Curious
painting
Ethereal timelessness, some sort of
inexpressible 'truth', simplicity

nostalgia
Too wide
space
holiday
Indifference
5.
Diversion
Asombro
Locura
enérgico, feliz, asustado
Diversion
Diversion
Risa
Congelado
emocion
.....
hermosa
Nostalgia, recuerdos,

f
Dog high
NS/NC
serendipia
Experiencia
Arte
Diversion
Adrenalina
Energía
Felicidad
Liberdad
Suave lomito

Locura
Diversión
Suerte
felicidad
apego
Animado

Awww

Exicted
fun
Plain silly! Nostalgic simplicity
excitement
Boring
decisive moment
fun

6.
Asombro
Calidez

Desinhibición. Naturaleza pura
tranquilo, feliz
Libertad

Acho nus inaceitáveis em quaisquer situações.

bucolico
 Sonho
 Experimental
 felicidade
 Old style
 confuso
 Silêncio
 Arte
 Free
 Serenidade
 a liberdade da mulher contemporânea.
 Sonhos.
 quente, cor
 outro mundo
 Encantamento
 pureza
 Liberdade
 Lomografia

Liberdade
 Música
 Calor
 Lisergeria
 liberdade
 Natureza no estado puro
 Liberdade
 Experimentação
 Liberdade, nostalgia de vivermos livres.

Paz, naturalidade, tranquilidade, inocência
 Calma
 arte
 alegria do naturalismo
 Sonho
 loucura
 Poesia
 bundas
 transcendente
 delicia
 Curti
 Sonho
 Hippie
 Vaidade
 Beleza

Natureza

Louvido Seja Deus
 Bonito, mas os efeitos estão demasiado "efeitos"
 sentir
 Impressionismo
 liberdade
 happiness
 surpresa, intrigante
 Liberdade

7.

Identidade
 Ambivalencia
 arte
 Amor
 Experimentalismo
 Desagradável aos olhos mas artisticamente
 interessante.
 perdido
 Simbiose
 Criativa
 misterio
 Criatividade
 simplicidade
 Mistério
 Calor
 Experimentação
 Engano
 inconstância e tristeza
 Angústia
 abstrato, quebra-cabeças, elementos, aura
 emocional
 Estranhamento

Hot eather
 Beauty
 joy
 lcd, tripping
 Exploring
 damaged
 Would prefer naked men ;-) Nice effects.
 Interesting. Surrealistic.
 dream
 Bleached
 freedom
 freedom
 weird
 freedom
 bare and free
 Freedom, warmth
 dremy
 Romanticism
 more love
 Weird but in a good way. Not a good photo but
 texture is nice.
 freedom
 noothing
 excited
 porn
 carefree
 Art
 LSD
 Session
 the sound of laughter, lovely smell, disaster
 approaching
 Arousal
 Gentle
 artsy
 interest
 dream, surreal, filmsoup
 lomography
 great double exposure. great colorful picture
 dreamy
 wonder
 interesting
 Natural, experimental
 Dreaminess
 Feels nothing
 oddity
 myfridayfilms - annoying over edited work, not for
 lomography
 It's a fake lomo, def not shot in camera, someone
 very good at photoshop trying to emulate the
 'lomo' look, I don't have much feeling about this
 at all, for me that's not the point of lomography
 methaphysical feelings
 Hippys
 Experimental developing
 Confusion
 Mystery
 Experiment
 confusion

7.

there are lines at bottom and top if there weren't
 any it would be awesome shoot
 Anxious.
 Nothing
 Mistery
 double vision

Modern
 Crazy
 fading / death
 anonymity, feeling of loneliness and separtaion
 Experimenting
 not whole
 Typical (not interesting) double exposure.
 Spooky and with a good idea
 chaos
 Double exposure
 there are yes, flowers in yourself
 strangeness
 unclear not nice
 mystery
 profound
 Cold, silence

Relax
 Ensoñación
 Subrealismo
 pureza
 experimentación
 perfecta
 Nostalgia, libertad, liberación sexual, naturaleza
 f
 Encantadora
 NS/NC
 hippie word
 Ensueño
 Surrealismo
 Curiosidad
 Desinhibicion
 Libertad
 Libertad
 Tension
 Celestial

Amor
 Diversión en grupo, experimentación
 Libertad
 Libertad
 nada
 Sensualidad

This looks like fine art
 experimentation
 Desire
 experimenting
 Beautiful
 fantasy
 staged
 Nostalgic

7.

Musical
 Nostalgia
 Misterio
 pensativo, confuso, interesado
 Inquietud

Sueños
 Tranquilidad
 Sumrealismo
 poder
 sorpresa
 hermosa
 Misterio, críptico, complejo
 f
 Cliché
 NS/NC
 bah
 Intriga
 Propia naturaleza, identidad
 Curiosidad
 Onirismo
 Conexión con la naturaleza

curiosidade

Natureza
Lomografia

Simbiose

Natureza

Passado

Dispersão

profundidade da alma

Alma

Melancolia

Enclausuramento

Sentimento de luto pela dupla exposição ser uma pessoa e uma árvore frutífera

Contemplação, sobriedade

Primavera

suavidade

imagem da alma

Surreal

identificação

Poesia, complexidade de sentimentos, natureza humana.

agonia

leveza

pertencimento

Curti

Angustia

Experimento

Criatividade

Abstrato

Confusão

Gosto muito.

Same as above (Bonito, mas os efeitos estão demasiado "efeitos")

apreensão

O curso do tempo

felicidade

perfil

nada

Mistério

8.

Busca

Angustia

experimentação

Mais um LSD

Sonho

Agradável aos olhos e interessante. Bem

pensado.

caminho

Solidão

Muito interessante

mistério

Fotomontagem

perturbação

Loucura

Viajem

Experimentação

Esperança

desejo de se perder, solidão.

Aventura.

cor, universo, explosão, transcender, ficção

científica

esperança

Confusão

suspense

Morte

Lomografia

Ambiguidade

Solidão

Longitude

Busca

fantasismo

Raizes

Perseverança

Continuidade

subconscious

Double exposure workshop

double

Double exposure and b/w is good. Not very very successful shot but still.....

peace

nothing

melancholia

a

not sure

Double Effects

Happy

Double trouble

sadness, the sound of church bells, a beautiful spring morning, death

Despair

Isolated

experimental

interest

depressive

double exposition, 6x6

nice try, could have worked better but still very

nice

surreal

awe

mysterious

Blooming

Absurdity

No feelings

anxiety

Artistic, creative

not much thought evoking to me personally, just

a nice experiment

nothing

Cliche

Darkroom 101

Curiosity

Interest

Chill

ego

8.

nice double exposure

anxious.

Nothing

Long walk

amazing

Dreamy

Relief

progression

metaphor, kitch finding

Fear

searching

Great! But looks like photoshopped.

Surrealistic

nightmare

Surreal

travelling without moving

fear

very nice

dreaming

hope

Calm, cold, solitary

subconscious

Stress

t vision

This one is the most beautiful. I think I'm going to

search about this film and photographer. It's

perfect.

mystery

peaceful

amazed

b

endless adventure

Mystic

Amazed

Misterio

Confusion

Paz

Sueños

Experimentación

Extrañeza

pensativo

frialdad

Seriedad.

Surreal

double

Admiration for the technical excellence, seeing the world anew, afresh, revelatory

mystery

Experiment

enigma

technique

Amazed

8.

Frialdad

Duda

Miedo

pensativo, interesado, curioso

Misterio

Sueños

Ansiedad

Complemento

vision

....

germosa

Resiliencia, nostalgia

ff

Film swap

NS/NC

doble exposición increíble

Desafío

Metafora de un fin

Incertidumbre.

Miedo

Descubrimiento

Misterio

Confusion

Misterio

Alucinaciones

Experimentación

Locura

soledad

ansiedad

Nostalgia

Medo e fobia, pelo corredor e por ter altura.
Indecisão, dúvida, receio, esperança
Seca
perspectiva
abstratismo natural
Inesperado
estranheza

Tristeza, medo, pânico, morte, resignação.
fim certo
tempo
psicodelia
Curti
Esperança
Conceitual
Criação
Intrigante

Começar de novo

Arcade Fire - Empty Room
Mmmm...
descoberta
Infinito(s)
liberdade
experimentação
MEU DEUS QUE FOTÃO
Curiosidade

9.
Inocência
Beleza
:D
Aliens
Infância

O excesso da necessidade pelo conceitual pode acabar afetando negativamente uma boa foto, esse é um caso.

família
Expectativa
Efeito criativo
inocência
Estética Lomo
psicodélico
Afeto
Futuro
Lúdica
Curiosidade
sonho, só isso.
Felicidade.
vagalumes, complementar, centro
nada
Espanto
felicidade
Alegria
Lomografia
Desejar
Natal
Desordem
Felicidade
sensorial
Drogas
Inocência
Curiosidade

Alegrias e ao mesmo tempo angústia por estar sendo observada

Inocência, carinho, beleza
Inocência

a menina é um amor
nova experimentação na lomografia com imagem do dia a dia, nervosismo

Fantasia
olhar
Esperança.
s

lonerism
amor
Curti
Magia
Fofa
Surpresa
Fascinio
Contemplacao
Imaginação

Not analog
New life despite age, approaching the unknown
Intrigue
Curious
respectful, great shot
not much
composition
splitzer, double exposition, emotion
extraordinary picture. impressed.
surreal
awe (because that's hodgepodge haha)
beautiful perception
Curiosity, questioning
Otherworldly
Wow how it's made
haste

Experimental

suspense, dreamy
metaphysical feelings
Hodachrome
Darkroom 101
Amazement
Wonder
Anxiety
Freudian regression

9.
very nice
childhood
Happiness
Dreams
experiment

Happy
Christmas
growing up
kitch
Illusion
curiosity
Nice effect. But expensive film.
Cheesy.
stargazing
Effect film
unconditional Love
surreal
reasonable
childhood
cuteness
confusion
bonding
Kryptonite
innocent
It is really really bad. I'm sorry but I hated this.
wonder
nothing
optimistic
v
lustful
Lomography film
nostalgic

Effects on films are not mine
Expectation, excitement
Amazement
Thoughtful

funny
fun
snapshot
children
luck
surreal
wonder
interesting
Curiosity and tentation
Nostalgia
Nothing
anticipation
bizarre
cute

Experimenting

mystery
Similar to above (Admiration for the technical excellence, seeing the world a new fresh, revelatory) but too much complexity. Introduction of disorder
mystery
Surreal
solitary
interest
Sad

9.
Fantasia
Alegria
Curiosidad
nostálgico, alegre, tranquilo
Curiosidad

Inocencia
Navidad!
Magia
ternura
familiaridad
hermosa
Recuerdo, amor, cariño, nostalgia, espacio
f
Kool
NS/NC
tierno
Impaciente
Inocencia
Inocencia. Ternura.
Ternura
Potencial
Felicidad
Alegria
Magia
Ternura
Experimentación
Belleza
inocencia
nada
Curiosa

Wow

Festa infantil

curiosidade

Segredos da infância

esperança

família

nada

Intriga

10.

Vazio

Saudade

lembra pinhole

Ted

Temporalidade

Divertido.

casa

Espera

Saída dos anos 30

inocencia

Sci-fi

infância esquecida

Suspense

Saudades

Atrás

Melancolia

solidão e medo.

Medo.

lembança

saudade

Tristeza

recordação, melancolia

Infância

Lomografia

Melancolia

Inteiros

Tristeza

Nostalgia

aconchego

Mr. Bean

Nostalgia

Carência

Nostalgia da infância

Fofura, nostalgia

Terror

dia-a-dia

algo escondido, encontrado, inquietação

Sonho

inconstância

Memória afetiva, infância, amizade,

cumplicidade, solidão.

s

infância

lembranças

Curti

Sonho

Infância

Nostalgia

Nostalgia

Claro

Medo

Sad

passado

Mistério

nostalgia

memória

nostalgia, frustração

Nostalgia

11.

Pressa

Dureza, concretude

legal, mas não me emociona

Skate

Distorção

Olho de peixe me parece deveras inútil.

cidade

Imensidão

Perspectiva

curiosidae

sentiment

Expensive film

Darkroom 101

Festivity

Cute

Cold

I'm afraid she'll shoot me with her green laser

beam eye

10.

looks like an amateur shoot

nostalgic

Nothing

Past memories gone

innocence

Sad

I don't know

memory

nostalg, kitch

Childhood

loneliness

Great! A good picture to wander through. Making mind. The hand on the right side!!!

Interesting composition of the double exposure

childhood

Dark

memories of childhood

childhood

not nice

I can't say

memories

nostalgia

intimate

Kinkiness

sleeo

Feels old (in a positive way)

blues

nothing

hollow

d

nostalgic

Expired film

sadness

Endless pano

Scared, want to find something heavy and hit hard

Nostalgia

Lonely

nostalgic

not much

snapshot

caffenol, black and white

unhappy grey and alone

nostalgic

nostalgia

old memories

Nostalg Childhood

Nostalgia

Feels nothing

peace

quite

comfy, warm, homey

nostalgia

Cropped

Terrible exposure

Nostalgia

Calm

Vintage

suspense

11.

i like fisheye

travel

Nothing

Round shape

Curves

Curious

Strength

bwoop

overwhelmed by the gretness of the building

Realize how small we are

dream

False simplicity, false innocence

experiment

Cute

imagine

experiment

Cute

10.

Nostalgia

Nostalgia

Descubrimiento

nostálgico

Paz

Recuerdos

Nostalgia

Infancia

nada

....

hermosa

Nostalgia, recuerdo

f

Lychn

NS/NC

terrorífico

Frio

Tristes, inhospito

Tristeza

Nostalgia

Niñez

Nostalgia

Noistalgia

Pena

Ansiedad

Experimentación

Disparo fortuito

soledad

añoranza

Ternura

11.

Retro

pinhole

Disquiet, admiration for technique but somewhat

depressing

nostalgia

Poor processing

dream

darkness

Sad

11.

Equilibrio

Asombro

Inmensidad

interesado, curioso, sorprendido

Diversion

Nada

Inspiración

Pez

volumen

.....

Lomo
 simetria
 Distorção
 Cotidiano
 Curvas
 Pequeneza
 não sei.
 Liberdade.
 bolha, linhas, vertical
 sólido
 Vertigem
 diversão
 Diversão
 Lomografia

 Distorção
 Intriga
 Formas
 Perspectiva
 Imensidão
 empatia em perspectiva
 Viagem
 Frieza
 Modernidade
 Não sei

 Seriedade, modernidade
 Metrópole
 vertigem
 felicidade transmitida pela arquitetura
 Pequenez
 olhar
 Opressão.
 s
 concreto
 fulfillment
 Indiferente
 Imponencia
 @Prédios Feios
 Visão de sapo
 Grandioso
 Movimento
 Distorção
 Artsy
 superioridade
 Psicopatologia contemporânea
 liberdade
 testes
 casa

distorted
 Not really interesting
 Nice but gets boring too fast
 worm view
 Huge
 Concrete vs Abstract
 oppressive
 very nice
 nothing
 inspiration
 wanderlust
 city
 Too much fisheye
 design
 Looks futuristic and very nice. I love the fisheye
 lenses but I don't like the ones that have black
 borders. Still good shot.
 pollution
 nothing
 neutral
 good
 distorted
 Unrealistic
 curious
 Hard to get good fisheye shots
 Dizziness, exiting shapes, want to stop and look
 for a while
 Curiosity
 Amazed
 wanting to travel
 interest
 way to work
 fish eye
 width & limitedness
 confused
 interest
 interesting
 Small face hugeness
 Fear of authority
 Feels nothing
 precision
 distorted
 no real feeling evoked, random architecture shot
 nothing
 Interesting
 Obvious
 Dullness
 Adventurous
 Freaky

mi favorita
 Recuerdo, nostalgia,
 f
 Ojo de mi pez
 NS/NC
 slow life
 Pesado
 Arquitectura, foco
 Admiracion. Asombro.
 Frialdad
 Curvas
 Felicidad
 Excitacion
 Futurista

 Cotidianidad
 Viajes
 Nada
 frío
 templanza
 Percepcion

 nothing
 Indifference
 Futuristic
 shape
 Nausea, vertigo
 summer holiday
 Fisheye
 bold
 explorative

APÊNDICE D - SOBRE AS IMAGENS DO *CORPUS*

1 MAX STEVENS

Name of attached file: 'Stevens – 1.jpeg'
 Name of the photo: 'Cheaspeake City – AGFA CT Precisa'
 Camera: Original LOMO LC-A
 Film: Original emulsion AGFA CT Precisa, expired 2004
 Special effect/ processing: Standard exposure, XPRO processing by LomoLab
 Date: 2017-10-09
 Context of taken: This photo was taken while on a walk with my family. Dusk was approaching during a late summer evening.
 Why is this photo significant for you: There are two reasons why this photograph is significant to me. First, since I live abroad I am not able to spend time with my family. When I look at this photo, the memories of being with my family on the walk return to me. Second, I love the aesthetics of this photograph. Although this is xpro'd the colors still remain normal. When cross processing original AGFA film the colors increase in vibrancy and saturation, but still remain their natural color. Also I love the grain of original emulsion AGFA films. Vignetteing is very pronounced using the original LOMO LC-A as the dreamy blues fall off to darkness.

2 MAX STEVENS

Name of attached file: 'Stevens – 2.jpeg'
 Name of the photo: 'Gdańsk – AGFA RSX'
 Camera: Original LOMO LC-A
 Film: AGFA RSX II 100, expired 2004
 Special effect/ processing: : Standard exposure, XPRO processing by LomoLab
 Date: 2017-06-30
 Context of taken: This photo was taken while on a solo walk around the city I live in. It was one of the first 120 format rolls I shot.
 Why is this photo significant for you: Aesthetically I think this has a lot of characteristics of a classic lomograph. The colors are extra vibrant, but still kind of natural, unlike the complete color casts other films produce when xpro'd. I also like the sharpness and clarity of the photo. Additionally this was one of the first 120 rolls I shot.

3 MAX STEVENS

Name of attached file: 'Stevens – 3.jpeg'
 Name of the photo: 'Gdańsk – AGFA'
 Camera: Original LOMO LC-A
 Film: Original emulsion AGFA CT Precisa, expired 2007
 Special effect/ processing: Standard exposure, XPRO processing by LomoLab
 Date: 2017-06-02
 Context of taken: On many of my solo walks around the city I live I take along with me my LC-A. This photo was taken while heading home crossing above railroad tracks.
 Why is this photo significant for you: My solo walks around the city are a way for me to decompress and spend some alone time. I love the colors of original emulsion AGFA CT Precisa, exaggerated, but still natural colors. The vignetting of the LC-A lens also adds to the contrast and atmosphere of the photo. I appreciate the high saturation, high contrast that only a few xpro films can produce.

4 EWERTON HISSAO

Nome do arquivo anexo: Diana
 Nome da foto: Av. Paulista
 Câmera: Diana
 Filme: Lomography Color Negative 100 (120)
 Revelação/efeito especial: Revelação processo comum c-14
 Data: boa pergunta, eu sei que foi em 2011
 Contexto de captura: o contexto dessa imagem é que foi para terminar o filme no caminho para o laboratório que ficava na Rua Augusta.
 Porque essa foto é significativa para você: Essa foto foi tirada no primeiro filme na primeira Lomo que comprei, uma Diana f+

5 EWERTON HISSAO

Nome do arquivo anexo: holga
 Nome da foto: Ibirapuera e sua arquitetura
 Câmera: Holga
 Filme: Lomography 100 P&B 120
 Revelação/efeito especial: revelado em casa
 Data:
 Contexto de captura: foi primeira experiencia com uma câmera Lomo
 Porque essa foto é significativa para você: Como disse no contexto, foi a primeira vez que sai para fotografar com uma Lomo e foi quando ocorreu o evento <https://vimeo.com/22535969> o qual participei e conheci muitos lomografos.

6 EWERTON HISSAO

Nome do arquivo anexo: fisheye 2
 Nome da foto: Lomowall sp
 Câmera: Fisheye 2
 Filme: perfilme 100 kodak
 Revelação/efeito especial: C14
 Data: 2012
 Contexto de captura: um happy hour/festa na loja da lomo.
 Porque essa foto é significativa para você: Foi a primeira câmera que eu comprei na loja da Lomo em SP

7 GUILHERME VIEIRA

Nome do arquivo anexo: Foto (1).jpg
 Nome da foto: Um dia de domingo
 Câmera: Minolta x-370
 Filme: -
 Revelação/efeito especial: C-41
 Data: Agosto de 2019
 Contexto de captura: Queria fazer fotos com movimento, então fui com um primo meu andar de skate em um parque de São Paulo capital.
 Porque essa foto é significativa para você: Quando revelei e ampliei as fotos, elas não ficaram como eu imaginava, então resolvi intervir nas ampliações. Utilizando água sanitária consegui dissolver as camadas de tinta do papel fotográfico obtendo alguns efeitos interessantes que em alguns casos parecem light leaks. Esse ensaio me mostrou que as intervenções e experimentações na fotografia analógica podem ir além da revelação, sem necessariamente passar por processos mais trabalhosos de ampliação.

8 GUILHERME VIEIRA

Nome do arquivo anexo: Foto (2).jpg
 Nome da foto: Sem título
 Câmera: LOMO LC-A
 Filme: Legacy Pro ISO 200
 Revelação/efeito especial: Diafine
 Data: Fevereiro de 2016
 Contexto de captura: Visita a cidade de Londrina, Paraná.
 Porque essa foto é significativa para você: São dois pontos que me atraem a esta foto, um é o lado técnico, quando peguei a LC-A não esperava obter uma imagem tão nítida e o segundo é fato dela parece um outro lugar e não o que eu estava, a composição e a luz dão uma imponência ao pedaço de parede central, que o faz não parecer uma coisa tão banal como realmente era.

9 GUILHERME VIEIRA

Nome do arquivo anexo: Foto (3).jpg

Nome da foto: Sem título

Câmara: Pentax MX + Olympus Trip 35

Filme: Kodak Ektachrome ISO 100

Revelação/efeito especial: Processo cruzado (C-41)

Data: Março de 2016

Contexto de captura: **Visita a cidade de Londrina, Paraná.**

Porque essa foto é significativa para você: Gosto da história por trás dessa série de fotos, que foi a **primeira vez** que fiz um filme inteiro com **dúpla exposição** sendo a primeira minha e a segunda da **minha companheira**, com câmeras e em cidades diferentes. Essa **troca de filmes por pessoas** em cidades diferentes era algum comum **na comunidade lomográfica**. A imagem escolhida apresenta o **contraste** entre os dois tipos de lentes das câmeras utilizadas, uma grande angular e outra comum. As duplas exposições mais **processos diferentes de revelação como o cruzado, as diferenças nas lentes** fazem com essa imagem me lembre uma **atmosfera surreal, quase como um sonho**.

10 GORETTI FEITOSA

Nome do arquivo anexo: Supersampler Praia de Iracema

Nome da foto: Do Mar à Cidade

Câmara: Supersampler

Filme: Lomography Color negative 400 (35mm)

Revelação/efeito especial: Nenhum efeito. O filme é a graça da coisa.

Data: Não me recordo.

Contexto de captura: **Estava nesse espigão observando as pessoas do ângulo do mar à cidade.**

Porque essa foto é significativa para você: Porque foi uma das **primeiras vezes** que usei essa câmera e seu mecanismo é muito frágil. Vc não tem visor e passa a foto usando uma cordinha.

11 GORETTI FEITOSA

Nome do arquivo anexo: Fisheye Palhaceata

Nome da foto: O palhaço e a cidade

Câmara: Lomography Fisheye Nº 2

Filme: Lomography Color negative 400 (35mm)

Revelação/efeito especial: Sobreposição de imagens

Data: Não me recordo.

Contexto de captura: Foi **numa passeata de palhaços** na cidade de Fortaleza. Chamada Palhaceata.

Porque essa foto é significativa para você: Porque **eu gostei desse dia**, me renderam excelentes clicks.

12 GORETTI FEITOSA

Nome do arquivo anexo: Fisheye Praia do Futuro

Nome da foto: Nordeste cultural

Câmara: Lomography Fisheye Nº 2

Filme: Lomography Redscale

Revelação/efeito especial: Só a beleza desse filme vermelho

Data: Não me recordo.

Contexto de captura: **Estava na praia e esses artistas passaram e posaram pra mim**

Porque essa foto é significativa para você: Porque o Ceará é um lugar **de gente batalhadora**. E a praia é o lugar mais democrática culturalmente e economicamente falando. Sinto **orgulho da minha gente**. E o **torrão do vermelho no sol** fez a imagem ficar mais interessante.

13 GORETTI FEITOSA

Nome do arquivo anexo: Supersampler noivos

Nome da foto: Juntinhos

Câmara: Lomography Supersampler

Filme: Fuji Provia

Revelação/efeito especial: Só o filme verde

Data: Não me recordo.

Contexto de captura: Fotografei a vitrine de loja de noivas, achei eles **em total parceria**.

Porque essa foto é significativa para você: Eu gosto de fotografar **cenários urbanos**.

14 GUILLERMO BOBZIN

Nombre del archivo adjunto: sailing

Nombre de la foto: Land Ahoy!

Cámara: LaSardina (probablemente)

Película: Kodak Ultramax 400

Revelado / efecto especial: escaneado directamente – sin impresión.

Fecha: Marzo 2014

Momento de la foto: **volviedo de un viaje a Uruguay en velero. Atardecer llegando a la ciudad.**

¿Por qué esta foto es significativa para usted? Me gusta la **composición**, transmite una sensación que me agrada y me recuerda a un viaje.

15 GUILLERMO BOBZIN

Nombre del archivo adjunto: sabre

Nombre de la foto: ninguno

Cámara: Frogeye (posiblemente)

Película: Kodak ProlImage100 (posiblemente)

Revelado / efecto especial: escaneado directamente – sin impresión.

Fecha: 2012-2013

Momento de la foto: **noche con amigos**

¿Por qué esta foto es significativa para usted? Mi retrato en Lomo, no tengo muchos. Es **un recuerdo de un grupo de amigos importante que hoy vive en distintos lugares del mundo**.

16 GUILLERMO BOBZIN

Nombre del archivo adjunto: Worlds End

Nombre de la foto: World's End

Cámara: LaSardina

Película: Lomography Redscale 400

Revelado / efecto especial: Redscale.

Fecha: 21-12-2012

Momento de la foto: Paseo por la playa con **mis padres y mi (entonces) pareja**.

¿Por qué esta foto es significativa para usted? **Me recuerda un momento feliz, gente querida, curiosamente la fecha (21/12/12) era mencionada como "fin del mundo" y me encontraba en una región conocida como "fin del mundo"**. Me agrada mucho **el efecto redscale**.

17 JULIET FLYNN

Name of attached file: Wedding

Name of the photo: Untitled

Camera: Lomo Diana Mini

Film: Kodak Portra 800

Special effect/ processing: None

Date: 3rd June 2017

Context of taken: At my **best friend's wedding** (the bride and groom are the people in the picture) in **Nottingham, UK**

Why is this photo significant for you: The picture is **quite timeless- it looks as though it could have been taken in the 1970s**. I really love the slightly washed-out overexposure, and the way the sunlight glows off the picture. I also think the square format is more suitable for portraits than the standard rectangular 35mm format.

18 JULIET FLYNN

Name of attached file: Flowers

Name of the photo: Untitled

Camera: Lomo Diana Mini

Film: Lomography 400

Special effect/ processing: Double exposure

Date: 11 June 2016

Context of taken: **On the first day of our honeymoon on Santorini, Greece**

Why is this photo significant for you: This was **the first ever** Lomo photo I took, and it was an **accidental double exposure**. I took a photo of the red flowers, but **forgot the wind the film on** (as I had never used a **fully manual analogue camera before**), then **my husband** took a photo of me. The fact that the photo was taken in a blindingly sunny environment really shows what Lomo is best for- **colour contrast and sharp double exposures**.

19 JULIET FLYNN

Nome do arquivo anexo: Leaves

Nome da foto: Untitled

Câmera: Lomo Diana Mini

Filme: Fujifilm C200

Efeito especial/ processamento: Double exposure

Data: Approximately mid-May 2017

Contexto de captura: On a daytrip to Heybeliada island, off the coast of Istanbul, Turkey

Porque essa foto é significativa para você: As I mentioned above, I think the Diana Mini takes its best photos in very bright sunlight with high colour contrast. I like the way my husband appears to be camouflaged in the leaves, as if he's emerging out of a wall. I also like the very natural pose as my husband is mid-speech or mid-movement.

20 MARTA BAÑÓN

Nombre del archivo adjunto: Shepherds.jpg

Nombre de la foto: 15. The Shepherds

(<https://www.lomography.com/homes/motagirl2/photos/16997404>)

Cámara: Lomography Diana F+

Película: Lomography Color Negative 400 (120mm)

Revelado / efecto especial: C41

Fecha: Agosto 2012

Momento de la foto: Acabábamos de subir a la montaña más alta de la España peninsular (el Mulhacén), en una ruta que nos había tomado un par de días, y estábamos a punto de emprender la bajada. Justo entonces aparecieron unos pastores a caballo, me di la vuelta y los fotografié.

¿Por qué esta foto es significativa para usted?

Me recuerda la aventura que vivimos, y todas las buenas sensaciones que sentí.

21 MARTA BAÑÓN

Nombre del archivo adjunto: us.jpg

Nombre de la foto: 8. Us

(<https://www.lomography.com/homes/motagirl2/photos/20137684>)

Cámara: Lomography Diana F+

Película: Fuji Superia 100 (120mm)

Revelado / efecto especial: C41

Fecha: Agosto 2014

Momento de la foto: Habíamos pasado las vacaciones en Oporto (Portugal), mi chico y yo acabábamos de volver a casa y necesitaba disparar una foto más para terminar el rollo y enviar todos los carretes al laboratorio.

¿Por qué esta foto es significativa para usted?

Porque no solemos tomarnos selfies "de pareja", y este me parece muy divertido y original.

22 MARTA BAÑÓN

Nombre del archivo adjunto: fishing.jpg

Nombre de la foto: 1. Fishing gear

(<https://www.lomography.com/homes/motagirl2/photos/20418271>)

Cámara: Lomography Diana F+

Película: Lomography XPro 200 (120mm)

Revelado / efecto especial: C41

Fecha: Abril 2015

Momento de la foto: Durante una visita a un precioso pueblo pesquero durante unas vacaciones en la isla de Mallorca, con mis amigas.

¿Por qué esta foto es significativa para usted?

Porque me sorprendieron fuertemente los colores que tiene esta fotografía la primera vez que la ví.

23 KAROL KHALED

Nome do arquivo anexo: mundo céu

Nome da foto: sem título

Câmera: super sampler

Filme: 35 mm

Revelação/efeito especial:

Data: 2011

Contexto de captura:

Porque essa foto é significativa para você:

Foi de onde comecei o projeto da exposição mundo céu.

24 KAROL KHALED

Nome do arquivo anexo: 062330

Nome da foto: sem título

Câmera: super sampler

Filme: 35mm

Revelação/efeito especial:

Data:

Contexto de captura:

Porque essa foto é significativa para você: faz parte da exposição mundo céu.

25 KAROL KHALED

Nome do arquivo anexo: 6975

Nome da foto: sem título

Câmera: oktomat

Filme: 35.mm

Revelação/efeito especial:

Data:

Contexto de captura:

Porque essa foto é significativa para você:

Acho que demonstra um pouco do mundo em que vivemos hoje. De muitas informações e poucos espaços.

26 JORGE SATO

Nome do arquivo anexo: 000348350014 edit

Nome da foto: Cristo

Câmera: Lomo LCA+

Filme: Kodak Colorplus

Revelação/efeito especial: C41

Data: 2011

Contexto de captura:

Porque essa foto é significativa para você: Tentei passar a ideia de grandiosidade de Cristo abraçando o Rio.

27 JORGE SATO

Nome do arquivo anexo: 001066600018 edit

Nome da foto: Urca

Câmera: Lomo LCA+

Filme: Kodak Pro Image 100

Revelação/efeito especial: C41

Data: 2016

Contexto de captura:

Porque essa foto é significativa para você: Uma de minhas maiores referências não são outros fotógrafos, mas sim pintores. Quando uma foto remete a uma estética semelhante às pinturas isso me marca bastante.

28 JORGE SATO

Nome do arquivo anexo: Scan-130309- 0010 edit

Nome da foto: Metropolis

Câmera: Lomo LCA+

Filme: Lomo Xpro 100

Revelação/efeito especial: Xpro

Data: 2012

Contexto de captura:

Porque essa foto é significativa para você: Essa imagem faz parte da exposição "São Paulo Neo Noir", meu primeiro projeto exposto em um grande museu (MIS-SP). Foi a primeira vez que fiz um ensaio com fotos revelados em Xpro (E6 em químico C41)

29 MASSAO MATSUHASHI

Nome da foto: merging with the city

30 MASSAO MATSUHASHI

Nome da foto: self portrait

31 MASSAO MATSUHASHI

Nome da foto: super star

32 PHILIPPE MACHADO

Nome da Foto: **Alegria**

Camera: Holga 120N

Filme: [Lomography XPro 200 ISO 35mm](#)

(https://www.lomography.com.br/homes/philippe_machado/films/8719245

84-lomography-xpro-200-iso-35mm/photos?order=popular)

Revelação / efeito especial: Processo Cruzado (Cromo revelado como C-41)

Data: Junho 2010

Contexto da captura: **Passeando pela Quinta da Boa vista**, vejo um garoto descendo pela grama super rápido.

Por que essa foto significa para mim: pela espontaneidade e **pela sensação de movimento** que a foto transmite.

33 PHILIPPE MACHADO

Nome da Foto: **Vai uma melancia?!!!!**

Camera: Diana F+

Filme: [Lomography Color Negative 400 \(35mm\)](#)

(https://www.lomography.com.br/homes/philippe_machado/films/8719122

46-lomography-color-negative-400-35mm/photos?order=popular)

Revelação / efeito especial: Revelação normal (C-41) e uso do 35mm Back (adaptador da diana f+ para filmes comuns de 35mm.

Data: Agosto 2010

Contexto da captura: **Um dia na praia** para **testar o adaptador**, fiz varias fotos de vendedores ambulantes. Essa é a mais bacana.

Por que essa foto significa para mim: Gosto muito das cores **e do trilha passando no chapéu do vendedor**. E os olhos dele na sombra trazem um pouco de **mistério a foto**.

34 PHILIPPE MACHADO

Nome da Foto: **Surrealismo Analógico**

Camera: Lomo LC-A+

Filme: [Kodak Portra 160 VC](#)

(https://www.lomography.com.br/homes/philippe_machado/films/8719244

22-kodak-portra-160-vc/photos?order=popular)

Revelação / efeito especial: Revelação normal. Dupla exposição com uso do Splitzer protegendo um lado e depois invertendo a posição.

Data: Nov 2010

Contexto da captura: **Estava em Juazeiro do Norte** e primeiro fiz manequim e fiquei buscando uma imagem complementar até que achei o cavalinho de madeira.

Por que essa foto significa para mim: **As duas fotos parecem uma** e eu acho muito **divertida!**

35 PHILIPPE MACHADO

Nome da Foto: 4xDOG

Camera: Lomography Supersampler

Filme: [Lomography Color Negative 400 \(35mm\)](#)

(https://www.lomography.com.br/homes/philippe_machado/films/8719122

46-lomography-color-negative-400-35mm/photos?order=popular)

Revelação / efeito especial: Normal

Data: Jan 2010

Contexto da captura: Andando na praia, vejo um cachorro sair do mar. Me posiciono na frente porque normalmente os cachorros se secam quando estão molhados. Deu certo.

Por que essa foto significa para mim: A foto é simples e até fácil de fazer, mas tem que estar ali, esperando. E eu adoro a cara do cachorro principalmente no segundo frame.

36 PHILIPPE MACHADO

Nome da Foto: **Na Estrada**

Camera: Lomography Spinner 360

Filme: [Lomography Color Negative 800 ISO 35mm](#)

(https://www.lomography.com.br/homes/philippe_machado/films/8719122

47-lomography-color-negative-800-iso-35mm/photos?order=popular)

Revelação / efeito especial: nenhum

Data: Nov 2010

Contexto da captura: Estávamos na estrada quando vi um carro antigo super conservado. Abri a janela e pedi pro **meu amigo** que estava no banco da frente colocar a cara pra fora. E girei a camera.

Por que essa foto significa para mim: Tem um monte de informação nessa foto. O nosso contexto dentro do carro e **o prazer do motorista** do carro antigo. **O azul** do carro antigo é a cereja do bolo (ops, da foto!).

37 PHILIPPE MACHADO

Nome da Foto: Bom Jesus

Camera: Lubitel 166+

Filme: [Kodak E100VS](#)

(https://www.lomography.com.br/homes/philippe_machado/films/8719563

55-kodak-e100vs/photos?order=popular)

Revelação / efeito especial: Processo Cruzado (cromo revelado com negativo C-41)

Data: Nov 2010

Contexto da captura: Vi **o painel com a Santa Ceia e esperei as coisas aconteceram**.

Por que essa foto significa para mim: Guardando as devidas proporções, essa é a minha foto que mais se aproxima do meu entendimento por **Momento Decisivo, conceito lançado por Cartier-Bresson**. Na minha opinião, tudo conversa nessa foto e a transforma quase numa **pintura**.



Amanda largas <largas.amanda@gmail.com>

Pesquisa sobre Lomografia

Jorge Sato <[REDACTED]>
To: Amanda largas <largas.amanda@gmail.com>
Oba, boba! Segue a autorização:

Autorização de uso de informações e imagens

Eu, Jorge Tadao Sato, brasileiro, 29.626.626-7, autorizo Amanda Elissa largas, mestranda do curso de Pós Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Paraná a publicar meu nome, e utilizar as informações e imagens por mim fornecidas para fins acadêmicos e relacionados com a dissertação "No rolê e no rolê: A nostalgia e o experimental na fotografia analógica da lomografia".
Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo apenas o uso acima descrito, sem que haja a ser reclamado a título de direitos conexos às minhas imagens, informações ou a qualquer outro.

São Paulo, 5 de Maio de 2018.

Muito obrigado

Autorização do uso de informações e imagens

Karol Khaled <[REDACTED]>
To: Amanda largas <largas.amanda@gmail.com>

Oi Amanda. Posso sim. Obrigada!

Em sábado, 5 de maio de 2018, Amanda largas <largas.amanda@gmail.com> escreveu:
Olá!
Poderia me autorizar oficialmente a utilizar as informações e imagens que coletei?

Segue o modelo da autorização, basta copiar, preencher suas informações e me reenviar colbcando o texto no corpo do email.
Obrigada!

Autorização de uso de informações e imagens

Eu, Karol Khaled Conceição, brasileira, rg 4680755, autorizo Amanda Elissa largas, mestranda do curso do Pós Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Paraná a publicar meu nome, e utilizar as informações e imagens por mim fornecidas para fins acadêmicos e relacionados com a dissertação "No rolê e no rolê: A nostalgia e o experimental na fotografia analógica da lomografia".
Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo apenas o uso acima descrito, sem que haja a ser reclamado a título de direitos conexos às minhas imagens, informações ou a qualquer outro.

Belém, 6 de maio de 2018.



Amanda largas <largas.amanda@gmail.com>

Autorização de uso de informações e imagens

3 mensagens

Guilherme Vieira <[REDACTED]>
To: Amanda largas <largas.amanda@gmail.com>
Cc: Gabriela Pires <[REDACTED]>

Olá Amanda, segue a autorização:

Autorização de uso de informações e imagens

Eu, Guilherme de Souza Vieira, Brasileiro, 44.949.233-3, autorizo Amanda Elissa largas, mestranda do curso de Pós Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Paraná a publicar meu nome, e utilizar as informações e imagens por mim fornecidas para fins acadêmicos e relacionados com a dissertação "No rolê e no rolê: A nostalgia e o experimental na fotografia analógica da lomografia".
Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo apenas o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos às minhas imagens, informações ou a qualquer outro.

São Paulo, 07 de Maio de 2018.

Até mais,

Guilherme Vieira
guilhermevieira.inf@estudiodao.com
norte.in

Gabriela Pires <[REDACTED]>
Reply-To: Gabriela Pires <[REDACTED]>
To: Guilherme Vieira <[REDACTED]>
Cc: Amanda largas <largas.amanda@gmail.com>

Olá! Segue a minha autorização!

Autorização de uso de informações e imagens

Eu, Gabriela Pires da Silva, Brasileira, 40.529.506-6, autorizo Amanda Elissa largas, mestranda do curso de Pós Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Paraná a publicar meu nome, e utilizar as informações e imagens por mim fornecidas para fins acadêmicos e relacionados com a dissertação "No rolê e no rolê: A nostalgia e o experimental na fotografia analógica da lomografia".
Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo apenas o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos às minhas imagens, informações ou a qualquer outro.

São Paulo, 10 de Maio de 2018.

<div><div><div></div><div>Gmail</div></div><div><div>Amanda largas <iargas.amanda@gmail.com></div><div>1 message</div></div></div>	<div><div><div></div><div>Gmail</div></div><div><div>Amanda largas <iargas.amanda@gmail.com></div><div>1 message</div></div></div> <div><div><div>Autorização de uso de informações e imagens</div><div>1 message</div></div><div><div>Lucas Ryoiti Maruo <[REDACTED]> To: largas.amanda@gmail.com</div><div>Wed, May 9, 2018 at 6:56 PM</div><div>Autorização de uso de informações e imagens Eu, Lucas Ryoiti Maruo, brasileiro, identidade 6129055-9PR, autorizo Amanda Elissa largas, mestranda do curso de Pós Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Paraná a publicar meu nome, e utilizar as informações e imagens por mim fornecidas para fins acadêmicos e relacionados com a dissertação "No rolo e o rolê: A nostalgia e o experimental na fotografia analógica da lomografia". Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo apenas o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos às minhas imagens, informações ou a qualquer outro. Curtitiba, 9 de maio de 2018.</div><div><div>Guillermo Bobzin <[REDACTED]> To: Amanda largas <iargas.amanda@gmail.com></div><div>Mon, May 7, 2018 at 12:30 AM</div><div>Hola Amanda, Ningún problema! Yo, Guillermo Bobzin, Argentino, 31506901 autorizo a Amanda Elissa largas, estudiante de maestría en Sociología en la Universidad Federal do Paraná, para que haga uso de la información y imágenes fornecidas por mí con fines académicos relacionados a la tesis "No rolo e no rolê: A nostalgia e o experimental na fotografia analógica da lomografia". De igual manera, es mi deseo declarar que esta autorización es voluntaria y gratuita, estableciendo que se utilizará única y exclusivamente para los fines antes señalados. Las fotografías compartidas son personales de mí y mi familia, por lo que si no es problema quisiera un link al trabajo terminado para ver como se utilizaron una vez que lo hayas presentado. Saludos, Guillermo [Quoted text hidden] marta - motagirl</div></div></div></div>	<div><div><div></div><div>Gmail</div></div><div><div>Amanda largas <iargas.amanda@gmail.com></div><div>1 message</div></div></div> <div><div><div>Autorização de uso de informações e imagens</div><div>1 message</div></div><div><div>mabbom <[REDACTED]> To: largas.amanda@gmail.com</div><div>Sat, May 5, 2018 at 1:15 PM</div><div>Autorização de uso de informações e imagens Eu, (Mabbom Santos, brasileiro, RG: 11266955-1, autorizo Amanda Elissa largas, mestranda do curso de Pós Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Paraná a publicar meu nome, e utilizar as informações e imagens por mim fornecidas, inclusive no que se refere à minha filha Sophia Figueiredo Santos, (7 meses), para fins acadêmicos e relacionados com a dissertação "No rolo e o rolê: A nostalgia e o experimental na fotografia analógica da lomografia". Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo apenas o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos às minhas imagens, informações ou a qualquer outro. São Paulo, 05 de Maio de 2018,</div><div><div>Liliane Rodrigues <[REDACTED]> To: iargas.amanda@gmail.com</div><div>Wed, May 9, 2018 at 7:41 PM</div><div>Autorização de uso de informações e imagens Eu, Liliane Rodrigues Tavares de Souza Figueiredo, brasileira, cpf 10744191700, autorizo Amanda Elissa largas, mestranda do curso de Pós Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Paraná a publicar meu nome, e utilizar as informações e imagens por mim fornecidas, inclusive no que se refere à minha filha Sophia Figueiredo Santos, 7 meses, para fins acadêmicos e relacionados com a dissertação "No rolo e o rolê: A nostalgia e o experimental na fotografia analógica da lomografia". Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo apenas o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos às minhas imagens, informações ou a qualquer outro. São Paulo, 8 de maio de 2018.</div><div><div>Erica Sayuri Nishimurota <[REDACTED]> To: iargas.amanda@gmail.com</div><div>Wed, May 9, 2018 at 7:45 PM</div><div>Olá, tudo bem? Segue a autorização de uso de informações e imagens. Eu, Erica Sayuri Nishimurota, brasileira, Registro geral 30913557-6 autorizo Amanda Elissa largas, mestranda do curso de Pós Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Paraná a publicar meu nome, e utilizar as informações e imagens por mim fornecidas para fins acadêmicos e relacionados com a dissertação "No rolo e o rolê: A nostalgia e o experimental na fotografia analógica da lomografia". Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo apenas o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos às minhas imagens, informações ou a qualquer outro. São Paulo, 09 de maio de 2018.</div></div></div></div></div>
--	---	--

I, (Max Stevens), (American), (0689) hereby allow and authorize Amanda Elissa largas, master student in Sociology at Universidade Federal do Paraná, to publish my name and to use the information and images provided by me for academic purposes related with the thesis "No rolo e o rolê: A nostalgia e o experimental na fotografia analógica da lomografia".
Accordingly, I authorize only the use described above, released from any and all liability related to dissemination of my images and information.

(Gdansk), (14.05.2018).

May 14 (1 day ago)

OLHOS NOS OLHOS: PERSONAGENS

ANTES DE ANOITECER



31

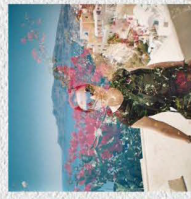


16

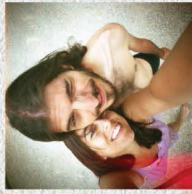
FLORES NA
CABEÇA E
PÉTALAS NO
CORACÃO:
LOMOGRAFIAS
DE CASAS



19



18



21



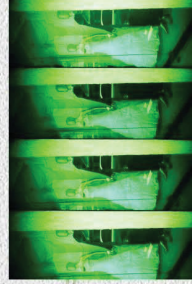
17

AO INFINITO E ALÉM: EXTRAPOLAÇÕES

MANEQUINS
SURREAIS



34



13

LOMO OU NÃO LOMO,
EIS EXPERIMENTAÇÃO!



07

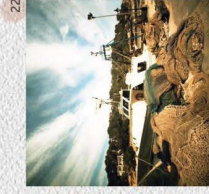


09

MUNDO MUNDO VASTO MUNDO: PAISAGENS



23



22



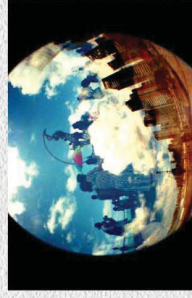
20



14



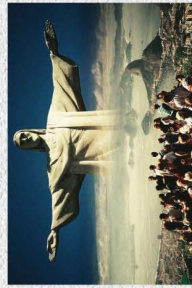
27



11



12



26

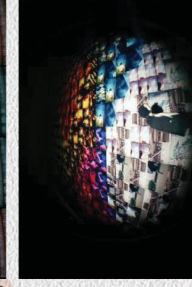
BUCÓLICAS



36

MEGALOMÓPOLIS: URBANIDADES

HISTÓRIA EM
QUADRINHOS: FRAGMENTOS



06



10



24

QUATRO OU
QUANTAS PAREDES?



05



28



37



01



02

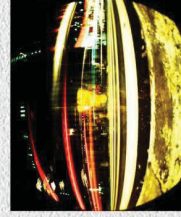
TANTA VOLTA PRA NENHUMA RESPOSTA: CINESIAS URBANAS



03



04



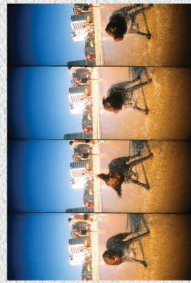
29



33



30



35



15